



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**JULIANA GALVÃO DE MATOS BRITO MAIA**

**O PROJETO COMPROVA E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE  
PÓS-VERDADE E DE FAKE NEWS**

**FORTALEZA**

**2023**

**JULIANA GALVÃO DE MATOS BRITO MAIA**

**O PROJETO COMPROVA E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE  
PÓS-VERDADE E DE FAKE NEWS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

**Área de concentração:** Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

**Linha de Pesquisa:** Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.

**FORTALEZA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M186p Maia, Juliana Galvão de Matros Brito.  
O Projeto COMPROVA e a mediação da informação em tempos de pós-verdade e fake news / Juliana Galvão de Matros Brito Maia. – 2023.  
166 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.
1. Mediação da informação. 2. Jornalismo. 3. Fakenews. 4. Projeto COMPROVA. 5. Checagem de notícias. I. Título.

CDD 020

---

**JULIANA GALVÃO DE MATOS BRITO MAIA**

**O PROJETO COMPROVA E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE  
PÓS-VERDADE E DE FAKE NEWS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 25/10/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. O Dr. Luiz Tadeu Feitosa  
Orientador – Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo (membro externo)  
Escola de Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Ao papai e ao Fabinho,  
meus amores infinitos.

## AGRADECIMENTOS

Voltar à universidade após mais de 20 anos é um desafio enorme. Por isso, agradeço imensamente o apoio do professor e amigo Tadeu Feitosa, que acreditou na minha pesquisa e me orientou com firmeza e generosidade. Em nome dele, agradeço também todos os professores do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Sinto que cada disciplina me fez uma estudante melhor.

Nessa caminhada, não tenho como não exaltar a parceria que tive em casa para momentos tão difíceis, afinal de contas equilibrar trabalho, mestrado, casa e maternidade não é tranquilo. Meu marido, Deda, e meus filhos, João Pedro e Maria Alice, não apenas entenderam as ausências e os momentos de mais cansaço, como me ajudaram a atravessar as fases mais atribuladas, sempre acreditando em mim.

Perdi meu pai durante o mestrado. Uma dor gigantesca. Mas, com minha mãe e meus irmãos por perto, a minha impressão, durante todo o percurso, foi de que ele também estava ali, junto a eles, me apoiando em cada passo. Assim como o papai, mamãe e meus irmãos foram essenciais na minha caminhada.

Não vou trazer aqui os nomes de cada colega do O Povo que vibrou comigo com a conquista de voltar a estudar e fazer um mestrado. São muitos. Colegas e amigos do jornal O Povo, do portal O Povo Online e, mais recentemente, da rádio O Povo CBN me ajudaram, tiveram paciência nas minhas ausências, entenderam meu estresse. Seria difícil passar por tudo sem um apoio tão sólido e genuíno.

Agradeço também aos professores Jefferson Veras e Carlos Alberto Ávila de Araújo, que participaram da minha banca de qualificação e ajudaram de forma fundamental para correção de rotas da pesquisa.

Por fim, quero agradecer aos meus colegas de mestrado, aos funcionários do PPGCI, à Veruska Maciel - que nos acolhe e ajuda de forma calorosa na administração e à bibliotecária Aryadna Castro, mestranda do PPGCI que normatizou essa dissertação com competência, organização e esmero.

## RESUMO

Em tempos de pós-verdade, as notícias enganosas - ou como ficaram mais conhecidas, as fake news - são responsáveis por grandes mudanças na relação entre as pessoas. As redes sociais transformaram a forma de comunicação, deixando-a mais ágil, simples e trivial. Acontecimentos como as eleições de Donald Trump e o plebiscito do Brexit são considerados por analistas internacionais como o início da forma mais contundente de mudança de realidade a partir da difusão de notícias falsas. No Brasil, as eleições de 2018 também foram carregadas de desinformação. Após esses fatos, o planeta tem vivenciado uma pandemia de Covid-19. E isso se tornou mais um ingrediente para fomentar a onda de desinformação. Vivemos em tempos de infodemia. Muita informação em um cenário de pós-verdade, onde as crenças pessoais valem mais que os fatos reais. Fundamentado nos fenômenos da Ciência da Informação e da Comunicação, essa pesquisa analisa como o jornalismo se comporta nessa nova conjuntura. A partir da análise de conteúdo, de um levantamento bibliográfico com base nas teorias da comunicação e da informação e de análise de conteúdo do Projeto Comprova, demonstra-se como a mediação realizada a partir dos sites de checagem de notícias são instrumentos para o combate a fake news, contra a disseminação de desinformação na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Fake News; Pós-verdade; Comunicação; Informação; Jornalismo.

## **ABSTRACT**

In post-truth times, misleading news - or as it became better known, fake news - are responsible for major changes in the relationship between people. Social networks have transformed the form of communication, making it more agile, simple and trivial. Events such as Donald Trump's elections and the Brexit plebiscite are considered by international analysts as the beginning of the most forceful way of changing reality from the spread of false news. In Brazil, the 2018 elections were also fraught with disinformation. After these facts, the planet has experienced a Covid-19 pandemic. And that became another ingredient to fuel the wave of disinformation. We live in infodemic times. Lots of information in a post-truth setting, where personal beliefs are worth more than real facts. Based on the phenomena of Information and Communication Science, this research analyzes how journalism behaves in this new situation. Based on content analysis, a bibliographic survey based on the theories of communication and information and a content analysis of the Comprova Project, it is demonstrated how the mediation carried out from news checking sites are instruments for combating fake news, against the dissemination of disinformation in contemporaneity.

**Keywords:** Fake News; Post-truth; Communication; Information; Journalism.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Teorias da CI.....	60
<b>Quadro 2</b> - Princípios orientadores do Projeto Comprova.....	88
<b>Quadro 3</b> – Etiquetas usadas pelo Projeto Comprova.....	89
<b>Quadro 4</b> – Mortes.....	94
<b>Quadro 5</b> – Mortes em crianças.....	97
<b>Quadro 6</b> - HIV, câncer e HPV.....	100
<b>Quadro 7</b> – Rastreamento.....	102
<b>Quadro 8</b> – Magnetismo.....	105
<b>Quadro 9</b> – Ivermectina.....	108
<b>Quadro 10</b> – Cloroquina.....	110
<b>Quadro 11</b> – Câncer.....	114
<b>Quadro 12</b> – Cúrcuma.....	117
<b>Quadro 13</b> – ANVISA.....	119
<b>Quadro 14</b> – Órfãos.....	120
<b>Quadro 15</b> - Adolescente.....	122
<b>Quadro 16</b> – Sistema imunológico.....	124
<b>Quadro 17</b> - Bolsonaro.....	126
<b>Quadro 18</b> - Doação de alimentos.....	129

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1. Problema de pesquisa	12
1.2. Objetivos	13
1.3. Justificativa	13
<b>2 COMUNICAÇÃO: DA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA À LUTA CONTRA A DESINFORMAÇÃO</b>	<b>16</b>
2.1 Cultura e comunicação: um caminhar em conjunto	22
2.2 Processos mediacionais sobre as notícias	24
2.3 Jornalismo em tempos de redes sociais	27
2.4 Pós-verdade, desinformação e checagem de notícias	29
<b>3 SOBRE MEDIAÇÕES</b>	<b>38</b>
3.1 Mediação cultural: “o algo no lugar do nada”, onde tudo começa	40
3.2 Mediação comunicacional: o “cimento social” que une as pessoas	47
<b>4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DOS FLUXOS À MEDIAÇÃO</b>	<b>54</b>
4.1 As Teorias da Ciência da Informação	56
4.2 Mediação: entre o diálogo e a interação	63
4.3 Conceitos de mediação da informação na CI	67
<b>5 MÉTODO DA PESQUISA</b>	<b>70</b>
5.1 Caracterização da pesquisa	72
5.2 Instrumento de coleta de dados	74
5.3 Etapas da pesquisa	78
5.4 Coleta de dados	79
<b>6 ANÁLISE DE RESULTADOS</b>	<b>80</b>
6.1 Checagem de notícias: ferramenta do jornalismo em tempos de pós-verdade	82
6.2 A checagem de notícias e o jornalismo da atualidade	84
6.3 O Projeto Comprova, ferramenta de mediação da informação para combater a desinformação	86
6.4. Checagem de informações sobre a Covid-19 em 2021: objeto de estudo em análise	91
6.5 Análise da produção do Projeto Comprova sob a perspectiva da mediação	93
<b>7 CONCLUSÕES</b>	<b>133</b>

**REFERÊNCIAS**

**136**

**APÊNDICE A - LISTA DE TODAS AS PUBLICAÇÕES SOBRE COVID-19 FEITAS  
NO PROJETO COMPROVA NO ANO DE 2021**

**144**

## 1 INTRODUÇÃO

Há mais de 22 anos trabalho como jornalista. E, nesse período, experimentei as mais diversas mudanças no dia a dia da profissão. Desde que a Internet se tornou um meio de divulgação de informação, a forma de se noticiar foi alterada. Inicialmente, apenas a velocidade impactou o trabalho. Depois, nós nos vimos conectados com todo o mundo e com ferramentas simples de comunicação passamos a postar fotos, textos em sites e blogs. Com a chegada das redes sociais, mais uma transformação. Agora, qualquer pessoa com conexão com a Internet produz conteúdo e compartilha. O que poderia ser uma forma de democratização dos meios de comunicação se tornou um problema de grande repercussão mundial.

Isso porque estamos vivendo numa era da pós-verdade, onde o que importa verdadeiramente são as crenças pessoais de cada um e não o fato verídico. Essa forma de ver o mundo tem causado um grande prejuízo à sociedade. Em uma época em que o conhecimento tem muito valor, as pessoas são ávidas por informação, mas acabam recebendo conteúdo enganoso. Os algoritmos também contribuem para essa realidade e transformam a sociedade em bolhas, isso porque passamos a ter mais acesso a apenas o que nos interessa e a assuntos que contribuem para confirmar nossa visão de mundo. E esse novo universo informacional impactou não só a sociedade como a produção jornalística. Principalmente porque os jornalistas são profissionais preparados para a divulgação de notícias, mas nem tudo que chega às redes sociais ou aos aplicativos de mensagens são produzidos dentro dos critérios estabelecidos pela área.

A partir dessa sensação particular, identifiquei a importância dos estudos em Ciência da Informação e em Comunicação para analisar esses fenômenos contemporâneos e como a convergência entre essas duas áreas pode ser positiva para a análise desses acontecimentos próprios do século XXI.

Durante o período do mestrado, trabalhei no Grupo de Comunicação O Povo na área digital e também como ombudsman, analisando o papel desse veículo de comunicação e também estando em contato direto com os leitores para resolver suas demandas e receber críticas e elogios, com o intuito de melhorar a produção do veículo e criar um laço maior com a audiência. E também tenho experiência como editora-executiva do portal de notícias do Grupo de Comunicação, e, atualmente, como editora da rádio O Povo CBN, do mesmo grupo. E entendi que o momento é oportuno para dividir a experiência que tenho de redação com a pesquisa acadêmica. Aliar as duas áreas – a produção de um veículo jornalístico e o exercício

da pesquisa na academia – para investigar um tema que impacta diretamente a vida de todas as pessoas no mundo. Nesse sentido, a linha de pesquisa Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará (UFC), reuniu da melhor forma possível as áreas de mediação e informação para o estudo dos imbróglis comunicacionais vivenciados na atualidade.

Portanto, desenvolvi essa pesquisa com o olhar tanto para a Ciência da Informação quanto para a Comunicação, com ênfase na mediação da informação. A partir do referencial teórico da Ciência da Informação, essa pesquisa analisou o jornalismo, as agências de checagem, mais precisamente o Projeto Comprova, e a desinformação/fake news como objeto empírico. Importante lembrar que a conjuntura na qual a discussão sobre fake news, desinformação e checagem da informação estão postas é no cenário de pós-verdade. Um termo descreve uma situação vivenciada na atualidade, quando os fatos têm menos influência na opinião pública que os apelos feitos às emoções e às crenças pessoais. As informações construídas para enganar as pessoas são entendidas como verdadeiras principalmente por respaldar uma convicção particular ou uma crença, fazendo com que as pessoas não analisem criticamente a mensagem recebida e apenas concordem com seu teor, ativando o compartilhamento de informações falsas. E, é neste contexto, que se constrói teorias esdrúxulas como da terra plana, mamadeiras com genitais, vacinas que causam infecção por HIV, entre outros tantos absurdos. Fazendo um entrelaçamento entre os campos para investigar um assunto recente e que suscita uma discussão ampla sobre o futuro da humanidade, discorro nessa obra sobre as questões relacionadas à pós-verdade, fake news e desinformação. E, para começar, trago uma reflexão sobre cultura, comunicação, redes sociais, Tecnologias da Informação, tendo como base postulados que alicerçam a comunicação e teorias da Ciência da Informação, com realce em relação à mediação, até chegar ao problema maior que vivenciamos atualmente: a desinformação. No terceiro capítulo, discuto as bases da Ciência da Informação, apresentando seu histórico, sua razão de ser interdisciplinar e as mudanças que operou desde meados do século XX até os dias de hoje. Nesse sentido, finalizo com a análise sobre a mediação, fenômeno crucial para se pensar essa ação dialógica e de fluxos informacionais. Desde a mediação cultural, onde tudo começa. Até a comunicacional, que une as pessoas, no quarto capítulo, já nos aproximando do objeto empírico, o Projeto Comprova.

Esta observação acerca das mediações e o comportamento desses fluxos informacionais abre o caminho para o objeto deste estudo: mostrar como o jornalismo se adapta à nova realidade, desenvolvendo ferramentas de mediação para o combate à

desinformação. Entre os portais de checagem de notícias existentes no País, essa pesquisa se debruça sobre o Projeto Comprova, por ser um programa que reúne jornalistas de mais de 40 veículos do País na produção conjunta e colaborativa de matérias que explicam ao leitor se um fato viralizado é real ou enganoso. Para essa investigação, além do levantamento bibliográfico e da análise do conteúdo publicado em 2021, foi realizado um grupo focal com jornalistas do O Povo, jornal do Ceará, parceiro do Comprova na realização das checagens. O objetivo primordial deste trabalho é, a partir de postulados teóricos da Comunicação e da Ciência da Informação, com mais destaque sobre a mediação da informação, analisar a ação jornalística do Projeto Comprova em meio a uma realidade de pós-verdade e desinformação.

Após o desenvolvimento da revisão de literatura, foi feita uma análise das publicações feitas pelo Projeto Comprova em 2021 acerca da COVID-19 e suas informações correlatas. Após essa etapa, os dados foram analisados e organizados para compor essa dissertação.

Entender a comunicação como algo que liga as pessoas, identificar os prejuízos que a desinformação – agravada pelo cenário de pós-verdade – ocasiona e mostrar a ferramenta desenvolvida pelo jornalismo para o combate às fake news e sua relevância no contexto contemporâneo é o caminho trilhado por essa pesquisa. Portanto, é significativo salientar que essa pesquisa tem um objeto empírico analisado a partir de postulados da Comunicação e de teorias da Ciência da Informação, em especial a mediação da informação, que são aplicadas ao objeto de estudo: o jornalismo feito a partir da checagem de notícias desenvolvido pelo Projeto Comprova.

### **1.1. Problema de pesquisa**

Essa pesquisa traz um olhar tanto para a Ciência da Informação quanto para a Comunicação. A partir da relação dos dois campos, investigamos questões relacionadas à pós-verdade, fake news e desinformação. E apresenta a importância dos estudos em Ciência da Informação e em Comunicação para analisar esses fenômenos contemporâneos e como a convergência entre essas áreas é relevante para a análise desses acontecimentos próprios do século XXI.

Mais especificamente, a pesquisa investiga, a partir do conceito de mediação da informação, como o jornalismo se comporta em tempos de desinformação e de pós-verdade. E de que modo a mediação da informação pode contribuir como ferramenta para desconstruir o fenômeno da desinformação e como o jornalismo se comporta em tempo de pós-verdade no

âmbito do jornalismo digital. Por isso, essa pesquisa traz informações de como a pós-verdade e a desinformação impactam a comunicação da sociedade no século XXI.

## 1.2. Objetivos

Mostrar como a mediação da informação, conceito oriundo da Ciência da Informação, vai muito além do acesso à informação e mesmo da interação entre dois ou mais pontos. A mediação visa uma mudança, a apropriação, a transformação da informação, a construção do conhecimento, a transformação de algo posto. E, justamente por isso, é importante pensarmos a mediação em fluxo. O olhar, ao nos debruçarmos sobre a mediação, deve ser como algo que muda uma realidade e não como um conceito passivo e inerte. Objetiva uma atenção maior a uma interferência, uma apreensão e uma mudança. Por isso, os objetivos dessa pesquisa devem estar relacionados à Ciência da Informação, a partir da mediação da informação, e como esse conceito também é adequado quando pensamos em jornalismo. E, mais especificamente, quando tratamos de checagem de notícias, uma ferramenta criada pelo jornalismo para combater as fake news.

Portanto, o **objetivo geral** desta pesquisa é investigar e relacionar, a partir das teorias da Comunicação e da Ciência da Informação, os conceitos de mediação da informação e as ferramentas desenvolvidas pelo jornalismo na era digital para superar a questão da desinformação. Como **objetivos específicos** temos:

- a) Analisar os contextos de infodemia, pós-verdade e fake news e como o conjunto desses fenômenos pode desencadear processos de desinformação;
- b) Investigar no período de pandemia notícias com desvios informacionais, omissões de dados e manipulações de conteúdo e seus efeitos;
- c) Investigar o papel da mediação da informação em sites de checagem de notícias, mais especificamente no portal do Projeto Comprova
- d) Analisar as publicações checadas pelo Portal Comprova em 2021, acerca da pandemia da COVID-19, comparando com as informações viralizadas;
- e) Analisar as estratégias mais usadas para enganar o leitor e como o jornalismo, a partir de uma apuração detalhada e transparente, busca desconstruir a desinformação e levar informações corretas para o leitor.

## 1.3. Justificativa

Durante a pandemia da COVID-19, as fake news se tornaram também um problema de saúde pública. As informações enganosas sobre vacinação e sobre dados acerca de números de mortos e de casos da doença foram amplamente compartilhados pelas redes sociais. A narrativa buscava atingir as pessoas em assuntos caros a cada um. Religião e política se entrelaçaram e formaram grupos que ampliaram a comunicação quando o assunto os interessava. Esse momento de pós-verdade, quando a crença pessoal é mais importante que os fatos reais, fez muita gente espalhar mentiras, já que, muitas vezes, as informações enganosas eram construídas a partir de dados que ativavam a emoção do interlocutor. A emoção junto a uma crença pessoal fez com que muitas pessoas acreditassem em chips magnéticos na pele a partir da vacina, experimentos com crianças órfãs e em morte por conta de vacinas contra a COVID-19.

E, nesse contexto, os veículos jornalísticos desenvolveram uma ferramenta para levar à população informações apuradas sobre assuntos que viralizaram na rede. A forma escolhida foi pegar a informação que foi compartilhada e, a partir de uma investigação minuciosa e detalhada, mostrar se aquele caso era verdadeiro ou falso. As checagens de notícias passaram a ser corriqueiras nos veículos de comunicação. E muitos conglomerados de mídias passaram a ser juntar para reunir força com o objetivo de divulgar o maior número possível de informações verdadeiras, além de desmascarar as informações falsas que estavam sendo compartilhadas.

Mais que jornalismo, as checagens são uma ferramenta essencial para a luta contra a fake news ou a desinformação. E, nessa conjuntura, essa pesquisa buscou unir a Ciência da Informação e a Comunicação para analisar como o jornalismo está se transformando para conquistar a audiência e se mostrar cada vez mais essencial à democracia.

Para mostrar esse caminho percorrido na pesquisa, eu inicio a trajetória, no capítulo 2 desta dissertação, discutindo sobre a comunicação e, mais especificamente, o jornalismo que se transforma e que cria estratégias para combater as fake news. Trago uma reflexão sobre o jornalismo e as redes sociais e sobre o complexo cenário da desinformação, com o intuito de já apresentar a ferramenta de checagem de notícias, difundida pelo mundo nos principais veículos de comunicação.

Após esse início de apresentação sobre os conceitos relacionados à comunicação que são preciosos para a contextualização desta pesquisa, lanço uma reflexão sobre a mediação. A base deste conceito, que é a mediação cultural, até a forma como a comunicação nos interliga na sociedade. Esse capítulo é uma prévia da discussão sobre esse conceito que é tão crucial para esta pesquisa.

A partir desta base sobre mediação, inicio o aprofundamento desse conceito alicerçado na Ciência da Informação. É neste espaço que trago as discussões embasadas nas teorias da CI acerca da mediação, do diálogo entre as partes, do fluxo de informação e da interação. Conceitos fundamentais para pensarmos a realidade atual das redes sociais e da agilidade da comunicação e dos compartilhamentos de informação.

Após o capítulo de metodologia, no qual eu discorro sobre a forma como essa pesquisa foi realizada e os instrumentos de coleta de dados, destrincho os resultados da pesquisa propriamente dita no capítulo 6. É neste espaço que trago detalhes sobre a checagem de notícias, o Projeto Comprova e sobre as publicações sobre a Covid-19 feitas a partir de checagem em todo o ano de 2021. E finalizo com a análise de todo esse material a partir da perspectiva da mediação. A pandemia da covid-19 e a pós-verdade são os cenários desta pesquisa que discute comunicação, ciência da informação, jornalismo, desinformação e a ferramenta de checagem de notícias. Um itinerário que busca compreender o que estamos vivendo e identificar a ferramenta construída pelo jornalismo como uma forma de gerar mais confiança, transparência e segurança para a sociedade.

## **2 COMUNICAÇÃO: DA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA À LUTA CONTRA A DESINFORMAÇÃO**

Na pesquisa, as teorias cerzem conhecimentos, sofisticam observações, determinam ideários analíticos para estabelecer chaves de leitura para aplicações aos fenômenos das realidades. Em qualquer pesquisa – baseado em hipóteses que precisam ser testadas, aferidas, examinadas – as teorias criam teias investigativas que vão se moldando a perguntas de partida, a proposições que precisam ser demonstradas para estabelecer leis e axiomas que vão dialogando com as dinâmicas fenomenológicas em curso.

No caminhar investigativo desta pesquisa, os postulados teóricos da Comunicação presentes nesta seção objetivam aplicá-los como chaves de leitura em duas direções. Uma que objetiva realçar as bases para aferir em que contextos teóricos e conceituais estão as especificidades dos atos comunicativos, as mediações da comunicação para esses atos e as características deles em tempos de fake news, pós-verdade e desinformação. A segunda direção é a que possibilite comparar esses postulados aos da Ciência da Informação para os mesmos efeitos mediacionais, observando os seus pontos de convergência e divergências e suas possibilidades de uso para os mesmos objetos, a serem analisados nas seções finais deste trabalho. O propósito em trazer esse histórico da comunicação é nos mostrar como as teorias vêm se desenvolvendo e como vão se comportando e se transformando a partir da chegada das tecnologias. É uma forma de respaldar o caminho da comunicação até a atualidade, com tantas questões pertinentes relacionadas à verdade, ao jornalismo, à interação e à construção dos fatos frente ao real e ao virtual, em um tempo de pós-verdade - sempre entendendo isso como um cenário que traz uma mudança em relação como as pessoas veem, assimilam e entendem as informações. Não se trata, portanto, de aprofundamento das teorias da comunicação e teorias coirmãs sobre esses fenômenos, mas apenas realçar alguns aspectos sobre o que a comunicação nos trouxe e como ela dialoga com esse mundo e se transforma a partir das tecnologias da informação.

Mais diretamente no âmbito desta seção, o aspecto basilar dessas teorias é ancorar as trajetórias da Comunicação nos contextos do jornalismo, atualizando-as para as pesquisas da área hoje. Nesse aspecto, o século XXI é o ponto focal, já que trouxe uma série de desafios para o jornalismo. O mundo da informação é um complexo incerto de fluxos que, no jornalismo, obriga a tomadas de decisões que, no âmbito das pesquisas em Comunicação, necessitam de rever paradigmas, reorientar epistemologias e metodologias e, no contexto das redações jornalísticas, deixa as práticas jornalísticas sem rumo claro para as reorientações

editoriais e para o diálogo e mediações com um mundo e pessoas cada vez mais hiperconectadas.

Nos contextos atuais, em qualquer lugar, a partir de um aparelho celular, pode-se receber e enviar mensagens, postar informações nas redes sociais e receber um comunicado de pessoas conhecidas e desconhecidas. Para isso, basta estarmos conectados à internet e possuímos algum aplicativo de mensagem, rede social ou navegador. Simples, rápido e transformador, mas também caótico para as condições paradigmáticas e complexas das práticas jornalísticas dentro e fora das redações. As pessoas não precisam esperar para chegar em casa para responder um e-mail, o que representa uma reconfiguração do tempo e do espaço. Saber sobre uma notícia urgente, como foi o atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos, por exemplo, agora é instantâneo. Ninguém precisa estar em um local com TV ligada para receber a informação. Rapidamente há o compartilhamento de notícias e isso, junto à instantaneidade e simultaneidade de notícias, se configuram fenômenos que, por si só, requerem estudos sobre esse comportamento infocomunicacional contemporâneo e a observação de como o jornalismo lida com isso.

Essa mudança ocasionada pela Internet, mas principalmente pelo mecanismo das redes sociais, que conectam pessoas de todo o planeta de forma simples e direta, transformou a forma de se receber notícia e de se noticiar um fato. O jornalismo vem precisando se reinventar, mostrar a especificidade e o profissionalismo de sua função para concorrer com milhões de blogs e “influencers” espalhados pelo mundo. Foi preciso que as empresas de comunicação entrassem na internet, fizessem parte das redes sociais para que entendessem essa nova distribuição de notícias, fizessem parte do mundo virtual e reivindicassem seu posto principal de modelo de distribuição de notícias.

Nesse cenário, a internet pode ser considerada como um universo de informação, como destaca Santaella (2007), ao alcance das pessoas, com esse acesso mais facilitado. “É um espaço que nos traz um fluxo de linguagem multimídia interessante, cujas principais características são a mutação e a multiplicidade” (Santaella, 2007, p. 198). Portanto, é importante pensar as tecnologias do acesso como meio de comunicação e tecnologia da inteligência “que alteram completamente as formas tradicionais de armazenamento, manipulação e diálogo com as informações” (Santaella, 2007, p. 199).

É importante alinhar as tecnologias à construção do jornalismo na atualidade. Contudo, há uma diferença importante entre o que é difundido pelas redes sociais de uma forma geral e a ação do jornalismo. Principalmente quando pensamos no valor-notícia, no compromisso social do jornalismo. Como define Traquina (2005), os valores-notícias são a

base do jornalismo. "Servem de óculos para ver o mundo e para o construir" (Traquina, 2005, p. 94). No entanto, é essencial que a gente entenda que esses valores-notícias, tão caros ao jornalismo, não são "imutáveis".

As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional" (Traquina, 2005, p. 95).

E é justamente nessa transformação dos valores, sem, é importante deixar claro, abandonar o compromisso social intrínseco à área, que o jornalismo se adapta às novas tecnologias e vai agregando ferramentas que dão suporte à sua realização, à forma como atua na contemporaneidade. Deste modo, ampliando o acesso da população à sua produção. "As redes sociais, em última análise, acrescentam valor às notícias, construindo capital social" (Recuero, 2009, p. 12).

Essas redes podem atuar de forma próxima ao jornalismo, complementando suas funções, filtrando matérias relevantes, concedendo credibilidade e importância para as matérias jornalísticas através das reverberações. Redes sociais, portanto, podem também construir capital social para as matérias publicadas pelos veículos. Ao republicar uma matéria, um ator concede credibilidade através do link, e igualmente recebe reconhecimento da rede social. Ao reverberar uma matéria, as redes sociais concedem credibilidade para a informação (Recuero, 2009, p. 12).

Até aí, tudo pode ser entendido como algo natural em um processo de mudança que é contínuo. Na história dos meios de comunicação houve sempre debates acalorados com a chegada de uma nova mídia ou de novos formatos e processos de comunicação, notadamente a partir das complexas comunicações em contexto de tecnologias da informação e comunicação (TICs). Foi assim, por exemplo, com a TV, quando logo falaram no fim do rádio, o que nunca aconteceu. O fato é que toda essa transformação chega lado a lado com uma nova forma de ver o mundo, de nos colocarmos em bolhas e de termos uma força das crenças pessoais que nos faz ver apenas o que a gente quer ver. Essa nova forma de ver o mundo foi definida como pós-verdade, conceito criado ainda na década de 1990, mas que reverberou mesmo a partir de 2016. Foi nesse ano que o Dicionário Oxford definiu o termo pós-verdade como a palavra do ano.

O verbete indica um tempo em que crenças pessoais são mais eficazes em relação à formação da opinião pública que evidências científicas, por exemplo. Vale realçar que o fenômeno da pós-verdade (e, de agora em diante, quando necessário e dependendo do contexto, poderá também ser denominado de pós-verdade e afins) é apenas uma das complexidades dos atos comunicativos que requerem mediações da comunicação e da

informação, nos âmbitos dos estudos dos campos da Comunicação e da Ciência da Informação. Como companhia ao conceito e fenômenos da pós-verdade, a presente pesquisa traz ainda os conceitos e fenômenos relacionados a fake news, desinformação e infodemia, que serão tratados ao longo desta dissertação em campos e contextos vários, onde melhor dialoguem com as teorias presentes em cada seção e onde mais se apresentam como problemas atuais do fazer jornalístico.

Assim, a hiperconectividade como cenário e oportunidade e a pós-verdade como fenômeno antigo, mas realçado nesses atuais contextos, vêm criando aspectos diferentes de realidades que impactaram diretamente o jornalismo. Os boatos e a divulgação de notícias mentirosas não são uma novidade do século XXI. A diferença nos tempos atuais é justamente a forma como essas informações são divulgadas, compartilhadas e até defendidas por segmentos da sociedade. Uma propaganda do jornal Folha de S. Paulo (Hitler [...], 2020), veiculada em 1987, já defendia a informação contextualizada para que a população fosse mais bem informada. No vídeo, um locutor falava sobre as qualidades positivas de um homem enquanto a imagem desse personagem histórico era apresentada. No fim, com a imagem do Hitler, o locutor destaca: "É possível contar um monte de mentiras dizendo só a verdade". Na época da propaganda, ainda não se falava em pós-verdade, fake news e desinformação.

O jornalismo começou a sua caminhada ainda no século XIX, como uma atividade que fornecia notícias, serviço público e verdade. "As notícias tornaram-se simultaneamente um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática" (Traquina, 2005, p. 20). Desde seu início, há essa idealização da verdade relacionada à produção jornalística e há também o seu questionamento. "Um bom órgão de imprensa avisa sobre o que se passa e, com isso, ajuda o cidadão a modular suas expectativas em relação ao futuro próximo" (Bucci, 2018, p. 23). O jornalismo, portanto, não seria o guardião da verdade, mas um espaço que levaria o cidadão a definir os seus valores. A partir desse pensamento, Bucci (2018) cita o jornalista Walter Lippmann, que em 1997 defendia que "a questão filosófica da verdade" seria algo além do registro dos fatos e, portanto, estaria fora das linhas do jornalismo. "O pior é que o oposto da verdade, ou seja, a mentira nua e crua, esta, não escapa ao jornalismo. A mentira da imprensa é tão antiga quanto a imprensa" (Bucci, 2018, p. 23).

Dessa forma, como jornalismo, verdade e pós-verdade estariam intrinsecamente ligados no século XXI? A questão primordial atualmente é a forma como as notícias são produzidas, compartilhadas e interpretadas (Santaella, 2018). As narrativas não são mais controladas como antigamente. E a forma ultrarrápida como as mensagens são difundidas

pelas redes sociais amplia o alcance delas. Tudo isso tem ainda mais força quando identificamos que as convicções pessoais são mais importantes que uma informação comprovada cientificamente. Um cenário perfeito para a manipulação da opinião pública.

A pós-verdade acontece em contextos em que "os relatos sobre os acontecimentos perderam a referência na verdade factual" (Bucci, 2018, p. 22). Quando o dicionário Oxford (Word [...], 2016) declarou que o verbete seria a palavra do ano de 2016 o definiu como a forma de identificar um "ambiente em que os fatos objetivos têm menos peso do que crenças pessoais". E nesse sentido, as redes sociais se tornaram um ambiente perfeito para a disseminação de informações enganosas. E conseguiram banalizar "o sentido de palavras como notícia, informação e, claro, verdade" (Bucci, 2018, p. 30). Ainda na busca por entender essa nova conjuntura, Santaella (2018) salienta a referência em relação ao prefixo "pós", que deixa de ser entendido como algo que vem depois, como em "pós-graduação", para resultar em algo irrelevante: a pós-verdade não seria algo para além da verdade, que viria depois, e sim algo que a superaria, já que a verdade seria, nesta circunstância, sem importância.

A diferença entre o que vivemos no século XX e o que estamos vivendo no século XXI é marcada principalmente pela hiperconectividade e é nesse cenário que os fenômenos infocomunicacionais têm sido confrontados com muitas ações do que vimos chamando de pós-verdade. O impacto das notícias falsas hoje na sociedade se dá muito pela velocidade com que as informações são compartilhadas. Nos estudos referentes à desinformação, principalmente quando acessamos publicações de língua inglesa, temos diferenciação importante em cada forma de identificar um problema relacionado à falta de informação. Destaca-se a *ignorance* (ignorância), quando falta conhecimento ou informação sobre um assunto; *misinformation*, a desinformação não deliberada; *disinformation*, a desinformação deliberada, e a *deception* (decepção), que é estudada nessa área como falta de informação ou auto-engano (Schneider, 2019).

Nesse contexto contemporâneo de desinformação e pós-verdade, essa pesquisa optou por trazer a Comunicação e a Ciência da Informação justamente para agregar fundamentos dessas duas áreas na investigação sobre o impacto da desinformação e da pós-verdade na comunicação, mais especificamente no jornalismo e por entender que aspectos dos dois campos podem dialogar para analisar e contribuir para as especificidades do jornalismo, mais particularmente da notícia, no contexto das fake news, em tempos de pós-verdade e de processos de desinformação.

Entende-se que é nessa perspectiva dialógica que se pode examinar como a mediação da informação, tema essencial da Ciência da Informação, se comporta como aliada no

enquadramento dessas duas áreas no combate a fake news. Assim, para dar conta desses fenômenos acima problematizados, nesse primeiro capítulo trazemos alguns postulados da comunicação. Entendemos que assim podemos esclarecer que esta pesquisa não está a usar as teorias clássicas da comunicação, mas os postulados do Campo da Comunicação mais ligados à produção de notícias, como os critérios de noticiabilidade e afins, importantes para a construção da notícia e, no contexto de pós-verdade e seus desdobramentos, para a desconstrução desses processos de desinformação. Assim, vale realçar como parte desses postulados no âmbito do jornalismo foram se desenvolvendo a partir do início do século XX e como eles se transformam, requerem novos posicionamentos ou se reconfiguram com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), nos contextos atuais de pós-verdade e afins; como dialogam com o jornalismo nesses cenários; como dialogam com a CI, notadamente no âmbito dos aspectos mediacionais. A proposta é seguir demonstrando – à luz desses desdobramentos teóricos e conceituais – como o jornalismo vem se adaptando aos novos tempos, adquirindo ferramentas e se preocupando em destacar o compromisso com a verdade e como ele se posiciona hoje na busca por uma sociedade mais justa e democrática, tomando por bases os princípios, meios e métodos da mediação da informação, nos moldes como ela é pensada e mensurada na Comunicação e na CI.

A opção por essa discussão teórica sobre as áreas de Comunicação e Ciência da Informação enseja usar aspectos específicos do fazer jornalístico na produção de notícias e aplicá-los aos sites de checagem de notícias, metodologia desenvolvida por diversos veículos de comunicação para mostrar aos seus públicos a verdade sobre as informações em tempos de pós-verdade, notadamente quando informações com essas características são “viralizadas” pelas redes sociais. Como se verá no desenho metodológico desta dissertação, os sites de checagens não se limitam apenas a informar sobre a veracidade ou não de uma determinada informação, mas em mostrar como ela foi deliberadamente alterada para parecer verdade; nos projetos de detalhamento e apuração dos fatos; na explicação como foi feita a checagem e os percursos de transparência na produção jornalística.

A perspectiva de juntar postulados da Comunicação e de Ciência da Informação não se dá apenas pelas proximidades que ambos os campos têm com a informação, mas pelo caráter cultural da informação nos dois contextos. Assim, parte-se do pressuposto de que a informação é um fenômeno cultural gregário, que, como diz Maffesoli (2003), une, junta e agrega. Nesse sentido, o olhar dispensado aqui sobre a mediação da informação; sobre a comunicação como estratégia de produção de notícias; sobre o jornalismo como instrumento de combate à desinformação são pautados pela natureza gregária da informação e da

comunicação. Não por acaso, as bases dos postulados da comunicação desta seção são aquelas que melhor se aproximam do papel sociocultural da comunicação para, na seção sobre Ciência da Informação, realçarmos daquelas teorias os paradigmas socioculturais da informação. Para começar nossa breve reflexão, revisaremos alguns princípios da comunicação e mostraremos como os estudiosos da área foram avançando e como elas são base importante para entendermos a realidade contemporânea dos fenômenos informacionais.

## 2.1 Cultura e comunicação: um caminhar em conjunto

A comunicação agrega, integra a sociedade. Para pesquisar sobre jornalismo e as mudanças que as Tecnologias da Informação e da Comunicação trouxeram para essa área, é preciso, inicialmente, recuperar o pensamento de Michel Maffesoli, quando ele define a comunicação como o cimento social, o que nos liga ao outro. Uma cola do mundo pós-moderno (Maffesoli, 2003). Isso porque não podemos nos entender como seres isolados, já que só podemos existir na relação com o outro. O processo de comunicação é a base de qualquer construção de comunidade.

"A ideia de individualismo não faz muito sentido, pois cada um está ligado a outro pela mediação da comunicação. O importante é o *primum relationis*, ou seja, o princípio de relação que me une ao outro" (Maffesoli, 2003, p. 13). Como ele segue argumentando, "a comunicação, antes de tudo, remete ao estar-junto; à informação, ao utilitário" (Maffesoli, 2003, p. 13). Não se pode, portanto, dispensar o fator de partilha, de participação, de laço social. "Comunicação e informação não passam de modalidades de uma mesma forma global, a da relação, do estar-junto, do contato social" (Maffesoli, 2003, p. 16). Pensando nesse fator de integração da sociedade, é necessário voltar ainda um pouco mais e destacar a cultura como pensada por Caune.

Se a cultura é um acontecimento social, não existe cultura a não ser quando manifestada, transmitida e vivenciada pelo indivíduo. A cultura existe, antes de mais nada, como herança e para compreendê-la devemos analisar os modos de transmissão desta, que é elemento constituinte da cultura (Caune, 2014, p. 2).

Portanto, cultura e comunicação caminham juntas. Uma não existe sem a outra. A comunicação é tanto um produto da Cultura, como produz cultura e nela se insere como fenômeno gregário, mediacional em primeira instância, já que comunica e informa os signos representacionais no interior das culturas. Assim, para compreendermos toda a evolução das teorias da comunicação é necessário entender antes a cultura, conceito base em todo o processo de comunicação e espaço simbólico de mediação, já que não há cultura sem a

comunicação que a difunde, que a medeia, que estabelece elo entre as coisas e as representações dos seus sentidos. Para existir, a cultura precisa ser comunicada, mediada, conformando os signos com suas representações e estas com seus sentidos. Como um conceito essencialmente semiótico, como defende Clifford Geertz (2008), cultura é uma ciência interpretativa, à procura de significados.

Para Geertz (2008), a cultura tece significações e sentidos, criando o que ele chama de “teias de significação”. Seria, portanto, uma costura construída pelos seres humanos com o objetivo de nomear e dar sentido ao mundo. É o que interpretamos do mundo. O olhar que cada um de nós tem a respeito de um acontecimento é composto pelo fato em si e por nossa interpretação, nossa visão particular sobre a situação. Importante destacar também que a cultura nos modela como humanos e nos transforma para além da nossa natureza humana.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 2008, p. 4).

Ainda no âmbito da Cultura e da Comunicação, voltamos a realçar as proximidades entre CI e Comunicação também nesse contexto cultural. A interdisciplinaridade dos dois campos não se dá apenas nas já explícitas e históricas relações de proximidade epistemológica que existe entre os dois campos, mas também de aproximações conceituais e metodológicas entre os processos de comunicação e de informação, muitas vezes confundidos como uma coisa só, principalmente se não se olhar com acuidade para as diferenças entre os dois processos já mesmo na teoria de Shannon e Weaver. Posta como gênese dos processos de comunicação e informação, a referida teoria afasta Comunicação e Informação apenas no tocante às especificidades epistemológicas de uma e de outra, voltando a aproximá-las quanto aos efeitos caóticos que provocam nos contextos socioculturais de trocas informacionais e comunicacionais que, ao excluir as potencialidades infocomunicacionais para além dessas trocas unidirecionais e unilineares, desconsidera o papel do receptor para a Comunicação e do usuário de informação para a CI.

É sobre essa base teórica da cultura, que nos debruçamos acerca da transformação da comunicação nas últimas décadas com as mudanças enredadas pela internet. Jornal, rádio, livro, televisão, internet, redes sociais, mensagens instantâneas. A informação nunca foi tão consumida e das mais diversas formas. O impacto das tecnologias da comunicação foi tão intenso, na segunda metade do século XX, que elas acabaram por transformar as práticas culturais (Caune, 2014). Cultura e comunicação são processos mediacionais para se entender

o mundo, sempre à luz dos capitais culturais em jogo entre as informações difundidas ou disseminadas e as suas audiências. Assim, um dos aspectos da mediação da informação é sua mediação cultural entre a informação difundida e as negociações culturais que ela provoca no leitor de jornal ou no usuário da informação noutros contextos.

Como destaca Maffesoli (2003), a comunicação é a cola do mundo pós-moderno. “A sociedade da informação, portanto, pode até fazer crer que o mais importante são os seus jornais, televisões e rádios, mas no fundo o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos” (Maffesoli, 2003, p. 15). As pessoas querem se ver, participar, partilhar. E, nesse compartilhamento, acabam dando mais valor ao que um conhecido diz em vez de se importar com alguém distante: “O essencial está em reconhecer-se, em ver-se, em fazer parte de uma comunidade presencial ou virtual” (Maffesoli, 2003, p. 15). É dessa forma que o jornalismo deve se comportar para se aproximar mais de seu público e se tornar verdadeiramente imprescindível quando se fala em difusão de informações.

## **2.2 Processos mediacionais sobre as notícias**

Os realces até aqui dados acerca da comunicação é importante para entendermos como os estudos foram ocorrendo a partir de cada movimentação da sociedade. Em outras palavras, a partir de mudanças culturais importantes e que deliberaram mudanças comportamentais das pessoas e, numa via de consequência, do fazer jornalístico, como de fato aconteceu em todas as fases da história do jornalismo.

Seja em uma pré-guerra, seja em um movimento de busca de hegemonia, os estudos da comunicação foram se atualizando e olhando para onde a sociedade caminhava e em que contextos culturais e históricos. As mudanças culturais foram acompanhadas por grandes mudanças na área da comunicação. Com a tecnologia, esse olhar na audiência ficou ainda mais importante. De um momento em que se destacava a comunicação como algo que atingia o público de forma certa e homogênea ou de quando os meios de comunicação de massa eram definidos como dominadores da audiência, chega-se a um receptor-emissor e a um emissor-receptor. As tecnologias mudaram a forma de se comunicar. E entender a comunicação nos faz entender as transformações pelas quais passamos na contemporaneidade.

As Tecnologias da Informação da Comunicação (TICs) transformaram não só a forma como se distribui a notícia, mas como ela é produzida e compartilhada. No século XX, as informações que deveriam ser publicadas em um veículo eram definidas a partir de fatos

públicos e da decisão dos próprios jornalistas. Traquina (2005, p. 16) destaca que essa teoria mostrou uma “redescoberta do poder do jornalismo não só para selecionar os acontecimentos ou temas que são noticiáveis, mas também para enquadrar estes acontecimentos e/ou temas”. O poder estava nas mãos dos jornalistas e das empresas de comunicação. A notícia que chegava a partir das mídias era a informação que gerava interesse na comunidade, pegando como base da teoria do agendamento. Essas mudanças, assim como seus contextos históricos, são importantes para entendermos sob em que contextos culturais os fenômenos da desinformação, das fake news e afins vêm sendo produzidos, disseminados, recebidos e apropriados pelas audiências. Do mesmo modo, que missão tem o jornalismo nesses contextos, aspectos que serão analisados até o final desta dissertação.

Em todos os contextos do jornalismo contemporâneo, o jornalista verifica a informação, relata e divulga em seus veículos. Define o que deve ser divulgado. Era uma época em que vingava a Teoria do Agendamento e o Gatekeeper<sup>1</sup>. Essa realidade começa a ser alterada com a chegada da Internet. A comunicação fica mais ágil, as informações fluem com mais rapidez e facilidade. Com o advento das redes sociais, esse poder começa a ser pulverizado. Os jornalistas e os veículos de comunicação oficiais não estão mais sós nessa definição do que deve ser a notícia. Eles ainda têm força e apelo, mas esse poder está mais difuso. Com a criação dos blogs, por exemplo, mais pessoas passam a escrever. Informações passam a circular de forma mais rápida. E muitos textos e imagens começam a chegar até as redações dos jornais. A via de definição do que é importante ou não começa a se transformar. Começa-se a identificar uma via de mão-dupla, as informações circulam das mídias para a comunidade e da comunidade para os veículos de comunicação. É a partir dessa nova realidade na produção jornalística que a Teoria do Agendamento começa a perder força ou, mais precisamente, a dividir a força de definir o que será notícia. A mídia ainda consegue estabelecer o que será pauta e assunto do dia, mas também precisa olhar para a audiência, que mostra, a partir da sua produção nas redes sociais, o que quer ver na mídia.

Com a Internet e, principalmente, as redes sociais, as informações passam a circular de uma forma mais intensa. A definição do que deve ser pautado na grande mídia deixa de ser definido apenas a partir da reunião de editores e/ou pela definição da direção das empresas jornalísticas. É claro que ainda há poder envolvido em relação às empresas jornalísticas. Mas a forma como começa a se confundir produtor e consumidor de informação passa a

---

<sup>1</sup> A teoria do agendamento, formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, define a influência da mídia na opinião pública. Com a imprensa sendo o gatekeeper (porteiro, ente que controla o acesso), escolhendo o que deve e o que não deve ser noticiado.

transformar o cenário relacionado à produção de notícias. Um fato disparado numa rede social chega ao conhecimento de um jornalista, que sai em busca de mais informações. Uma matéria jornalística é compartilhada por grupos de pessoas e esse movimento de comentários gera uma outra matéria sobre o assunto. Todos são retroalimentados. A audiência olha para os meios de comunicação, que também não tiram a atenção da comunidade.

Nesse aspecto – também decisivo para entendermos o que acontece hoje com os fenômenos de fake news e afins – os critérios de noticiabilidade também passam por mudanças de critérios. Estes também acabam norteados os critérios de checagem de notícias, como se verá nos capítulos finais desta dissertação.

Importante salientar, sobretudo, que a notícia é a base do jornalismo e os critérios de noticiabilidade são ferramentas indissociáveis da rotina jornalística em uma redação. Os critérios de noticiabilidade são definidos a partir de valores-notícia (Fernandes, 2020). Esses valores podem ser definidos como a frequência da informação, a clareza; a importância do fato, a relação do público com o fato, por exemplo. Fernandes destaca, no entanto, que esses valores não são imutáveis e vão sendo atualizados com o passar do tempo. “Os valores-notícia não são imutáveis, sendo, na verdade, fortemente influenciados pelo contexto de cada momento, porém, há elementos que se mantêm no foco, como o interesse por situações conflituosas, negativas e relacionadas às elites (o que inclui celebridades)” (Fernandes, 2020. p. 69). E delimita: “Mais do que critérios totalmente atrelados aos acontecimentos em si, os valores-notícia parecem ser potencialidades vinculadas tanto às rotinas profissionais, como a valores compartilhados pelos jornalistas” (Fernandes, 2020. p. 69). Os jornalistas definem a partir desses critérios o que é relevante e de interesse público. Olhando, na atualidade, para os fluxos de interesse e os assuntos mais buscados na Internet.

Nessa perspectiva, mais do que uma análise sobre o comportamento da informação em tempos de pós-verdade e afins, entendemos que se faz necessário, pela mediação da informação, trazer para o debate possibilidades mediacionais da informação com vistas a envolver os profissionais do jornalismo e os profissionais da informação na discussão e apresentação de saídas para mediar os indivíduos e as audiências impactados com as ações problemáticas no trânsito de fluxos informacionais, com a informação que recebem, que compartilham, mas também produzem, notadamente no uso das mídias sociais.

É, nesse sentido, que realçamos o papel da informação em suas redes de fluxos informacionais e de como a mediação da informação – tanto para o jornalismo, quanto para os demais sistemas de difusão, circulação e compartilhamento de informações – é importante e merece estar nas discussões contemporâneas sobre os processos de informação jornalística,

porque informação também é uma ação que possibilita conhecimento e entendemos que as adversidades decorrentes desses processos de desinformação no jornalismo precisam de mediações.

Para além dos hibridismos presentes nas ações informacionais do jornalismo, queremos realçar, sob o viés da mediação da informação e conforme conceituado pela CI, os hibridismos entre informação e comunicação; entre produção, circulação, recepção e apropriação da informação, entre informação e compartilhamento, notadamente em tempos pós-verdade. Isso é importante de ser problematizado, pois o que está se revelando por esse contexto é um complexo jogo de semioses informacionais da e na produção, circulação, recepção e apropriação de informação.

A velocidade da informação em tempos de compartilhamento e a rapidez dos efeitos que causam nas recepções são inversamente proporcionais ao tempo no jornalismo, quase sempre prejudicado pelo seu deadline. Mesmo o jornalismo especializado em saúde, política ou economia sofre com o tempo agônico de circulação de informações nos tempos atuais. As informações nesses contextos são mais dinâmicas nos cenários de circulação e compartilhamentos na internet e nas redes e mídias sociais do que nas redações jornalísticas.

Esta pesquisa advoga em favor da mediação da informação jornalística. É preciso investir em ações mediacionais da informação em contextos de compartilhamento de e na internet, nos portais de notícias, nas redes sociais e, principalmente, nos atuais contextos de produção de ciência em tempos de pandemia. O combate à desinformação passa por essa mediação entre a informação disseminada e a recepção e o comportamento das pessoas e da coletividade. É nessa perspectiva que escolhemos trabalhar com notícias com conteúdo com vieses de pós-verdade e afins e um portal de Checagem de Notícias.

Toda essa transformação na forma de se noticiar e de se ler uma notícia trouxe repercussão para a vida das pessoas. A audiência é também ator no processo de produção de conteúdo. Não há mais passividade. Não há bala mágica que faça uma informação chegar de forma homogênea a toda a população como se pensava. Mas também não se pode deixar de pensar na dominação que grandes veículos ainda têm sobre a sociedade. A realidade mudou, mas será que tanto assim? Para onde estamos indo?

### **2.3 Jornalismo em tempos de redes sociais**

Na atualidade, o que se busca é estar e agir como sujeito ativo nos processos comunicativos. Não só necessitamos estar mais bem informados, como queremos ser

informantes, nos mostrar relevante. Em certa medida, as redes sociais nos trazem isso, como trazem também necessidades mediacionais novas, como advogamos nesta pesquisa. Essa facilidade de comunicação, essa cultura do instantâneo, a possibilidade de nos destacarmos por nossas ações na Internet. "O que importa não é o que se comunica, mas estar em relação comunicante" (Ferrara, 2015, p. 78). A frase da pesquisadora da área de comunicação e semiótica, Lucrecia D'Aléssio Ferrara, diz muito sobre os tempos em que vivemos atualmente. No século 21, a comunicação se faz cada vez mais necessária, tornando-se modo de vida da população. Em tempos de hiperconectividade, não basta apenas ter acesso à informação. É preciso ver e ser visto, participar e se movimentar pelas redes. A partir das Tecnologias da Informações e da Comunicação (TICs), as pessoas se tornaram produtores e consumidores de conteúdo dentro de uma teia de significados que se transforma a cada momento. Entende-se por TICs os meios usados para tratarmos de informação e comunicação.

Consciente ou não de identidades que podem ser livremente substituídas por pseudônimos ou avatares, desaparece a dicotomia emissor/receptor, sujeito/objeto pois todos são sujeitos circulares do modo como comunicam. O que importa é estar em comunicação, e as redes sociais são o novo cenário que substitui o isolamento e a simetria das instâncias de poder dos processos de emissão. Agora, todos e tudo se sabem em relação comunicativa, nela interferem e são por ela interferidos (Ferrara, 2015, p. 78).

As redes sociais congregam uma legião de pessoas envolvidas na produção e no consumo de informação. O papel atualmente é múltiplo. O cidadão que antes era apenas leitor do jornal, hoje consome e produz notícias. Ele é ainda um sujeito do acesso e de uma certa liberdade de uso e trato com a informação e com a notícia. E, muitas vezes, se vale dessa participação intensa nas redes para se tornar mais conhecido e ter um papel de destaque na sociedade. O jornal, o portal de notícias, o veículo oficial de comunicação de uma forma em geral, por sua vez, deixa de ser apenas o emissor da informação, e passa a olhar e a consumir também o que o cidadão produz nas suas redes sociais. Há uma construção não linear de sentidos. E tudo regido, principalmente pela interação. É uma rede contínua e coletiva.

O conceito de interação é importante para se entender os processos de mediação, como assevera Ferrara (2015) em toda a sua obra em lide. A palavra interação é descrita como relação, diálogo, contato, inter-relação, comunicação. Um conceito que remete ao comportamento humano de se relacionar socialmente. É um novo momento e deve-se olhar com atenção seja para a área da Comunicação, seja para a área da Ciência da Informação. "É a era dos *streams* (fluxos), das correntezas vivas de informações que entrelaçam textos e links, recomendações, perguntas, declarações, ideias, posições, e, por que não, também

irrelevâncias” (Santaella; Lemos, 2010, p. 62). Estamos na era do fluxo, quando a interação humana é o foco. Anteriormente, na década de 1990, por exemplo, a atenção era voltada às máquinas.

No campo da Comunicação e da Ciência da Informação, além da interação, o conceito de mediação é essencial para entendermos esse momento e as mudanças pelas quais a sociedade está passando. Com as tecnologias digitais, por exemplo, o emissor deixa de ter o total controle da comunicação. E essas tecnologias se tornam ferramentas importantes para a troca de informação. “As mediações confluem e se transformam em interações, gerando uma comunicação menos controlada e mais complexa” (Ferrara, 2015, p. 72). Surgem, nesse momento, novos atores no processo. As pessoas não querem apenas receber passivamente a informação. Elas buscam, por elas mesmas, produzir, disseminar e compartilhar conteúdos produzidos por outros, ser cada vez mais ativo no processo comunicacional (Araújo, 2018).

E é nesse fluxo menos dominado pelas empresas de jornalismo, onde há mais informação e menos controle das narrativas, que o cenário para a disseminação em larga escala das notícias falsas é construído. Principalmente em um tempo em que a crença pessoal das pessoas se torna mais importante que a verdade. Tempos definidos como uma época de pós-verdade, mas também repleto de fake news, infodemia e desinformação.

#### **2.4 Pós-verdade, desinformação e checagem de notícias**

Toda essa revolução na forma de consumir informação não nos tornou uma sociedade mais justa. É preciso fazer uma análise crítica sobre as ações das pessoas relacionadas diretamente à produção, circulação e apropriação da informação (Araújo, 2018) e como isso reflete hoje em dia. Vivemos uma crise da verdade. Mesmo sabendo que nos meios contemporâneos de comunicação e difusão a verdade ou a falta dela não é um problema atual, já que no passado boatos e mentiras também eram disseminados. É claro que, na atualidade, a forma como as informações são divulgadas e a rapidez como isto acontece nos levou a um problema real de desinformação.

Desinformação que deve ser entendida muito para além da falta de informação. Em tempos de hiperconectividade, o conceito é relativo ao ato deliberado de induzir ao erro, uma forma de influenciar a opinião de um grupo de pessoas a partir da deturpação da verdade (Pinheiro, 2014). São notícias virais que são repassadas por redes sociais e aplicativos de notícias por leitores vorazes por estarem dentro desse ciclo de informação e que, muitas vezes, consomem informações que apenas reforçam suas crenças, sem questionar a veracidade

de tal mensagem. Esse poder da crença pessoal, essa ausência de criticidade e esse compartilhamento intenso de informação são ingredientes fundamentais para a composição desse cenário de pós-verdade em que vivemos.

Essa nova forma de lidar com a informação e como compartilhamos informações principalmente para reforçar um pensamento, um valor individual, passou a ser nomeada de pós-verdade. Como destacou o dicionário Oxford, quando elegeu o verbete como a palavra do ano de 2016. O termo descreve o método pelo qual as convicções pessoais passam a ser mais importantes que os fatos e as informações verídicas. As pessoas passam a ignorar a verdade e compartilham a mentira que é mais adequada aos interesses particulares.

O crescimento de modalidades de desinformação, com a ajuda de tecnologia como big data e algoritmos, por exemplo, está intrinsecamente relacionado ao fenômeno da pós-verdade (Schneider, 2019). Com ações para a formação e reforço de visões favoráveis à manutenção de um sistema político em detrimento de uma informação qualificada. Uma mistura de poder, (ausência de) educação crítica e comunicação.

O conceito de pós-verdade data da década de 1990, mas foi em 2016 que o Dicionário Oxford o considerou como a palavra do ano. Pós-verdade ocorre na sociedade quando crenças são mais eficientes na formação da opinião pública do que evidências – ou fake news – informações mentirosas (Schneider, 2019). No entendimento da Universidade de Oxford, a expressão pós-verdade “se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (Word [...], 2016, tradução nossa).

A revista *The Economist*, em 10 de setembro de 2016, destacava em sua capa: “A arte da mentira: a política da pós-verdade na era das redes sociais” (Art [...], 2016, tradução nossa). Os indícios que confirmavam a tese defendida pela reportagem estavam na eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e o Brexit, decisão do Reino Unido de deixar a Comunidade Europeia após plebiscito realizado com a população.

Com a palavra “pós-verdade”, a revista pretendia colocar em evidência o cerne do que há de novo na política: a verdade já não é falseada ou contestada; tornou-se secundária. No passado, as mentiras políticas visavam criar uma visão enganosa do mundo. As mentiras de homens como Trump não funcionam assim. Seu intuito não é convencer, e sim reforçar preconceitos (Santaella, 2018. p. 39).

Os fatos que marcaram o início desse olhar no mundo para os prejuízos causados pelas notícias falsas e como elas repercutem e mudam a realidade de um País foram as eleições de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016 e o Brexit na Inglaterra. As duas campanhas,

tanto nos Estados Unidos, quanto no Reino Unido, foram guiadas pela guerra de informações falsas, usadas para influenciar a percepção sobre a realidade das pessoas. Essa artimanha gera confusão em relação aos fatos reais e, normalmente, alimenta um programa político (Santaella, 2018). Por aqui, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 veio a reboque de muitas notícias falsas disseminadas de forma agressiva pelas redes sociais, principalmente por aplicativos de mensagem como o WhatsApp. Foi, portanto, a vez de o Brasil entrar na onda da desinformação para alterar uma realidade política.

Fake News afeta primordialmente a área da Política, como temos visto pelas principais mensagens que nos chegam pelas redes. Mas, em tempos de pandemia, a saúde também foi uma das áreas contaminadas pela desinformação, principalmente pela polarização política que o tema traz. Portanto, mesmo na saúde, é a política que faz com que essa área seja tão impactada pelas fake news, notícias fabricadas com o intuito de enganar, de gerar a desinformação.

E o que seria a desinformação? Ausência de informação? A informação manipulada? O engano proposital? Uso de meias verdades para corroborar as informações falsas? Vivemos “repletos de paradoxos pelos quais o excesso de informação caminha junto com as inúmeras possibilidades do “não acesso” ou de contato com sua antagonista: a desinformação” (Schneider, 2019, p. 129). Com a Internet, há mais possibilidades de checagem de informações, mas não necessariamente é o que ocorre. Mais uma contradição.

A novidade trazida pelo conceito é que hoje, com as novas tecnologias e a internet, as pessoas possuem muito mais condições de checar a veracidade dos fatos apresentados na mídia ou nas redes sociais. É esse desinteresse pela verdade, o apego a preconceitos e fundamentalismos por parte de um grande contingente de pessoas que marca o fenômeno da pós-verdade, um elemento fundamental para se entender a realidade informacional contemporânea (Araújo, 2018).

Atualmente, há estudos diversos sobre as diferentes formas de desinformação, assim definidas na língua inglesa como *misinformation* (desinformação não deliberada), *disinformation* (desinformação deliberada) e *deception* (falta de informação ou autoengano). Fenômenos que levam diretamente para os estudos críticos da informação. Uma narrativa composta de verdades, mas que deixa de fora verdades ainda mais importantes para a compreensão dos fatos, ou que fragmenta, descontextualiza: uma narrativa mentirosa. (Schneider, 2019). Desinformação é toda forma de informação falsa, inexata ou enganosa desenhada, apresentada e promovida para causar danos públicos ou com fins de lucro (definição da Comunidade Europeia).

"O que se pode inferir das discussões levadas a cabo sobre o tema é que a falsidade funciona em toda a sua potência propagadora porque as pessoas tendem irrefreavelmente a se recolher dentro das bolhas de seus preconceitos. Tornam-se, assim, presas fáceis de interesses dos quais não conseguem se dar conta" (Santaella, 2018, p. 29). Para a autora, é importante que a ciência entenda o que são as *fake news*, forma mais comuns de identificarmos a desinformação, para que o enfrentamento seja iniciado.

Tomar conhecimento e compartilhar informações sobre diversos assuntos virou moeda na sociedade atual. Na ânsia de se mostrar capaz, por dentro das notícias e com esse valor da sociedade do conhecimento, o compartilhamento de notícias falsas tomou grandes proporções. E é dentro desta nova normalidade das relações da comunicação, que a mediação da informação tem um papel importante em relação ao jornalismo. Diversos sites de notícias e projetos específicos relacionados à checagem de notícias foram criados justamente para travar essa interação com o leitor.

Assim, no cenário da pós-verdade e os riscos da desinformação, encimado pelo título desta seção, o que parece estar em curso é uma complexa rede de notícias e informações desconexas; uma quantidade grande de fluxos informacionais veiculados e difundidos sem os escrutínios do jornalismo e das marcas éticas que deveriam nortear a produção, circulação, compartilhamento e recepção de informações e as consequentes ações a serviço da minimização disso nos contextos que estamos vivendo sob a égide de processos cada vez maiores de desinformação.

Quando tratamos sobre a desinformação e os prejuízos que a ampla disseminação de informações construídas para enganar as pessoas, não podemos deixar de detalhar o cenário em que essa realidade se configura de forma tão eficaz. A pós-verdade é um contexto que possibilita que as informações enganosas sejam tão facilmente acreditadas. E isso se deve à crença das pessoas que é vista como mais importante que a realidade. E essa conjuntura, em um ambiente hiperconectado, faz com que essas crenças sejam facilmente viralizadas pelas redes sociais e identificadas como verdade.

O poder exercido pela crença pessoal no modo de ver o mundo e definir o que é certo ou errado, por exemplo, sempre existiu. Não há nenhuma novidade em relação a isso. A religião ou a política, as nossas afinidades de uma forma geral, nos levam a aceitar como certo algo que nos é caro. "A nova existência comunicacional humana nos ambientes em rede amplifica esse poder, também chamado de viés da confirmação, especialmente porque o monitoramento processado pelos algoritmos sabem mais de cada um de nós do que nós mesmos e só nos enviam aquilo que queremos e gostamos" (Santaella, 2021, p. 90). Nesse

mundo onde passamos a ver só o que queremos e gostamos, o espaço para o questionamento e o pensamento crítico se torna cada vez mais escasso. E é justamente nesse cenário que a desinformação – como um processo industrial de construção e disseminação de informação falsa – ganha espaço.

Importante lembrar que desinformação não é a falta de informação, nem o erro ou mesmo a mentira. A Unesco, em seu manual “Jornalismo, fake news & desinformação” (Ireton; Posetti, 2018), defende a utilização da palavra desinformação em vez de usar a fake news, que é até mais utilizada pelo senso comum. Isso porque fake news ou notícias falsas em português traz o verbete notícia, a matéria-prima do jornalismo e algo construído a partir de ferramentas para a divulgação de informação e/ou acontecimentos no jornalismo, com técnicas jornalísticas de apuração e escrita. Há um método envolvido. Uma notícia com erro, por exemplo, não é uma fake news ou uma desinformação. É uma informação apurada que deve ser corrigida após a identificação do problema. Notícias são informações verificáveis de interesse público, portanto, as informações manipuladas, com o intuito de enganar o interlocutor, não devem ser chamadas de notícias, segundo defende a Unesco em seu manual de jornalismo.

A desinformação e a informação incorreta são diferentes do jornalismo (de qualidade), que cumpre com a ética e normas profissionais. Simultaneamente, elas também são diferentes dos casos de jornalismo ruim que não cumprem suas promessas. O jornalismo problemático inclui, por exemplo, erros contínuos (e não retificados) que surgem de pesquisa deficiente ou verificação malfeita. Isso inclui a sensacionalização, que exagera para causar impacto, e a seleção hiper-partidária dos fatos à custa da imparcialidade (Ireton; Posetti, 2018, p. 8).

Portanto, as produções construídas para enganar as pessoas e muitas vezes usadas para confirmar uma crença pessoal não devem ser definidas como notícias. “Quanto mais as pessoas estiverem enclausuradas na tenacidade e sob o domínio cego da autoridade, mais facilmente elas se tornarão iscas fáceis para serem colhidas nas armadilhas das manipulações políticas e na força cegante dos fanatismos” (Santaella. 2021 p. 91). E essa manipulação é construída mimetizando matérias jornalísticas, com descrições que simulam algo oficial e, muitas vezes, com verdades misturadas à informação enganosa. Tudo isso para dar mais credibilidade ao material. Para enganar de forma mais eficiente. E isso ocorre, principalmente, nas redes sociais. Uma plataforma que facilita a troca e o compartilhamento de informações. Onde todos viram produtores de conteúdo. O boca-a-boca encontrou um espaço eficiente de difusão de informação, sem se preocupar com qualquer princípio jornalístico (Santaella, 2021). E, desta forma, nos aproximamos de nossas bolhas particulares, de opiniões que nos

confortam, de algo que apenas confirma o que a gente quer que seja o certo. Não temos mais tempo para questionar. Ficamos presos no que acreditamos ser o certo.

Qual a fonte primordial da aceitação míope e, pior ainda, do compartilhamento das mentiras robóticas ou não-robóticas que, por contágio, disseminam a desinformação? É preciso atacar o mal pela raiz: não há outra fonte senão a ignorância. É contra ela que as táticas e as estratégias de combate devem se voltar, com muitos aliados em conjugação (Santaella, 2021, p. 91).

Além da desinformação, como algo construído para enganar as pessoas, manipulação para conquistar públicos e disseminar ideias específicas, a Unesco definiu um novo verbete a reboque da desinformação e da pós-verdade por conta da pandemia da Covid-19: a desinfodemia (Posetti; Bontcheva, 2020). Para a Unesco, a informação é a base para o conhecimento.

É o acesso à informação, não à desinformação, que torna o direito à liberdade de expressão relevante e útil às sociedades. Informações comprováveis, confiáveis, como as que são produzidas pela ciência e pelo jornalismo profissional, são essenciais na construção do que a Unesco descreve como “sociedades do conhecimento”. E a desinfodemia se opõe a isso tudo (Posetti; Bontcheva, 2020, p. 3).

Se a infodemia é definida como o excesso de informações, precisas ou não, que tornam difícil encontrar orientações confiáveis sobre um determinado assunto, como define a Organização Mundial da Saúde (OMS), a desinfodemia é um recorte específico para lançar luz nas informações enganosas produzidas em larga escala para confundir a sociedade. O mundo vive isso desde o início da pandemia de covid-19, por exemplo.

A Organização Mundial da Saúde, em parceria com a Organização Pan-Americana da Saúde, publicou um documento sobre infodemia e informação intitulado "Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19". O material traz um detalhamento minucioso sobre os conceitos, os riscos de agravamento da pandemia por conta da infodemia e onde encontrar fontes confiáveis. É um guia fácil, prático e rápido que define os conceitos e explica os riscos que a desinformação leva à população (Entenda [...], 2020).

No portal internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS) há uma página dedicada exclusivamente a mostrar como denunciar desinformação em 10 plataformas diferentes, como Facebook, YouTube, Instagram, WhatsApp e TikTok. Pelo endereço<sup>2</sup>, a organização destaca a importância de "todos ajudarem a impedir a propagação" de informação falsa. Uma forma de mediação entre o cidadão comum e as diversas ferramentas que

---

<sup>2</sup> Página dedicada a mostrar como denunciar desinformação em 10 plataformas diferentes. Disponível em: <https://www.who.int/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/how-to-report-misinformation-online>

atualmente disponibilizam informação pela Internet, com o intuito de alertar sobre os riscos das informações falsas no âmbito da Covid-19 e de fazer com que as pessoas procurem se informar a partir de meios oficiais e confiáveis.

E é nesse contexto de pós-verdade, de compartilhamento de informações de forma rápida por redes sociais e aplicativos de mensagens, de desinformação, de infodemia e, mais recentemente, de desinfodemia, que as empresas jornalísticas e algumas organizações compostas por jornalistas passaram a construir espaços que buscam reforçar os valores jornalísticos e detalhar para o leitor/ a audiência como a produção de notícias é feita, quais fontes foram ouvidas e como a apuração é realizada. Mais transparência para que não reste dúvidas sobre a veracidade e responsabilidade daquela informação. Nesse novo momento da mídia, a transparência está sendo buscada com mais afinco, assim como a objetividade já foi o norte em outros momentos no jornalismo (Ireton; Posetti, 2018).

Embora a desinformação tenha muitas razões para existir no vertiginoso mundo das redes, ela, efetivamente, só se propaga porque seu dínamo se chama ignorância. E a arma mais letal contra a epidemia da ignorância, por sua vez, se chama educação [...] O contrário da ignorância é o conhecimento. O contrário da desinformação não é simplesmente a informação correta, obtida na contingência. Esse não é o caminho mais certo no combate contra todos os malefícios da desinformação. A via régia para isso consiste na educação como projeto em processo que se introjeta como meta para a vida (Santaella, 2021. P. 95).

Na esteira da educação, da formação midiática de uma sociedade, a busca é por mostrar a importância do jornalismo. Para além da regulação das mídias sociais, o que já vem sendo discutido em diversos países, o jornalismo vai se transformando e desenvolvendo novas ferramentas para se mostrar ainda mais útil em tempos de pós-verdade, para detalhar como a notícia é produzida e para apresentar ao cidadão como ele pode identificar informações enganosas e notícias e se proteger da manipulação dos tempos contemporâneos. Transparência para mostrar como as reportagens são construídas e clareza para que o cidadão comum tenha acesso ao conteúdo jornalístico de forma eficaz. É nesse momento que chegamos aos projetos de checagem de notícias, desenvolvidos por diversas corporações e grupos jornalísticos para realçar o jornalismo como recurso primordial contra a desinformação.

Quando pensamos na avalanche de informações que recebemos diariamente e nas conexões que traçamos individualmente, a partir de cada notícia, entendemos que há um processo mediacional em curso. Para além da interação cada vez mais presente entre os meios de comunicação e os leitores, há ainda uma brecha considerável de segurança em relação ao que se é publicado, por quem, com qual interesse, se é verdade ou não.

A Federação Internacional das Associações e Instituições de bibliotecária (IFLA, sigla em inglês) definiu formas de identificar as notícias falsas e ajudar as pessoas a diferenciar a verdade da mentira. Inicialmente, deve-se procurar a fonte daquela notícia, quem disse, quando, onde e qual veículo noticiou. Ler mais que o título da mensagem também é importante. Além disso, é importante checar se os autores são confiáveis, procurar outras fontes que confirmem a informação, estar atento se as suas crenças pessoais não afetam seu julgamento sobre o fato, atentar para erros de português. No entanto, a partir dessa profusão de mentiras que nos chegam pelos dispositivos, muitas vezes não há tempo suficiente para analisar o que é real ou não. E o jornalismo encontrou nesse problema uma forma de se mostrar ainda mais necessário para a sociedade.

É nesse contexto que surgem os portais de checagem de notícias, que têm a função oficial de checar e mostrar para o leitor se as informações divulgadas e, muitas vezes, viralizadas, pelas redes sociais são realmente verdadeiras, parcialmente reais ou totalmente enganosas, por exemplo. São diversas as agências que passaram a prestar esse serviço como a Agência Lupa<sup>3</sup>, Fato ou Fake do Grupo Globo<sup>4</sup>, Agência Pública<sup>5</sup>, Fake Check da USP<sup>6</sup> e sites como e E-Farsas<sup>7</sup>.

No Ceará, os dois maiores veículos de comunicação – jornais O Povo e Diário do Nordeste – se associaram ao Projeto Comprova de checagem de notícias. No Brasil, são mais de 40 veículos envolvidos no projeto. O objetivo, como destacado no site da instituição<sup>8</sup>, é “identificar e enfraquecer as sofisticadas técnicas de manipulação e disseminação de conteúdo enganoso que vemos surgir em sites, aplicativos de mensagens e redes sociais”. A partir de critérios como rigor, integridade, imparcialidade, independência, transparência e responsabilidade ética, uma equipe de jornalistas de todo o Brasil se une para checar informações divulgadas e, principalmente, compartilhadas à exaustão nas redes sociais.

Após as análises sobre os fatos, o projeto define o conteúdo como enganoso (Conteúdo retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações; que usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor), falso (inventado ou que tenha sofrido edições para mudar o seu significado original e divulgado de modo deliberado para espalhar uma mentira), sátira (memes, paródias e imitações publicadas com intuito de fazer humor, é verificado quando se percebe que há

---

<sup>3</sup> Disponível em: [piaui.folha.uol.com.br/lupa](http://piaui.folha.uol.com.br/lupa)

<sup>4</sup> Disponível em: [g1.globo.com/fato-ou-fake](http://g1.globo.com/fato-ou-fake)

<sup>5</sup> Disponível em: [apublica.org/](http://apublica.org/)

<sup>6</sup> Disponível em: [nilc-fakenews.herokuapp.com/](http://nilc-fakenews.herokuapp.com/)

<sup>7</sup> Disponível em: [www.e-farsas.com](http://www.e-farsas.com)

<sup>8</sup> Disponível em: <https://projeto comprova.com.br>

pessoas tomando-os por verdadeiros) e comprovado (fato verdadeiro; evento confirmado; localização comprovada; ou conteúdo original publicado sem edição). Estes são os procedimentos adotados pelo projeto Comprova. Cada iniciativa decide como definirá as notícias que serão analisadas pela sua equipe.

Das redes sociais, as mensagens voltam para as redações, onde são analisadas a partir dos critérios definidos e depois publicadas com a tarja que explicará ao leitor se o teor daquele material é verdadeiro. Um fluxo agora de mão dupla muito diferente do que ocorria antigamente, quando as informações normalmente caminhavam de um emissor a um receptor. Agora, ela vai e volta quantas vezes forem necessárias até se encontrar a informação considerada real.

Esse processo mostra como a mediação da informação atua a partir da realidade que vivemos em um mundo de pós-verdade. Nesse sentido, a mediação executada por projetos de checagem, como o Comprova, é uma forma atual de lidar com a desinformação e levar mais segurança para a sociedade. O carimbo de uma notícia atestada como real também dá um ar de credibilidade ao veículo que a publicou.

### 3 SOBRE MEDIAÇÕES

Ao estudar a mediação como conceito fundamental para entendermos a influência das TICs na atualidade, é preciso buscar as diversas definições da palavra, que vem sendo usada de forma distinta como, por exemplo, na religião, quando se destaca a função ‘intermediadora’ de sacerdotes entre Deus e os homens. Ou quando, no senso comum, se refere a ponte, quando mediação significa ligar dois pontos, está entre dois pontos. E, na economia, quando pensamos o dinheiro, por exemplo, como mediação da mercadoria (Martins, 2019, p. 148). E ainda em relação com a interação.

No plural, como destacam Perez e Trindade (2020), a palavra mediação pode ser entendida como uma possibilidade de compreensão da realidade, do "estar-entre coisas/sujeito". É também definida mais que uma simples interação, já que há um tensionamento natural entre as partes. "A vida é atravessada por inúmeras ações mediadoras que delineiam as estradas dos sentidos do viver com o outro e em sociedade" (Perez e Trindade, 2020, p. 6). Na busca por entender de fato esse conceito, pode-se encontrar diversas definições como ação ou efeito de mediar, ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupos de pessoas, intervenção, ação de interceder junto a uma divindade (relacionado à religião), procedimento que busca o desenvolvimento de um litígio (área jurídica).

Para Santaella, "as mediações primeiras vêm dos signos, eles mesmos coletivos por sua própria natureza" (Santaella; Cardoso, 2020, p. 14). À luz da semiótica, é possível entendermos que signo é sinônimo de mediação. Como destaca a autora, o signo desempenha função mediadora. Isso porque o signo fica entre o objeto e a “consciência interpretante” que o decodificará, produzindo novos signos numa “semiose ilimitada”. "Quando no contexto da semiótica peirceana se faz a afirmação de que tudo é signo, o que se quer dizer é que não há relações – e não apenas no universo humano – que possam escapar dos processos mediadores que são próprios dos signos" (Santaella; Cardoso, 2020, p. 24).

Para Ferrara (2015), mediação deve ser caracterizada como a comunicação de uma mensagem a se passar de um emissor para um receptor, já a interação é definida pela pesquisadora como a possibilidade do comunicar ao se processar por emissores e receptores, a partir de um intercâmbio entre seus papéis, um movimento de ida e vinda de informação entre as partes.

Nesse caso, parece urgente a distinção entre mediação e interação porque, se mediação ou intermediação designam etimologicamente um simples estado - estar entre -, interação, ao contrário e também etimologicamente, decorre da reunião da

preposição latina *inter* e o termo *actio, actionis*, para dar origem a deverbais como ‘interagir’. Portanto, o uso do sentido de ação - interação/*interator* - que se espera de um agente associativo que atua entre distintos agentes - sujeitos ou objetos - pode ser mais adequado do que a forma mais habitual, mediador/mediação (Ferrara, 2015, p. 55).

Todavia, não há consenso em relação ao conceito de mediação como essa padronização unidimensional de mensagem do emissor para o receptor, como defende Ferrara. Há uma imprecisão entre os teóricos quando se trata de definir mediação e interação. Muitas vezes, se identifica a interação como a própria mediação. A mediação seria a própria interação entre os elementos em comunicação. Portanto, o conceito de mediação pode ter diversas definições em campos diversos. “Ainda permanece de certa forma a dúvida inicial sobre o grau de precisão teórica e de aplicabilidade empírica do conceito de mediação” (Signates, 1998, p. 46). O autor destaca ainda a necessidade de uma maior discussão sobre o campo. Para ele, no entanto, é importante que a mediação não seja definida como intermediação ou como intervenção em processo comunicativo. Ele defende que mediação é um processo de transformação cultural.

Quando se fala em mediação, é fundamental atentar que o olhar está para o processo comunicacional, para os sujeitos. Isso nos remete a movimento e não há algo estático. Há uma significativa mudança de olhar em relação ao processo comunicacional. Passa-se a ter mais interesse nas mediações que nos meios, no movimento. Mediação pressupõe algo dinâmico. A mudança privilegia os sujeitos e não as instituições. Passa-se a olhar mais para a recepção no ambiente das relações sociais e culturais mediadoras da comunicação (Silva, 2012, p. 108). A mediação é um processo de produção de sentido. É, muitas vezes, um conceito atrelado à interação. A construção do sentido do sujeito a partir da relação dele com o objeto, por exemplo, a informação.

Há uma tendência cada vez mais explícita de que as formas de mediação informacionais – complexas, plurais e incertas – proporcionadas pelo fazer da Ciência da Informação não podem se fossilizar na informação como matéria-prima, mas nas produções culturais, mediadoras e interacionistas que promovem, provocam e possibilitam no âmbito das 'mediações culturais (Feitosa, 2017, p. 7).

Portanto, há diversas formas de mediação que devem ser discutidas quando se pretende estudar Ciência da Informação e Comunicação. Como um fenômeno contemporâneo enredado com as transformações que as Tecnologias da Informação e da Comunicação trouxeram para o cenário atual, o conhecimento sobre as diversas definições relacionadas a mediação se torna necessário para avançarmos na discussão sobre a como a mediação da informação pode contribuir para analisar o fenômeno da desinformação e como o jornalismo

se comporta em tempo de pós-verdade no âmbito do jornalismo digital. Isto posto, destacarei a seguir a mediação cultural, a comunicacional e a informacional. Ligando onde tudo começa aos fluxos informacionais.

### **3.1 Mediação cultural: “o algo no lugar do nada”, onde tudo começa**

Para entendermos essas mudanças que o mundo hiperconectado traz para a realidade das pessoas e chegarmos até a mediação informacional, é preciso entender antes a cultura, conceito base em todo o processo de comunicação e espaço simbólico de mediação. Já que não há cultura sem a comunicação. Para existir, a cultura precisa ser comunicada. Como um conceito essencialmente semiótico, como defende Clifford Geertz (2008), cultura é uma ciência interpretativa, à procura de significados. E que tem como base a capacidade do ser humano de nomear e dar sentido ao mundo.

Para Jean Caune (2014), sem a comunicação não há cultura, já que a cultura precisa ser transmitida: “Se a cultura é um acontecimento social, não existe cultura a não ser quando manifestada, transmitida e vivenciada pelo indivíduo. A cultura existe, antes de mais nada, como herança e para compreendê-la devemos analisar os modos de transmissão desta, que é elemento constituinte da cultura”.

O conceito de cultura é a base para entendermos as transformações relacionadas à comunicação e à informação. Está conectado a questões sociais. “Ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem” (Thompson, 2009, p. 165). É uma fábrica de criação de sentidos e precisa ser definida dentro de um tempo e de um espaço.

Trata-se de um conceito que deve ser entendido como uma variedade de fenômenos sociais e históricos em interações as mais diversas, todas produzindo sentidos que são formas simbólicas de mediações entre os fenômenos culturais, seus construtos simbólicos e os sujeitos culturais e as inteligibilidades desses sentidos. Estes sujeitos como entendedores desses construtos que nos ligam às suas significações, ainda que também sejam promotores, produtores e disseminadores de sentido. Isso será decisivo quando analisarmos as notícias, suas checagens e o papel dos receptores e usuários de informações nesses contextos.

Voltando ao conceito em questão, é importante não pensar a cultura simplesmente como se definiu em seus primeiros usos, como apenas o cultivo ou o cuidado de algo (muito

usado, por exemplo, na agricultura), e nem como as discussões presentes nos séculos XVIII e XIX: cultura como um processo intelectual ou espiritual, o cultivo da mente, desenvolvimento humano e até relacionado à civilização, em contraposição à barbárie, bem alinhado ao positivismo e ao iluminismo. Nesse período impera os frutos do processo civilizatório, cuja teoria foi herdada de uma antropologia ainda em construção, que se baseou no conceito de evolução como possível de estratificar também a cultura como um fenômeno evolutivo. O que Charles Darwin e Alfred Wallace imprimiram como premissa básica da dinâmica biológica animal, fez alguns antropólogos (Elias, 1993) pensarem numa cultura como algo a evoluir, ignorando que toda cultura tem sua própria lógica e não se estrutura hierarquicamente como dinâmica cultural, mais cíclica e inventiva do que vertical e estratificada (Geertz, 2008).

Neste trabalho, busca-se, no entanto, o conceito de cultura mais relacionado aos estudos da sociologia e antropologia contemporâneas, associado a valores, crenças, costumes e práticas das sociedades em períodos da história, destacando assim o termo culturas, no plural, para definir a variedade de formas de ser e ver a construção de um corpo social. “A cultura pode ser vista como um conjunto inter-relacionado de crenças, costumes, formas de conhecimento, arte, etc., que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade” (Thompson, 2009, p. 171). O autor define essa forma de pensar o conceito como uma visão descritiva da cultura, desenvolvida a partir da antropologia. Mesmo considerando também um olhar mais simbólico relacionado ao que entende sobre cultura.

Essa concepção antropológica é defendida por Clifford Geertz. “Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. (Geertz, 2008, p. 4) O que coloca o homem para além de suas funções biológicas, psicológicas, por exemplo. Identificando-o como um construtor do mundo. Antes de trazer essa vertente semiótica sobre o que considera cultura, conceito que julga mais útil aos seus estudos, Geertz (2008) enumera as diversas formas definidas por Clyde Kluckhohn, em seu livro *Mirror for a Man*:

Em cerca de vinte e sete páginas do seu capítulo sobre o conceito, Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) 'o modo de vida global de um povo'; (2) 'o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo'; (3) 'uma forma de pensar, sentir e acreditar'; (4) 'uma abstração do comportamento'; (5) 'uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente'; (6) 'um celeiro de aprendizagem em comum'; (7) 'um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes'; (8) 'comportamento aprendido'; (9) 'um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento'; (10) 'um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros

homens'; (11) 'um precipitado da história', e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz" (KLUCKHOHN *apud* GEERTZ, 1989, p. 4).

E, após trazer essa diversidade de definições sobre cultura e escolher o conceito semiótico como seu preferido para trabalhar dentro das bases etnográficas, Geertz destaca o olhar de quem faz a ciência (“O que os praticantes da ciência fazem”). Trazendo a observação e a descrição do fato para, em seguida, ter-se uma interpretação, algo mais específico sobre o significado do fato em si. Sabendo-se, assim, que a cultura, a partir do pensamento de Geertz, é entendida como “estruturas de significado socialmente estabelecidas” (Geertz, 2008, p. 9). “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade” (Geertz, 2008, p. 10).

Portanto, cultura é, para o antropólogo Geertz (2008), uma construção de significados, organizados a partir da observação e da interpretação dos signos e alinhados dentro de uma circunstância histórica, social e temporal. Cultura definida a partir de uma análise científica de um povo, por exemplo, de algo identificado, descrito e próximo ao real. Mesmo sendo uma interpretação, algo construído a partir de um experimento, de uma observação. Esses aspectos culturais defendidos pelo autor dão a esta pesquisa mais uma chave de leitura capaz de elucidar algumas das questões que envolvem o leitor e usuário de notícias com as formas fraudulentas que lançam mão delas para enganar, como se verá no último capítulo.

A cultura, dessa forma, pode ser definida como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. E quando falamos de interpretação, é crucial destacarmos a construção do pensamento do ser humano. Isso porque não importa se é uma história verdadeira contada ou se é inventada. As duas formas são interpretações. As duas formas são "fabricação" de algo, seja a partir da realidade ou da imaginação. O que é escrito, registrado, documentado, como detalha Geertz (1989), é o significado de algo que aconteceu a partir da percepção de quem está escrevendo e não simplesmente o fato em si. A interpretação é a busca por um significado e está atrelada à cultura. Interpretar a cultura é se debruçar sobre ela e ter certeza de que ela é subjetiva. E, como destaca Caune (2008), é crucial pensarmos a cultura a partir de um processo simbólico, onde a realidade é construída.

Processo de construção que – como se verá nas análises das checagens – na produção de notícia – ancorado na estrutura linguística e ética do jornalismo sério – tenta construir um discurso de inteligibilidade do fato narrado, anunciado, demonstrado e representado pela

narrativa jornalística. Um mesmo processo que – em mãos treinadas para a produção de fake news – acaba produzindo por outros vieses representacionais notícias fraudulentas. Nesse sentido, não é de todo errado que estamos vivendo uma “cultura da desinformação, da pós-verdade e afins”, a despeito de tanto o jornalismo, como as produções éticas de informações virem ao longo do tempo pautando-se pela cultura da informação precisa e ética. Voltaremos a essas questões no último capítulo.

Relevante destacar a força que o imaginário, como um discurso da cultura, tem na construção do nosso cotidiano. Especialmente quando, a partir da percepção de Geertz (2008) relacionada à interpretação do mundo, podemos pensar a realidade também como algo percebido e interpretado (Laplantine; Trindade, 2003). O imaginário – do ponto de vista e da força cultural que tem – também se oferece a esta pesquisa como uma oportuna chave de leitura para interpretar os fenômenos de produção e realce de fake news e de pós-verdade. Um imaginário que não se entregue às complexas relações culturais no “tear das culturas”, refazendo-se, ressignificando-se, atualizando-se e se retroalimentando de sentidos pelas semioses sempre em curso, é um imaginário que pode ensejar o material simbólico de que são feitas as crenças unilineares e unidirecionais, de que a pós-verdade se alimenta.

O imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza (Laplantine; Trindade, 2003, p. 28).

O homem é um ser racional a partir do momento em que foi capaz de transmitir algo - como conhecimento, crença, costume, informação – para alguém através do aprendizado, da interpretação das ações cotidianas. Logo, pode-se salientar que a cultura nos modela como indivíduos em particular e na coletividade e nos transforma para além da nossa natureza humana, biológica. Então, a cultura é construída, segundo essa visão semiótica, a partir de fenômenos sociais e formas simbólicas. E também relacionado à comunicação.

Ao pensar sobre a cultura e a mediação cultural é natural olharmos também para a comunicação. Estão intimamente ligados, principalmente pela linguagem. “Uma não caminha nem se explica sem a outra” (Caune, 2008, p. 8). Isso porque a cultura também funciona como um processo de comunicação, já que é transmitida entre as pessoas e entre as gerações, e que comunicação possa ser considerada uma manifestação cultural, principalmente quando entendemos que, tanto cultura, quanto comunicação são parte estruturante das relações entre o sujeito e a comunidade (Caune, 2008). “A função da cultura é a de construir mediações entre

o indivíduo e o grupo” (Caune, 2008, p. 74). O sujeito, portanto, pode ser considerado o resultado da mediação cultural, mediação essa que deve ser entendida como leitura e interpretação dos fenômenos simbólicos.

Isso será decisivo para as análises das fake news, dos fenômenos de produção e disseminação de pós-verdade e das conseqüentes desinformações que produzem e para as quais há a necessidade de mediações: das técnicas – como as checagens de notícias tal qual empreendidas pelos portais de checagem – às culturais, aqui entendidas como os processos através dos quais as representações simbólicas mediam os entendimentos que as culturas produzem para a inteligibilidade das coisas e dos fenômenos do mundo – existam como real ou sejam construídos a partir de imaginários, como ditos acima. Em outras palavras, a mediação cultural é o processo de inteligibilidade complexo das culturas e seus fenômenos mediante a relação dos sentidos com as coisas de onde os sentidos provêm. Nesse sentido, o mediador é o construto simbólico presente entre as coisas (fenômenos culturais, como o da pós-verdade e o da verdade), suas representações e os sentidos dados pelas próprias culturas em suas dinâmicas particulares. O mediador – e, por via de consequência, a mediação cultural – é o sentido feito inteligibilidade cultural, seja ela real ou fruto dos imaginários que, em muitas circunstâncias, “é mais real do que o real”, como dizem Laplantine e Trindade (2003).

“O fenômeno cultural não pode ser compreendido senão por meio desse movimento circular no qual se conjugam uma manifestação concreta que vale como expressão, uma sociedade que se manifesta de forma simbólica e um indivíduo que se expressa” (Caune, 2008, p. 89).

Além também de pensar a cultura como um fenômeno simbólico, de produção, transmissão e circulação de formas simbólicas (Thompson, 2009). Um sistema simbólico dentro de um contexto que dá significado às manifestações humanas. Atentando para a construção linguística e não-linguística própria dos seres humanos, já que o uso de símbolos é próprio do homem. “Cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (Thompson, 2009, p. 176). Importante também destacar que os fenômenos culturais são produzidos por indivíduos, circulam e são recebidos e interpretados por outros indivíduos a partir de sua bagagem sócio-histórica. Portanto, é crucial entendermos também essa concepção simbólica da cultura como uma relação de poder.

Sobretudo ao analisar, por exemplo, a comunicação, a transferência de informação de uma pessoa para outra, por onde a cultura é estabelecida, também como uma relação de poder.

E dentro desse pensamento, pode-se entender o sujeito como produto das ações, do discurso, da linguagem. "Sem dúvida, comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros. A produção e a circulação de elementos significantes podem perfeitamente ter por objetivo ou por consequência efeitos de poder" (Foucault, 1995, p. 240). A linguagem, para Caune, é "fundadora do sentido e da cultura" (Caune, 2012, p. 130).

O papel das formas simbólicas na produção e manifestação de cultura se relaciona muito com a produção e manifestação de comunicação, sendo muito importante para a noção de mediação cultural que Feitosa (2016; 2017) defende. Para ele, a mediação cultural é, antes de qualquer outra mediação, uma manifestação dos sentidos provenientes dos códigos e signos culturais em relações intrínsecas. É nas "frestas das significações" e das semioses que os sentidos se tornam inteligíveis. E aí, vale realçar que são sentidos que mudam conforme recebam as interferências simbólicas nos contextos de produção, distribuição, circulação, recepção e apropriação. Contextos esses que mudam conforme as interferências simbólicas que agem nesses contextos de diferentes modos, moldando e complexificando a mediação da informação, já que esta está – da emissão à apropriação – eivada de semioses e de interferências semióticas que será decisivo na interpretação de uma verdadeira mediação informacional. Nesse caso, o mediador – mesmo sendo um terceiro e ele o é – pode não ser uma pessoa ou uma instituição, mas a própria mediação cultural: o "algo no lugar do nada". Vale dizer: o sentido cultural da informação e as interferências nesse sentido no devir dele e da informação nos contextos de produção, distribuição, circulação, recepção e apropriação (Thompson, 2009; Feitosa, 2017).

Thompson define análise cultural como o estudo das formas simbólicas. Nesse sentido, ele destaca as formas simbólicas como "ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas" (Thompson, 2009, p. 181). E que essas formas simbólicas são expressão de uma pessoa para outras pessoas, isto é, são construídas por alguém para expressar algo. Lembrando sempre que a interpretação ou o sentido de algo construído não necessariamente é igual ao que o emissor ou produtor definiu. Toda a bagagem do interlocutor fará essa comunicação ser entendida de uma forma específica. Além de estar inserida em um contexto social e histórico específico. Pensar no contexto de produção e recepção das formas simbólicas é imprescindível também quando tratamos de interação. "O processo de recepção não é um processo passivo de assimilação; ao contrário, é um processo criativo de

interpretação e avaliação no qual o significado das formas simbólicas é ativamente constituído e reconstituído” (Thompson, 1990, p. 201).

A base para se pensar a mediação, seja ela comunicacional ou informacional, como sustentado nessa pesquisa, é a cultura. É a partir da mediação cultural, quando se nomeia os sentidos, que as relações vão sendo construídas. É na transmissão do conhecimento que a cultura vai sendo construída e transmitida de geração em geração. São teias de significação, como destaca Geertz (2008), e um acontecimento social transmitido e vivenciado pelo sujeito, como defende Caune (2014). Lembrando que o sujeito não tem um papel inerte nesta relação, já que há uma produção de sentido e uma vivência ativa na construção dos sentidos.

É importante salientar que as pessoas não são apenas intérpretes de ações mediacionais, mas também produtores de significados. Há uma troca entre as pessoas, que é enriquecida a partir do repertório, da vivência individual de cada um, e da relação com a sociedade. Essa construção de sentidos deve ser sempre relacionada com o diálogo, com a interação e, por isso, a mediação cultural está intrinsecamente relacionada à comunicação. "O processo da mediação cultural pressupõe relações de construção de sentidos quando a informação é transformada em conhecimento e o produto cultural em bem cultural" (Rasteli; Cavalcante, 2014. p. 47).

Portanto, todas as possibilidades de mediação, seja a informacional, a comunicacional, originam-se da mediação cultural, como defende Feitosa:

Assim, cultura é o espaço ambivalente das linguagens em atualizações constantes de seus significados e do próprio caráter fenomenológico da informação produzida, difundida e recebida, sempre a criar novas semioses. Mudanças que se dão não apenas sob a égide dos seus sistemas de emissão ou sob os efeitos pragmáticos de suas recepções, mas, sobretudo, à luz dos fenômenos e devires que essa informação, seus fluxos e a profusão de sentidos culturais – mais do que meramente informacionais – promovem e provocam (Feitosa, 2016. p. 109).

Além disso, as várias modalidades de mediação – como por exemplo, a mediação informacional – são derivados dessa mediação cultural (Feitosa, 2016, p 103). Portanto, é a partir da mediação cultural, base de todas as mediações, que trazemos esse conceito para esta pesquisa, que interrelaciona Ciência da Informação, Comunicação e Jornalismo para discutir as ferramentas que são construídas pelo jornalismo, em tempos de pós-verdade e, conseqüentemente, da indústria da desinformação. Ferramentas que, a partir de sua inclinação para ser um instrumento de mediação, utilizam-se do conceito da CI para levar ao jornalismo, particularmente, e à comunicação, de forma mais ampla, um método que auxilia a luta contra as fake news. E é sobre a Ciência da Informação e seus percursos metodológicos que nos

levam a esse cenário de enfrentamento atual no jornalismo que iremos tratar no capítulo quatro. Mas antes, traremos aqui uma visão da comunicação relacionada com a mediação para embasamento desta dissertação. Aproximando os caminhos da Comunicação e da Ciência da Informação a partir da mediação.

### **3.2 Mediação comunicacional: o “cimento social” que une as pessoas**

A partir dessa rápida análise sobre a cultura, e de sua relação intrínseca com a comunicação, é crucial pensarmos a comunicação como uma forma de ligar as pessoas, de união, exatamente o desenvolvimento da construção de sentido no cotidiano da sociedade. Michel Maffesoli define a comunicação como o cimento social, o que nos liga ao outro. Uma cola do mundo pós-moderno (Maffesoli, 2003). Isso porque não podemos nos entender como seres isolados, já que só podemos existir na relação com o outro. O processo de comunicação é a base de qualquer construção de comunidade.

A sociedade da informação pode até fazer crer que o mais importante são os seus jornais, televisões e rádios, mas no fundo o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos. Mesmo na internet, o aspecto interativo predomina sobre o utilitário. De alguma forma, o mais interessante é o grau zero da informação. Nisso tudo, claro, há informação. No entanto, o essencial está em reconhecer-se, em ver-se, em fazer parte de uma comunidade presencial ou virtual (Maffesoli, 2003, p. 15).

É sobre essa base teórica sobre cultura, que nos debruçamos sobre como a comunicação tem se transformado nas últimas décadas com as mudanças trazidas pela internet. Jornal, rádio, livro, televisão, internet, redes sociais, mensagens instantâneas. A informação nunca foi tão consumida e das mais diversas formas. O impacto das tecnologias da comunicação foi tão intenso, na segunda metade do século XX, que elas acabaram por transformar as práticas culturais (Caune, 2014). Cultura e comunicação são processos mediacionais para se entender o mundo.

As mudanças na comunicação possibilitaram também o contato às diversas formas de consumo e distribuição de informação. Porque essa distribuição de conteúdo, a responsabilidade por fazer circular uma mensagem, seja ela de qual forma for, deixou de estar nas mãos de poucas pessoas ou veículos de comunicação. Todos somos consumidores e geradores de conteúdo. “Para além da evolução tecnológica, a própria condição de atuação dos sujeitos em relação à informação se alterou profundamente” (Araújo, 2018).

E nesse processo pode-se enxergar também uma disputa por espaço, por poder. Não apenas o acesso aos meios de comunicação, mas a possibilidade de falar e ser escutado gera uma mudança de paradigma. Na contemporaneidade, por exemplo, estar em destaque, ter seguidores, se tornar celebridade ou importante no seu nicho de atuação também é uma transformação trazida pelas TICs para a sociedade. As redes sociais são locais onde se constrói fama, popularidade e notoriedade. Comunicação é também uma relação de poder. E dentro dessa disputa, a gente pode entender o sujeito, como produto das ações, do discurso, da linguagem. "Sem dúvida, comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros. A produção e a circulação de elementos significantes podem perfeitamente ter por objetivo ou por consequência efeitos de poder" (Foucault, 1995, p. 240).

Com base nesse processo de mediação e de interatividade, identifica-se uma transformação na sociedade atual a partir do uso de redes sociais. É nesse espaço de troca constante que as pessoas passaram a se comunicar, se informar e se colocar no mundo. Há uma busca por dominação, por se sobressair, por ganhar espaço. Seja socialmente, seja economicamente. Onde antes a mídia de massa reinava, agora há a possibilidade de o cidadão comum exercer um papel de destaque, de poder. "O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre 'parceiros' individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros" (Foucault, 1995, p. 242). Essa possibilidade, mesmo que distante ou remota, já que a rede congrega milhões de indivíduos, exerce um fascínio entre as pessoas.

Atualmente, as redes sociais são o principal território onde se constrói o fluxo de informação. Particularmente por conta do processo não ocorrer mais de forma unidirecional. Os grandes veículos de comunicação deixam de ser os detentores do poder de fala e passam a dividir espaço com milhões de vozes que ganham lugar em seus perfis no Twitter, Facebook, Instagram, Youtube e WhatsApp, por exemplo. Os veículos de comunicação de massa ainda possuem seu lugar e exercem poder na sociedade, mas, a cada dia, a interação que as redes sociais proporcionam ganha espaço no cotidiano das pessoas e transforma a estrutura da sociedade.

Essa transfiguração vai além da mediação propriamente dita. Desse comportamento das pessoas em relação aos meios de comunicação. Aqui, a gente já começa a identificar a midiaticização, uma transformação estrutural na sociedade a partir da mídia. Principalmente por saber que processos de midiaticização se potencializam com a difusão de novas tecnologias. "A 'midiaticização' pode ser entendida como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade" (Sgorla, 2009, p. 62).

A mídia de massa usa, cada vez mais, a estratégia da interatividade, já muito bem disseminada pelas redes sociais, para estar mais perto da sua audiência, que cada dia mais deixa de ter uma função apenas e passa a ser consumidor e produtor de conteúdo. É a partir dessa construção de sentido, quando se fala em mediação, que a transformação da sociedade vai ocorrendo, a partir de processos técnicos de controle e produção de bens simbólicos.

“Podemos definir a midiatização como um conceito que analisa criticamente (a longo prazo) a inter-relação entre as mudanças das mídias e comunicação, por um lado, e as mudanças da cultura e sociedade por outro” (Hepp; Hasebrink, 2015, p. 76). Portanto, a midiatização está intrinsecamente relacionada à interação e ao advento das TICs. Midiatização é um processo no qual novos tipos básicos de interação mediada (face a face, por telefone, mediada por computador) se desenvolvem, tipos que tornam possível uma ação comunicativa translocal “à distância”. Desse modo, deve ser baseada na interação, o que nos mostra a importância do conceito relacionado à comunicação.

É importante salientar, como destaca Maffesoli (2003), que a comunicação é a cola do mundo pós-moderno, é o que une as pessoas. Não há mais como a sociedade se identificar individualmente, mas apenas em relação com o outro. E isso se dá, primordialmente, a partir da comunicação. As redes sociais, portanto, atuam com maestria estabelecendo essa relação entre as pessoas. E, nesse sentido, há uma necessidade de se reconhecer, de se localizar. Uma perspectiva de pertencimento, a ideia de inclusão, socialização por meio de processos da comunicação midiática (Hepp; Hasebrink, 2015, p. 84). Da mesma forma como as redes sociais nos aproximam de realidades distantes, elas também nos mostram a relevância do território, de como procuramos nos situar dentro do que ocorre em nossa região e termos evidência no aspecto local, dentro da comunidade.

Por mais que isso horrorize os críticos politicamente corretos, as pessoas não querem só informação na mídia, mas também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. A informação serve de cimento social (Maffesoli, 2003, p. 15).

Com as TICs, há um processo de transformação em nossas culturas e em nossas sociedades relacionado à midiatização. É um processo complexo. As mídias, sozinhas, não são responsáveis por essa transformação. Elas são influentes já que alteram o processo de comunicação, mas não fazem nada sem o humano. E são as pessoas, a partir da possibilidade de se conectarem que transformam a realidade. Essa conexão é possível de forma mais simples, rápida e fácil a partir das redes sociais. Hoje, essas redes já são segmentadas para que

os consumidores escolham a que melhor se adaptem: textos curtos (twitter), fotos (Instagram), fotos, texto e comunidade (Facebook), mensagem (WhatsApp), relacionamento (Tinder). Há espaço para todos os gostos.

As redes sociais ampliaram o acesso à informação e transformaram as pessoas em emissoras de informação, produtoras de conteúdo. Pode-se dizer que a era do conhecimento mexe com os paradigmas da sociedade e traz essas novas formas de nos relacionarmos com o mundo.

No entanto, é inegável a força que essa ferramenta exerce hoje em relação à população. E como a mediação e a mídiatização transformaram a sociedade em que vivemos. Seguidores, curtidas, comentários são parâmetros que demonstram o poder de uma pessoa nas redes sociais. E nos mostra o risco da atualização do ditado “diga-me com quem andas e eu te direi quem és” para “diga-me quantos seguidores tens e eu te direi quem és”.

Tomar conhecimento e compartilhar informações sobre diversos assuntos parece ter virado moeda. Aquela cujo poder é mais simbólico do que econômico. Isso vem acompanhado de outra característica de um indício de uma nova modalidade civilizatória: a do compartilhamento frenético de informações, ensejadas pela sua profusão, onde os emissores estão também na condição de receptores e estes cada vez mais protagonistas desse novo processo infocomunicacional.

Do ponto de vista dos modismos e apelos simbólicos destes tempos de informação em profusão, é como se o novo paradigma de “progresso” estivesse relacionado à ânsia de cada sujeito se mostrar capaz de produzir/receber; de editar/consumir; de compartilhar/difundir; de aceitar/condenar (curtir/descurtir). Do mesmo modo, no âmbito de uma reconfiguração não apenas técnica, mas, sobretudo, “civilizatória” nos contextos de produção/recepção de notícias, de transformar fatos em informações compartilhadas e de tomar informações compartilhadas como fatos, estabelece-se um novo processo de identidade/identificação que parece estar na ordem do dia.

É nesse contexto e sob os auspícios desse novo caos informacional, mas também dessa alvissareira oferta tecnológica para o trato “democrático” com a informação e seus fluxos que o compartilhamento de notícias falsas ganha grandes proporções. Assim, como está a se construir nesse nosso discurso ao longo desta dissertação de mestrado, é dentro desta nova ordenação socioantropológica da comunicação, que entendemos que a mediação da informação tem um papel importante em relação ao jornalismo. Diversos sites de notícias e as próprias organizações mundiais travam na interação com o seu público leitor e suas navegações diárias de leitura, informação e conhecimento – mas também de processos de

desinformação – que os produtores de informação alertam para a necessidade de a informação verídica, cientificamente aferida, com critérios de difusão e compartilhamentos regulados sejam cada vez mais mediadas.

São notícias virais que são repassadas por redes sociais e aplicativos de notícias, ordenados por leitores vorazes por estarem dentro desse ciclo de informação e que, muitas vezes, consomem informações que apenas reforçam suas crenças, seus desejos individuais e suas intenções momentâneas sem questionar a veracidade de tal mensagem e, em muitos casos, agindo exatamente para criar como verdades, as inverdades. Essa nova forma de lidar com a informação e como compartilhamos informações principalmente para reforçar um pensamento, um valor individual, passou a ser nomeada de pós-verdade.

Nesse contexto agônico de desinformação, de pós-verdade, da disseminação de fake news e do caos que isso causa no cenário de descontrole do fluxo informacional, sugerimos ações de mediação da informação. No dicionário, ao procurar a palavra mediação, encontra-se a seguinte definição: “Ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; intervenção”. E mediar é definido como “estar no meio”. Já se procurarmos o significado da palavra informação, encontramos: “Reunião de conhecimento e/ou de dados, o que se torna público através dos meios de comunicação, esclarecimento”. Essa definição deve apenas ser uma base para se entender a mediação informacional, visto que esse fenômeno vai além da intermediação entre dois pontos.

Assim, juntando as duas formas preferenciais de um fazer mediacional dos fenômenos informacionais com as suas necessidades, demandas e a emissão/circulação/recepção/apropriação das informações nos contextos contemporâneos, deve-se realçar que o fenômeno de mediação da informação deve ser entendido mais do que um simples movimento entre as partes ou um transitar entre dois pontos que desejam diálogo, mediação.

A forma de mediar informação quando não havia as tecnologias de comunicação eram mais voltadas para captar e disponibilizar a informação de interesse geral de forma igual para todos. Com a diversidade de informação disponível na web, a função do mediador tornou-se mais ampla, voltada mais para filtro, pois as necessidades dos usuários também se ampliaram (Fachin, 2013, p. 35).

Faz-se necessário chamar à responsabilidade os profissionais e instituições ligados não apenas ao jornalismo e produtores de conteúdo na internet, mas os profissionais da CI, que estão à frente nas linhas de ação de mediação informacional nos arquivos, nos bancos de dados, nos portais e repositórios de instituições, mas também dos organismos de mídia para

estabelecerem processos de mediação da informação nos contextos de produção, circulação, recepção e apropriação da informação.

O jornalismo não deve se assustar com o papel de protagonista da audiência. O jogo atualmente, com as novas tecnologias, deve ser diverso. As informações vêm e vão dos dois lados. Saber ouvir a audiência é fundamental, mas é preciso também mostrar que o trabalho realizado pelo jornalismo, de investigação, apuração, entrevista, escrita e análise, é feito com qualidade e profundidade.

Em tempos de pandemia, com as pessoas isoladas em casa e, cada dia, mais unidas umas às outras, independente da distância em que estejam, a partir de seus dispositivos móveis, o jornalismo se mostra ainda mais indispensável. É ele que pode unir essas pessoas. Levar informações para as discussões em grupos de Whatsapp, por exemplo. E, em um momento tão delicado em relação ao que estamos vivendo desde o fim de 2019 no mundo, são as informações corretas, bem apuradas e divulgadas para a população sobre a COVID-19, sobre prevenção e tratamento da doença, que verdadeiramente podem ajudar a salvar vidas.

E nesse contexto de bolhas de conteúdo na internet, de desinformação, de produção de informação com intuito de enganar, o jornalismo precisou se mostrar ainda mais necessário. Ao mesmo tempo que perdeu espaço para a produção de informação feita por qualquer pessoa conectada a uma rede social, por exemplo, se mostrou necessário com suas técnicas e ferramentas jornalísticas, que levam à sociedade um serviço essencial para a democracia. “A prática jornalística é indissociável do que se concebe como a realidade, que pode ser em parte relativizada, mas não pode ser confundida com ficção, e é basicamente isso o que estipulam os códigos de ética da profissão” (Fernandes, 2020, p. 83). É necessário pensar o jornalismo como algo que expõe um fato, um acontecimento. Com as regras e código de ética que a profissão abraça. “Falamos, assim, de algo que aconteceu no plano da realidade ontológica e que pode ser verificável, por diferentes tipos de provas, e transformado em narrativa, para, deste modo, alcançar um efeito de verdade. (...) Trata-se, assim, de algo relacionado tanto com o que é relatado, o acontecimento, como com a forma como o relato é construído, associando-se, assim, diretamente à estratégia estabelecida pela objetividade jornalística para dar verossimilhança à narrativa” (Fernandes, 2020, p. 84).

Além da narrativa de fatos e da objetividade, o interesse público também está entre os valores relacionados ao jornalismo. Além de contar sobre um acontecimento de forma objetiva, o fato noticiado deve ser de interesse público, necessário para a sociedade. Seja ela de forma ampla, seja um nicho. O interesse público é um princípio básico do jornalismo que deve ser seguido de forma precisa. Essas características são a base do jornalismo e vão

permanecendo no radar da profissão mesmo com a chegada das mudanças que a tecnologia impôs ao fazer jornalístico. Práticas como a de gatekeeper, que define o jornalismo como sujeito necessário para a função de escolher o que deve-se noticiar e ainda hierarquizar as notícias, estão se transformando. O jornalismo ainda define e oferece à audiência sua produção. Mas, ao mesmo tempo, está de olho, a partir de ferramentas de tecnologia (Google Analytics, CrownTangle...), em relação ao que a audiência quer receber.

“Refletir sobre essas transformações e sobre os riscos que o jornalismo tem sofrido em meio a todo esse contexto é fundamental sobretudo porque o jornalismo continua sendo essencial para a existência de qualquer sociedade democrática” (Fernandes, 2020, p. 103). E nessa transformação, vão se criando novas ferramentas para fortalecer o papel do jornalismo e do profissional da informação. Recursos que vão mostrando para a sociedade que a investigação e a busca por informações verossímeis são imprescindíveis para a sociedade. As checagens de notícias são ações criadas pelos jornalistas, nesse contexto de pós-verdade, quando há um ambiente propício para a desinformação, com o intuito de mostrar o quanto é necessário um profissional da notícia capacitado para levar ao cidadão o que é verdade e o que é mentira. A partir, principalmente, da transparência em relação a apuração dos fatos.

#### 4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DOS FLUXOS À MEDIAÇÃO

O mundo já passou por diversas (r)evoluções. Cada uma com mudanças importantes na forma de nos comportarmos. Atualmente, há discussões sobre estarmos sob a égide da sociedade da informação, a qual podemos comparar com outros momentos da história, como a revolução industrial, quando o modo de produção alterou significativamente a vida de todas as pessoas do planeta. Tal e qual esse marco na civilização, a era do conhecimento também mexe com os paradigmas da sociedade e traz novas formas de nos relacionarmos com o mundo. Há autores que defendem que a era do conhecimento começa a partir da década de 1960, no pós-guerra, e dentro do contexto da guerra fria (Araújo, 2018).

É a partir desse momento que a informação se torna, cada vez mais, um importante valor na sociedade. Há, no entanto, controvérsia quando se trata de denominar esse momento como era da informação e/ou do conhecimento. Há estudiosos que defendem que essa sociedade do conhecimento é uma ilusão que o capitalismo quer que nós acreditemos (Almeida Júnior, 2009). Principalmente quando se fala em democratização da informação.

Sabemos que já há um maior acesso à informação e aos meios de comunicação, mas é irresponsável atestarmos a certeza de uma democratização, quando há ainda muitas pessoas sem sequer letramento. "A democratização da informação através das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) é falsa e se constitui, na visão do autor e que acompanhamos, em uma das ilusões da sociedade do conhecimento" (Almeida Júnior, 2009, p. 95).

Mesmo com esse adendo, é importante entender que o momento em que vivemos trouxe mudanças na forma como lidamos com a informação, independente de denominarmos este tempo como era do conhecimento. E como a informação, atualmente, está sendo vista ainda mais como mercadoria. Dentro do capitalismo em que estamos inseridos, entendemos que a informação passa a ter um valor cada vez maior. E com esse valor, uma série de mudanças ocorrem quando pensamos na forma como consumimos informação.

Ligada a áreas como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, a Ciência da Informação – CI – estuda o seu objeto, a informação, como fluxo, como fenômenos informacionais. Nesse sentido, abriga as diversas ações cada vez mais comuns em um mundo hiperconectado como rapidez nos processos, instantaneidade nas difusões e disseminações, hibridação de formas e conteúdo, compartilhamento em tempo real ao de suas emissões, desfragmentação do tempo e do espaço. Já a Biblioteconomia é mais focada na informação em si, no seu armazenamento e na sua recuperação (Araújo, 2018).

Ciência da informação é a disciplina teórica preocupada com as aplicações da matemática, projeto de sistemas e outros conceitos de processamento de informações; é uma ciência interdisciplinar que envolve os esforços e habilidades de bibliotecários, lógicos, linguistas, engenheiros, matemáticos e cientistas do comportamento. O papel da Ciência da Informação é explicar os fundamentos conceituais e metodológicos sobre os quais os sistemas existentes são baseados (Borko, 1968).

Como uma área interdisciplinar, a Ciência da Informação tem entre seus objetivos fornecer uma base teórica importante para diversas áreas, principalmente quando tratamos de acumulação e transmissão de conhecimento (Borko, 1968). Isso porque a CI investiga as propriedades, o comportamento, o uso, a transmissão, os fluxos, a técnica e o processamento da informação. “É uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam os fluxos e os usos da informação, e as técnicas de processamento da informação, visando sua armazenagem, recuperação, e disseminação ideal” (Borko, 1968, p. 5). Esses aspectos gerais da CI serão importantes para esta pesquisa, para fazermos as relações entre suas preocupações epistemológicas e as da Comunicação, que tem a informação como elemento chave dos processos comunicativos, notadamente das práticas jornalísticas.

No princípio, a CI começa a ser definida a partir da Teoria da Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver. Uma abordagem técnica que foi a base para os estudos da Ciência da Informação. Assim como vimos no capítulo anterior sobre essa teoria, o caráter unidirecional e unilinear da informação nesse contexto tratada influenciou alguns outros conceitos caros aos dois campos, como o do entendimento sobre mediação, com foco nas intenções do emissor. Com o passar do tempo, no entanto, outras abordagens vão surgindo e modelando o que conhecemos como CI hoje. Após o paradigma técnico, quando o que importava era como passar uma mensagem de um emissor a um receptor, começa-se a estudar o campo cognitivo, quando o conhecimento acerca da mensagem passa a ser levado em consideração. E, depois, o paradigma social, quando há uma forte dimensão coletiva e humana. Portanto, a informação é tratada em uma dimensão ampla, que abrange as mensagens (abordagem física), os processos relacionados à compreensão e ao pensamento (cognitivo) e um contexto de motivação e intencionalidade (social) (Vega-Almeida; Fernandez-Molina; Linhares, 2009). Tanto o paradigma físico quanto o social coincidem em contextos e historicamente como modelos de abordagens presentes tanto na CI como nos estudos de Comunicação, como vistos no capítulo anterior. Assim, o valor sociocultural e cognitivo da informação será preponderante para analisarmos nesta pesquisa os fenômenos e

consequências da pós-verdade e afins no jornalismo, do mesmo modo como trazem reflexos disso nos estudos de mediação de ambos os campos, com diferenças específicas, mas encaminhamentos parecidos.

A CI trabalha com esse entendimento da informação como fluxo, preocupa-se com os fenômenos informacionais nos contextos socioculturais e à luz dos desdobramentos fenomenológicos – fluxo, rapidez, instantaneidade, hibridação, compartilhamento, desfragmentação do tempo e do espaço – atuais. Nesse sentido, chega-se à noção de mediação da informação, que inicialmente foi definida como uma ponte entre a informação e os usuários, mas que a definição progrediu para uma ação de diálogo entre as partes. Mediação pode ser definida como “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional” (Almeida Júnior, 2009, p. 92).

#### **4.1 As Teorias da Ciência da Informação**

A Ciência da Informação (CI) como uma área que trabalha com os processos relacionados à informação começa a ser delineada por volta de 1948, a partir da publicação da Teoria da Informação, de Shannon e Weaver. Mesmo sabendo que o campo da informação é bem mais antigo que essa data, é a partir dos estudos de Shannon e Weaver que essa ciência começa a ser definida porque, como também dissemos da relação dela com os estudos de comunicação, os estudos específicos das duas áreas ainda não existiam, daí lançarem suas reflexões específicas a partir do que se tinha de mais contundente nos estudos dos processos da informação (Hjorland, 2014).

A Teoria da Informação, portanto, pode ser considerada a fundação da CI. Mesmo após críticas por essa teoria ser mecânica, matemática e focada na transmissão da mensagem e não na mensagem em si e nos efeitos mediacionais dela, é importante destacar que foi a partir dos estudos de Shannon e Weaver que se começou a discutir sobre um conceito de informação. A Teoria Matemática da Comunicação ou a Teoria da Informação, como também ficou conhecida, é focada na transmissão da informação. O importante era identificar se uma informação X saía de um emissor e chegava a um receptor. E não necessariamente o que o receptor havia entendido sobre a mensagem. A teoria nasceu preocupada com a informação transmitida de um lado para o outro e não com o conteúdo desta mensagem. Do mesmo modo, como se percebe na forma unilinear e unidirecional do processo, trata-se de um sistema

comunicacional com foco na emissão e no emissor, pouco ou quase nada relacionado à recepção e ao receptor, cujos papéis são subjugados. Retomaremos essa questão mais adiante durante os desdobramentos das leituras e aplicações que faremos ao longo da pesquisa.

Como engenheiros, os teóricos tinham interesse na área da transmissão da mensagem. Então essa parte técnica seria como som e/ou a impressão da mensagem e como ela sai de um ponto para chegar no outro. Shannon e Weaver definem três níveis no campo da comunicação: o técnico, o semântico e o eficiente. O técnico restrito ao transporte físico da informação. O semântico dá conta do significado da informação. E o eficiente seria quando se leva em conta o papel no processo, já que quem transmite uma informação pretende provocar uma mudança, uma reação, ainda que a complexidade dessa reação só venha a ser trabalhada mais tarde e fora do escopo unilinear da teoria de Shannon e Weaver.

Capurro e Hjørland (2007) destacam que a Ciência da Informação nasce dentro desse paradigma físico de transmissão da informação. A Teoria da Informação, no entanto, acaba por abranger o primeiro nível: o transporte físico da informação. A Ciência da Informação que nasce da Teoria da Informação, no entanto, seria uma teoria muito mais relacionada à transmissão de dados, uma teoria matemática sobre quando os dados são transmitidos, armazenados ou recuperados (Capurro; Hjørland, 2007). Perceba-se que o contexto histórico e teórico é o que encontra como base primordial a unilinearidade do processo de comunicação e informação.

Para além das críticas, esse estudo foi essencial para a origem da CI, uma ciência que estuda a informação de forma interdisciplinar e abrangente. Principalmente quando pensamos na natureza do termo informação: formar a mente, dar a forma. Informar passou a ser um movimento que desencadeia processos inteligíveis de leitura e decodificação, de representação e significação, de tradução e entendimento, de decodificação de signos e a produção ilimitada de novos signos, sentidos, significados. Assim, deixou de ser um conceito abstrato após os estudos iniciados no século 20, como destacam Capurro e Hjørland (2007), e passa a transitar entre a natureza física da informação e os seus efeitos socioculturais. Aliás, para efeito desta pesquisa e do caminho que vimos traçando a partir das leituras, é esse efeito da informação nas práticas jornalísticas e dos ruídos causados nelas e nas audiências pela pós-verdade e afins que fez com que optássemos em relacionar as teorias da Comunicação e da CI, a fim de ver o que as aproxima e/ou se distancia em ambos os campos nos estudos que fazem dos processos infocomunicacionais e nos respectivos processos de mediação da informação.

A história de uma palavra fornece-nos curiosidades que são tangenciais ao próprio conceito. Mas, em nosso caso, o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido. Esta perspectiva inclui características como novidade e relevância, ou seja, refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico. A discussão leva às questões dos motivos e quando este significado foi designado com a palavra informação (Capurro; Hjørland, 2007).

Importante compreender também a informação como um conceito interdisciplinar e que leva essa característica também à Ciência da Informação. Sobretudo quando entendemos que a CI é relacionada visceralmente com áreas como tecnologia, comunicação e biblioteconomia. “Não deveríamos considerar o conceito de informação isoladamente, mas vê-lo em relação a outros conceitos como, por exemplo, documentos e mídia” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 193). O que define também a variedade de formas como a palavra é usada e entendida. E a importância do contexto em que ela está sendo usada. Visto que está relacionada a ciências naturais, humanas e sociais de forma diversa.

Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos socioculturais e científicos. Usuários deveriam ser vistos como indivíduos em situações concretas dentro de organizações sociais e domínios de conhecimento (Capurro; Hjørland, 2007, p. 192).

Com a definição da CI, identificam-se algumas abordagens relacionadas ao fenômeno da informação importantes para o entendimento do fenômeno. A primeira, que chega a partir da teoria matemática, já explicitada acima, é a abordagem física, que lança a luz para a transferência da mensagem e tem domínio entre as décadas de 1940 e 1970. Na continuidade dos estudos sobre informação, é necessário também um olhar específico para alcançar o conceito de informação como estado de conhecimento comunicado, passando para o segundo paradigma: cognitivo. “A perspectiva cognitiva dá um passo em direção à compreensão subjetiva da informação” (Capurro; Hjørland, 2007). O domínio dessa abordagem começa a ser identificado entre as décadas de 1980 e 1990 e a informação começa ser definida como um conceito relacionado à compreensão e ao pensamento cognitivo, algo que afeta o intelecto da pessoa. Estamos, nesse momento, em uma perspectiva mais individualista da CI.

Após esse início com foco na transmissão, a CI começa a se desenhar também com um olhar específico ao pensamento cognitivo. Isso ocorre quando se começa a entender a importância do sujeito ativo e transformador no processo da informação e do conhecimento, em mais um aspecto que aproxima a CI da Comunicação. E, a relevância de se levar em conta

o papel do receptor no processo, já que quem transmite uma informação pretende provocar uma mudança, uma reação e em quem recebe também. A informação, portanto, é definida como um conceito ligado à compreensão e ao pensamento cognitivo (Vega-Almeida; Fernandez-Molina; Linhares, 2009). Se afeta a mente, nela se produzem semioses informacionais que não apenas retroalimentam o sistema informacional, mas ampliam as bases semióticas e cognitivas do conhecimento.

Se o paradigma físico, apresentado inicialmente por Shannon e Weaver, tem como características a conexão com as tecnologias e a transmissão da informação, o paradigma cognitivo se concentra mais no receptor como sujeito ativo do processo. Há uma preocupação em demonstrar como o homem pensa e interfere nessa informação até a apropriação do conhecimento. Informação é o conhecimento em ação. A partir dessa absorção, há uma mudança no comportamento do receptor e na própria recepção. Antes, um sistema unilinear, agora há uma retroalimentação, tornando-o multidirecional, dialógico, complexo do ponto de vista informacional, mas também do ponto de vista da produção de conhecimento). Esse aspecto também aproxima a CI da Comunicação, principalmente no tocante aos novos papéis do receptor no processo de comunicação; de igual modo, nos processos de mediação da comunicação e da informação, onde se desfaz – ainda que subjetivamente – os papéis tradicionais dos emissores e receptores, muitas vezes invertidos.

A informação deixa de ser apreendida como um objeto físico, com a mesma natureza de uma cadeira, uma pedra, um elemento químico, e passa a ser entendida como um fenômeno humano (portanto, cultural e histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros (Araújo, 2018).

A visão do emissor e do receptor como ativos no mundo e que interferem na informação é considerada uma mudança na CI em relação à teoria matemática. E, uma terceira variação no conceito ocorre quando passamos a identificar o fenômeno informacional como um processo coletivo e não apenas individual, relacionado com as interações (Araújo, Valentim, 2019). A partir da década de 1990, é que começam os estudos relacionados ao paradigma social da Ciência da Informação, quando há uma base mais social e humana. Há, portanto, diversas mudanças entre um paradigma e outro. A cada estudo, novas complexidades são adicionadas na constituição da CI e nas formas de pensar a informação, seus fluxos, propriedades, o comportamento, o uso, a transmissão, a técnica e o processamento da informação. Uma dessas complexidades é a mudança do foco do emissor para o receptor; o interesse nas complexidades culturais dos contextos de emissão, circulação,

recepção e apropriação da informação, entre outros. Importante destacar também que os três paradigmas convivem na atualidade. Um não se sobrepõem ao outro.

No decorrer dos estudos em CI, ainda pode-se identificar mudanças relacionadas às ações dos sujeitos (buscam e produzem conteúdo), à construção da cultura e da memória coletiva, ao contexto. “A informação não é algo que se transporta e sim algo que constrói a realidade; ela não é a entrega de algo de um emissor para um receptor, ela produz ‘efeitos’” (Araújo, 2018a, p. 42). Toda essa construção da CI mostra que há um caminho seguido pelas pesquisas e que cada paradigma - seja o matemático, seja o cognitivo ou o social - coexistem.

Ao estudar sobre a Ciência da Informação é imprescindível definir adequadamente os conceitos que podem parecer sinônimos, mas não são, como informação e comunicação. Citando Bougnoux (1993; 1995), Capurro e Hjørland (2007) destacam que esses conceitos são inversamente relacionados. “A comunicação está relacionada à previsibilidade e à redundância, enquanto a informação, com o novo e o imprevisível. Não há informação pura ou informação em si. Informar (aos outros ou a si mesmo) significa selecionar e avaliar” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 173).

Nem toda informação é comunicação, já que a comunicação precisa de significação. Já a informação é derivada do termo in-formar – formar a mente. Não é necessariamente o que dá forma, mas o que desencadeia processos inteligíveis. Além disso, a informação pode ser definida como comunicação do conhecimento. “Informação é o que é informativo. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 155).

Portanto, entende-se que o caminho da CI é construído, desde o pós-guerra até as primeiras décadas do século 21, a partir da Teoria Matemática e, posteriormente, levando em conta o conhecimento comunicado, a ação do sujeito ativo do processo informacional e enredado ao contexto social. Nesse sentido, o conceito de mediação informacional é um dos fenômenos que está intimamente ligado à Ciência da Informação.

#### **Quadro 1 – Teorias da CI**

- **Ciência da Informação - Fluxos informacionais**

Ciência da Informação, de acordo com Harold Borko, é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação e os significados do processamento da informação, visando à

acessibilidade e à usabilidade. Campo que investiga as propriedades, o comportamento, o uso, a transmissão e o processamento da informação.

- **Transdisciplinaridade.**

Por ser uma ciência de natureza interdisciplinar, a CI teve dificuldade em se solidificar. Ampla relação com biblioteconomia, comunicação, computação. É considerada uma disciplina agregadora de áreas.

- **Estudos da natureza matemática**

Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação (1948), de Shannon e Weaver, é um marco inicial importante para o início dos estudos relacionados à CI. Ela fundou o campo da CI, mas perdeu importância ao longo do tempo, principalmente por seu caráter técnico. Época em que havia o domínio do paradigma físico: as informações são consideradas sinais ou mensagens expressas. O paradigma físico, focado na transmissão da informação, é a base da Teoria de Shannon e Weaver. É a teoria que pela primeira vez enunciou um conceito científico de informação. Teoria mais preocupada com o transporte da informação.

- **Teoria sistêmica**

Se a área de transmissão e recuperação da informação tem origem na lógica das ciências exatas (matemática e física), a Teoria Sistêmica da informação tem origem em princípios da biologia. Enquanto o modelo físico pensava os processos numa lógica linear, do transporte de um ponto a outro, a lógica sistêmica privilegia a ideia de ciclo, de circularidade.

- **Teoria Social**

Começa a ter destaque a partir da década de 1990. Tem uma forte influência das ciências naturais e sociais e uma grande dimensão social e humana. Informação como recurso chave para o desenvolvimento. Conceitos de sistema, estrutura, processo e investigação qualitativa. Como uma ciência social, reconhece as bases sociais do conhecimento. Foca o estudo do objeto a partir da historicidade do sujeito. Recuperação da informação. Influência da cultura, história e linguagem. Conhecimento determinado por fatores sociais. A informação é tratada em uma

dimensão ampla, que envolve as mensagens (paradigma físico), os processos cognitivos (paradigma cognitivo) e um contexto de motivação e intencionalidade.

- **Teoria crítica da informação**

Fundamentada nas humanidades - filosofia e história. A postura da teoria crítica se relaciona essencialmente com a ideia de suspeição de que a realidade tenha fundamento nela mesma. No campo da CI, é exatamente a perspectiva marxista a que mais se consolida no âmbito da teoria crítica da informação. A teoria crítica vai enfatizar o conflito, a desigualdade, o embate de interesses em torno da questão da informação – e para tanto, buscará explicar os fenômenos a partir de sua historicidade. As temáticas estudadas no âmbito dessa teoria envolvem a questão da democratização da informação.

- **Teorias da representação e da classificação**

Ramo de estudos voltados para a melhor forma de representar a informação, de classificá-la, de descrevê-la. A grande questão passou a ser não mais a aquisição de livros, mas sua organização, de forma a se conseguir promover a sua recuperação e o seu uso.

- **Estudos em comunicação científica**

Estes estudos acabaram por desviar o foco da informação em si, enquanto produto, recurso ou documento, para os seus fluxos, a sua transferência, a comunicação. Dois conceitos que nasceram na pesquisa tornaram-se centrais para esse campo: o gatekeeper (função de transmissão e captação de informações numa comunidade científica) e os colégios invisíveis (relacionamento dos elementos de cada grupo numa comunidade científica).

- **Estudos de usuários**

Trabalha os fluxos de informação e os hábitos informacionais. No lugar das caracterizações sociodemográficas, esses estudos identificam as percepções dos usuários acerca de sua situação e da informação como elemento determinante do processo. A informação passa a ser vista como algo na perspectiva de um sujeito.

- **Teoria Cognitiva**

É uma evolução dos estudos relacionados à Teoria da Informação. Quando se começa a olhar para a interpretação da mensagem, para o receptor. É definida a partir da década de 1980, época da transição de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação, é focada no sujeito ativo e transformador da informação e do conhecimento. Informação é vista como um conceito relacionado à compreensão e ao pensamento cognitivo. Informação é o que afeta a mente.

- **Mediação da Informação.**

Inicialmente entendida como ponte, ligação entre dois pontos como o acervo de uma biblioteca e o usuário, houve um avanço na definição do conceito, que passou a indicar uma ação mais incisiva dos profissionais da informação. Passou de ser unicamente um caráter difuso (de transmissão de conhecimentos) para um caráter dialógico da biblioteca e dos serviços e sistemas de informação.

Fonte: Elaborado pela autora.

#### **4.2 Mediação: entre o diálogo e a interação**

O fenômeno da mediação está intimamente ligado tanto à Comunicação como à CI. Já que cada campo elabora suas epistemologias e teorias com vistas às análises das mediações e dos processos mediacionais, importantes para o nosso objeto de pesquisa. Mediação significa ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; uma intervenção mediativa, mediadora ou mediacional. A palavra pode ser definida também como “estar no meio”, “entre”. Já a informação pode ser definida como a reunião de conhecimento e/ou de dados, o que se torna público através dos meios de comunicação, esclarecimento. Essas definições devem apenas ser uma base para se entender a mediação informacional, visto que esse fenômeno vai além da intermediação entre dois pontos.

O fenômeno de mediação da informação deve ser entendido mais como um movimento entre as partes e não como uma ponte. Em se tratando de fluxo informacional, é preciso entender a mediação como um sistema de mão dupla entre os agentes envolvidos. Perceba-se que qualquer noção de mediação como ponte é decorrente da influência da Teoria da Informação de Shannon e Weaver. Do mesmo modo, a mediação mais dialógica e de processo mais ativo decorre das teorias de natureza mais cognitiva e sociocultural, tanto nos

estudos de Comunicação, como na CI. Assim, a mudança da postura unilinear para multilinear, de unidirecional para dialógico é mais do que uma simples mudança, mas a configuração de um processo ativo, quando há ação de todas as partes envolvidas. Deixa de ser uma ponte entre duas pessoas, por exemplo, para ser definida como um fluxo de informação que se constrói entre as partes no processo.

Mas, como se pode ver facilmente na literatura especializada em CI, a noção de mediação da informação foi entendida num primeiro momento como uma ação de ‘ponte’, de ‘ligação’ entre o acervo documental (por exemplo, de uma biblioteca, um arquivo, um museu, uma unidade de informação) e a comunidade de usuários com suas necessidades informacionais. Entretanto, em pouco tempo, tal concepção avançou no sentido de indicar uma ação mais incisiva dos profissionais da informação e referências mínimas destes sobre tendências informacionais de usuários de informação que levaria aos atuais estudos de comunidades e de usuários da informação. Assim, a ideia de mediação sofreu uma mudança, enfatizando menos o caráter difusor (de transmissão de conhecimentos) e mais o caráter dialógico da biblioteca e dos serviços e sistemas de informação (Araújo; Valentim, 2019).

Quando se destaca que a ação é mais incisiva, defende-se que conhecimento é construído a partir da interação entre os sujeitos. A mediação da informação, portanto, vai além da interação, pois usa essa troca própria da interação para a transformação e para a produção do saber. É fundamental o entendimento de que o processo ligado à comunicação não é simples e que esse fenômeno não deve ser relacionado meramente à transmissão, ou nas mãos do emissor. Mais do que ligação entre as partes, é pertinente entender a mediação da informação como diálogo. Mediação não é transitar entre dois pontos. Uma coisa é o acesso à informação, outra é a mediação que essa informação determina. “Atualmente, na CI, a mediação está mais vinculada à apropriação – logo, à mudança – do que à recepção ou mero consumo de informações e bens culturais” (Nunes; Cavalcante, 2017, p 2-3).

A mediação tem sido utilizada, no âmbito da CI, como ferramenta conceitual de suma importância para se compreender a relação entre profissional, indivíduos e acesso às fontes e recursos informacionais. Em sentido lato, uma definição possível para mediação diz respeito ao seu papel de intervenção, no qual destaca-se um terceiro elemento que age intermediando a relação entre, pelo menos, outras duas partes (Nunes; Cavalcante, 2017, p. 7).

Por ser dialógico, essa interlocução ocorre, por exemplo, entre o profissional bibliotecário e o usuário, e este não apenas na condição de receptor – o que recebe – mas o que informa sobre o que deseja receber, como deseja, o que deseja da informação e mais o que pode advir dos complexos e incertos processos de apropriação da informação. Passando

também, nesse exemplo, pelo sistema de organização e recuperação do acervo. É uma construção do conhecimento entre as partes. “Assim, processo de mediação se estabelece quando duas ou mais pessoas cooperam em uma atividade, possibilitando uma reelaboração” (Neves, 2006, p. 40).

A partir deste entendimento, é determinante destacarmos o conceito de mediação como processo e que se estabelece na tensão e na mudança. Não é algo estático. É algo que demanda energia e transformação. Sobretudo, deve-se destacar questões culturais mediacionais desse fenômeno cultural contemporâneo, visto que, na mediação, há mais do que trocas de informação. Em caminho investigativo, uma mediação ocorre a partir do estabelecimento de novos parâmetros cognitivos, construções de sentido, produções de informação e de conhecimentos (Feitosa, 2016). Atualmente, com a hiperconectividade, essa mediação tende a ficar ainda mais intensa. Como um fenômeno interdisciplinar, também é possível relacionar a mediação às mais diferentes áreas como cognição, conhecimento, comunicação, competência, cultura, gestão da informação e leitura, por exemplo (Nunes; Cavalcante, 2017).

Especificamente na CI, a mediação passa por atividades desenvolvidas por profissionais da informação em bibliotecas, museus, arquivos e compartilhamento de dados relacionados às tecnologias da informação. “Mesmo não havendo um conceito de mediação que seja consensual, pode-se observar que as abordagens em torno da temática se vinculam mais à apropriação e à mudança do que à recepção ou mero consumo de informações e bens culturais” (Nunes; Cavalcante, 2017, p. 18).

O caminho das reflexões aqui feitas sobre mediação da informação requer uma breve problematização sobre a alternância das expressões “mediação da informação” e “mediação informacional” na literatura da Ciência da Informação. A nossa opção para efeito deste projeto é usar a expressão mediação da informação, que se configura ações de interferência entre a informação disseminada e sua apreensão pelos sujeitos. Um diálogo que se estabelece para além do caminhar informacional unilinear e unidirecional entre a informação e suas demandas, com foco nas relações cumpliciadas entre emissor/produtor e receptor/usuário.

Nas semioses que se estabelecem entre a informação disseminada e suas demandas em contextos de difusão jornalística, entende-se por mediação os processos que desencadeiam ações de inteligibilidade da informação dentro do processo informacional, aqui entendido como aquisição de conhecimento, que é mais do que apenas ter possibilidade de acesso e o acesso direto ou indireto a conteúdos informacionais. Assim, a mediação que atravessa as discussões deste trabalho se debruça sobre a inteligibilidade da informação em fluxos.

A partir de estudos da Ciência da Informação, essa pesquisa visa discutir a mediação informacional como um conceito cada dia mais importante quando se trata de analisarmos jornalismo e mediação da informação dentro do contexto de desinformação que vimos atravessando. Em uma sociedade hiperconectada, a informação ganha relevância e é usada para os mais diversos fins. As redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas, por exemplo, têm se configurado como as principais ferramentas de distribuição de notícias na atualidade, na mesma medida em que a Rede Mundial de Computadores tem sido apresentada como um dos espaços mais propícios à profusão de informações desencontradas ou deturpadas, causando um novo contexto e conceito de desinformação.

Como exemplo dessas informações desencontradas e no contexto da pandemia da COVID-19 e os processos de infodemia, Maffesoli (2020) diz que a crise sanitária é um sinal de crise civilizatória. Ele critica as adversidades decorrentes de uma pandemia que expõe toda a fragilidade humana e do mundo ante as ordenações simbólicas impostas pela noção de progresso e pelos sistemas modelizantes do que seria um processo civilizatório inclusivo e menos agônico. No bojo de suas análises, também cabe a problematização sobre o esgarçamento da verdade em contextos jornalísticos e as instabilidades nos atuais contextos de produção, circulação, recepção e apropriação de informações em cenários instáveis e com informações volúveis. Ele ainda afirma que a pandemia é um marco de mudança de paradigma da sociedade. E isso nos mostra que, além do combate aos surtos e pandemias que surgem na área da saúde, é preciso lutar contra a desinformação e reforçar o papel da comunicação, por exemplo.

Nessa perspectiva, a visão do emissor e do receptor como ativos no mundo e que interferem na informação é considerada uma mudança na CI em relação à teoria matemática. E, uma terceira variação no conceito ocorre quando passamos a identificar o fenômeno informacional como um processo coletivo e não apenas individual e de natureza intersubjetiva, como as interações, da mesma forma que diversas ações dos sujeitos (Araújo, Valentim, 2019). Isso será decisivo para demonstrar-se o papel crucial que cabe às mediações da informação nos vários contextos atuais e do relevante papel contra a desinformação, contra o caos dos compartilhamentos em cenários e contextos de pós-verdade e de fake news e também nos processos de produção e difusão quase instantâneas de informação sobre e para a saúde, notadamente no cenário de pressa com que as informações científicas e médicas vem sendo produzidas nesses contexto de pandemia do novo coronavírus.

Assim, junto às problematizações que estão presentes ao longo das seções deste projeto de qualificação, cabe alguns questionamentos. O que cabe e se espera da CI acerca das discussões sobre informação em tempos de pós-verdade?

Ainda que no campo da CI várias pesquisas e estudos já se debruçam há muito tempo sobre temas como a disseminação da informação, sobre competência informacional, estudos de comunidade e de usuários de informação, apropriação da informação entre tantos outros que demonstram o seu papel transdisciplinar e focam nos fenômenos da informação em campos, áreas e cenários diversos e plurais, cabe realçar que é na interface com os fenômenos informacionais contemporâneos que a CI vem se destacando a olhos vistos, o que justifica a nossa opção de trazer esse assunto para o debate da comunicação jornalística em tempos de pós-verdade e afins.

### **4.3 Conceitos de mediação da informação na CI**

O termo mediação pode ser entendido de formas bem distintas. Estar entre fazer uma conciliação, ligar dois pontos, possibilitar interação, promover intervenção. Mediar, interferir – explícita ou implicitamente – numa relação entre dois ou mais com o fito de dialogar, intervir, provocar, ouvir e refazer tudo isso quando os conflitos – sempre presentes em ações mediacionais se fizerem presentes no devir da mediação.

Santos Neto destaca, a partir de discussões de José Luiz Braga, que mediação também pode ser entendida como a “interposição de alguém ou de algum elemento, com o intuito de melhorar as relações entre os sujeitos envolvidos” (Santos Neto, 2014, p. 51). A partir desta definição, Santos Neto contemporiza, no entanto, que a mediação compreendida desta forma pode ser alterada a partir de como ela ocorre ou das pessoas envolvidas no processo. E destaca ainda a relação da mediação com a percepção da realidade, a partir de uma visão sociocultural e da mediação como uma ação entre as pessoas, um fluxo, uma disputa de pensamentos.

Por conta dessa disputa, desse fluxo informacional, dessa construção de sentido, é possível pensarmos a mediação como uma ação que transforma o cotidiano e não apenas algo que nos faça pensar em ponte ou conciliação. É desta forma que passamos a entender melhor a mediação como conceito que pode ser conectado de forma oportuna à comunicação e, mais especificamente, ao jornalismo e às ferramentas de checagem de notícias, objeto desta pesquisa.

O papel da mediação vai além do da conciliação, mas atinge uma ‘posição’ de interferência, de interlocução, de estar presente na construção do sentido, no processo de

interpretação, na tradução dos signos e da linguagem, atuando como agente social e modificador de ideias e pensamentos” (Santos Neto, 2014. p. 53).

Chegando-se a uma definição de mediação também como uma ferramenta de intervenção, de interferência. Uma forma que vai além da comunicação, transforma o modo como a informação é absorvida, alterada e sugere formas éticas de quando, como e de que modo ela deve ser compartilhada.

Santos Neto usa ainda uma série de termos que são usados em relação à mediação e os desenvolve conforme as muitas facetas de mediação. Dentre os termos – aos quais cabem aspectos conceituais diferentes, ainda que análogos – temos o de articulação, conciliação, ligação, interação, intercessão, interferência, intervenção, interlocução, interposição, representação. Ele destaca também, de forma bem didática, uma lista extensa de modalidades de mediação: avaliativa, cognoscitiva, comunicativa, comunitária, corporal, cultural, custodial, da informação, da leitura, da língua, da ritualidade, da sensibilidade, de conflito, de conciliação, digital, do conhecimento, do livro, do objeto cognitivo, documental, dos saberes, eletrônica, escolar, esportiva, estética, familiar, histórica, individual, institucional, jornalística, jurídica, mercantil, mediática, múltipla, para a paz, patrimonial, pedagógica, pós-custodial, profissional, psicológica, radiofônica, semiótica, simbólica, situacional, social, técnica, tecnológica, televisiva e vídeo-tecnológica (Santos Neto, 2014. p. 63-64). Essa espécie de caleidoscópio mediacional será importante para subsidiar as análises que faremos sobre as marcas dessas mediações nos processos de checagem de notícias.

Entre todos esses termos destacados pelo pesquisador, trago os grifos que ele fez sobre mediação como comunicação – quando a comunicação tem a função de organizar as estruturas sociais, e mediação da cultura – ação de apropriação do objeto cultural pelo público envolvido (Santos Neto, 2014. p. 64-65).

Em todos os tipos de mediação apresentados existe uma ligação com o fazer, com uma ação de interferência. Enfatizamos mais uma vez que a mediação não é passiva, ela é intencional, ainda que não seja de modo consciente. A mediação caracteriza-se por ser colaborativa, participativa e potencialmente transformadora (Santos Neto, 2014. p. 69).

Com seu trabalho relacionando a mediação da informação à Biblioteconomia, Santos Neto define de forma sucinta a mediação implícita como a atuação do profissional sem a presença do interlocutor. E a explícita, quando ocorre na presença do usuário, seja presente fisicamente, seja virtualmente. Essa definição nos ajuda ainda mais a relacionar a mediação da informação à mediação realizada pelos sites de checagem de notícias construídos pelos veículos jornalísticos. Já que essa mediação é realizada a partir da ação de usuários de redes

sociais ao compartilhar informações pelas redes e da reação dos jornalistas, ao usar as ferramentas de apuração de notícia e de transparência do percurso realizado para a investigação sobre aquela informação e a publicação final nos sites com o detalhamento do que foi encontrado acerca do material viralizado. “O profissional da informação deve se preocupar com a mediação da informação e não somente com a ‘informação’” (Santos Neto, 2014. p. 81). Neste ponto, o jornalista, nos processos de checagem de notícias, tem a preocupação com a informação, ao fazer a investigação pormenorizada sobre o fato, e com o interlocutor, ao detalhar com transparência os passos seguidos para a apuração do fato e o resultado alcançado a partir do percurso utilizado.

Portanto, é crucial, defendermos o caráter intencional da mediação, assim como Santos Neto (2014), destaca em sua pesquisa. A mediação aqui defendida como ferramenta utilizada no jornalismo para o combate à desinformação é intencional, deliberada, enraizada na construção do conhecimento, na interpretação e nas relações comunicacionais. Desta forma, no próximo capítulo, detalhamos os caminhos percorridos nesta pesquisa a partir das teorias trabalhadas e da interrelação entre Comunicação e Ciência da Informação com foco no jornalismo e na análise do objeto de pesquisa definido.

## 5 MÉTODO DA PESQUISA

Sob o viés teórico e conceitual e outros aspectos generalistas sobre o pensar o *modus operandi* desta pesquisa, a proposta metodológica para essa investigação é aferir e analisar como o jornalismo pode debelar as instabilidades de relações entre os fatos e a informações em fluxos sobre eles; em delinear ações mediacionais entre esses fluxos informacionais em compartilhamentos múltiplos e o papel ético e histórico que tem o jornalismo; em métodos de aferição das produções e circulação de informações fiáveis, confrontando-as, aferindo suas bases informacionais constitutivas nas versões jornalísticas e nos seus arremedos nas redes sociais, muitas vezes praticadas por parte de segmentos populacionais cada vez mais afoitos na transmissão desordenada de informações.

Tomando por base geral os métodos utilizados pelos portais de checagens de notícias e outros meios congêneres (sites, redes sociais com esses fins de aferição e checagem) com o objetivo de mostrar ao leitor informações verdadeiras a respeito de assuntos que tenham viralizado na Internet e nas mídias de compartilhamento, a imprensa e até os órgãos oficiais dos governos e as organizações nacionais e internacionais de saúde, economia e política, por exemplo, passaram a trabalhar em suas áreas para a disseminação de fatos verdadeiros, devidamente mensurados antes de suas difusões e checados, caso se levantem suspeitas de sua veracidade. Essas recomendações basilares nos levam a pensar em aspectos gerais os processos, serviços e ações de mediação informacional ganham cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas e se tornam ferramentas essenciais no combate à desinformação. Assim, partindo desse cenário, pensamos situar inicialmente o tema em percursos metodológicos gerais que analisem e afirmem os processos mediacionais da notícia com base no que já vem sendo feito pelos sites e portais de checagem de notícias.

Assim, como encaminhamento metodológico geral, no contexto das análises aqui propostas, entendemos que a mediação da informação não é uma ferramenta ou uma interferência física ou material entre dois polos entre uma informação ou entre seus fluxos. Ela é aqui entendida como um processo cognitivo de intermediação, diálogo, tradução, negociação e congêneres com vistas a tornar dialógico o processo de produção, circulação e recepção de informações. Nesse tocante, como tentamos demonstrar nas seções anteriores desta dissertação, entendemos que Comunicação e Ciência da Informação (CI) pensam de modo parecido quanto aos processos mediacionais gerais. Trata-se de um processo inteligível de trocas informacionais entre produtores de informação, seus contextos de produção, circulação e apropriação desta. Nesse sentido e já negando a tese matemática de processo de

informação, unidirecional, com foco preferencial nos emissores de informação, como se eles fossem protagonistas da mediação, realçamos nessa proposta investigativa como ponto crucial das mediações da informação o papel preponderante das recepções, dos receptores e seus desejos de informação e, principalmente, dos contextos e demandas reais e potenciais de informação. Nesse aspecto, damos às recepções e aos seus contextos, mas também aos usuários de informação jornalística, o papel inviolável de escrutínio mediacional, de poder de interlocução e de participação ativa nessas trocas mediacionais e negociais de informação.

Situamos essas inclinações metodológicas iniciais no contexto do que vimos sendo discutido pelos teóricos da CI e da Comunicação, mas também da mídia sobre o contexto da pandemia e suas consequências, por exemplo. A pandemia de informações também requer um planejamento de combate que se assenta e é possibilitado por estruturas e processos científicos já estudados há muito tempo pela Ciência da Informação sobre as complexas e inextricáveis formas de disseminação da informação. De modo igual e dentro desse contexto, a CI também se debruça sobre as indelévels relações dessas disseminações e compartilhamentos com os contextos tecnológicos atuais e a profusão e democratização de artefatos tecnológicos de informação e comunicação.

É à luz dessas relações entre disseminação de informação por redes de computadores e as consequentes tecnologias da informação no mundo contemporâneo que os estudos mediacionais da informação se dão. Mas também pela análise, entendimento e pesquisas sobre as estruturas tecnológicas e suas performances de disseminação; da rapidez e alcance dessas disseminações; da simultaneidade e instantaneidade dos compartilhamentos; do poder persuasivo das informações, aferidos em sofisticados estudos de comunidade e de usuários de informação.

A partir de algumas metodologias sobre processos mediacionais avaliadas, percebemos que as mediações precisam auscultar os fenômenos das fake news e suas consequências à desinformação, a necessidade de aferir notícias, mensagens de redes sociais, informações truncadas sobre assuntos vários, teorias da conspiração e fundamentalismos ideológicos, religiosos e políticos que encontram na e pela desinformação um ambiente propício aos processos antípodos à natureza informacional, que é aclarar dúvidas, disseminar verdades que sinalizem orientações, encaminhamentos, tomadas de decisão a serviço do bem coletivo.

Um dos processos mediacionais da informação nesse contexto de disseminação de notícias e informações disseminadas é usar filtros de mediação da informação, com vistas a pôr as informações à prova, a fim de auscultar o que é ou não verdade; demonstrar pelas

estruturas da mensagem e métodos comparativos dos fatos, o que é informação e o que se configura desinformação, analisando o histórico das fontes de informação e suas expertises. Nesse sentido, a CI toma de empréstimo dos processos de aferição da informação pela Biblioteconomia, os estudos das fontes gerais e especializadas de informação, a natureza das expertises de cada fonte, as instituições e organismos públicos e privados que subsidiam essas fontes.

Em tempos de pós-verdade e quando as crenças são mais importantes que os fatos verdadeiros, trabalhar com informação de qualidade e prestar o serviço jornalístico à sociedade se tornou o desafio de mostrar ao leitor o que é verdade e o que não é. Da mesma forma como a tecnologia nos dá uma variedade de possibilidades de divulgação rápida e eficaz de notícias falsas e enganosas, ela também nos proporciona ferramentas para combater essa epidemia de fake news.

Num contexto mundial e nacional, diversos projetos relacionados à checagem de notícias têm se associado a jornais e portais para fortalecer os meios de comunicação oficial e aumentar a produção de notícias que informam ao leitor se determinado fato viralizado, principalmente nas redes sociais, é verdade ou não. A partir de uma investigação de diversos profissionais, a reportagem informa como chegou à conclusão e quais ferramentas usou para identificar o suposto problema em determinado assunto.

Os boatos, as mentiras, as informações enganosas sempre existiram. O que as tornam mais perigosas em tempos atuais é a forma como elas se proliferam rapidamente com a ajuda das redes sociais e dos aplicativos de mensagem, com a importante contribuição dos algoritmos. E é essa mesma tecnologia que pode ajudar os veículos de comunicação a também disseminar notícias, só que, deste lado, informações corretas.

Estar atento ao que se torna viral e rapidamente produzir uma matéria a partir da checagem da informação sobre aquele boato é uma forma de mostrar ao leitor agilidade e comprometimento com a qualidade da informação. Com o tempo, ao desconfiar da informação, o leitor recorrerá ao meio de comunicação confiável para identificar o que realmente é verdadeiro. O canal de comunicação com a audiência, seja ela do impresso, da TV, do portal ou do rádio, deve ser o melhor possível. Acompanhar as demandas e respondê-las a contento é uma forma de respeito e constrói uma relação entre o consumidor de notícias e o veículo.

## **5.1 Caracterização da pesquisa**

Com relação ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa exploratória, com objetivo de se aproximar do tema, ampliar o conhecimento, esclarecer e testar conceitos. Para isso, envolverá um levantamento bibliográfico relacionado às áreas de Comunicação e CI e análise de matérias de checagem publicadas sobre a pandemia da COVID-19 em 2021, no portal do Projeto Comprova. Por ser um tema que recentemente está em destaque, busca-se promover uma visão geral acerca do fato. Exigindo, portanto, a revisão de literatura. "O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados" (Gil, 2008, p. 27).

Quanto à natureza, é uma pesquisa qualitativa, uma vez que “tenta compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos” (...) a interpretação dos eventos prevalece mais do que a interpretação do pesquisador e a ênfase no subjetivo para compreender e interpretar as experiências (Gerhardt, 2009). Com relação ao tipo de método, o que mais se aproxima do contexto desta pesquisa é o método dedutivo.

O método dedutivo, de acordo com a acepção clássica, é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica (Gil, 2008, p. 9).

Tomando por base a lógica, a técnica e a ética da produção de notícias no âmbito do jornalismo, tanto as bases teóricas e conceituais, como os processos informacionais para essa construção dão conta de que as leis que regem o fazer jornalístico, somadas à suas formas de aferição dos fatos, de ouvir todos os lados ligados a eles, a objetividade jornalística e os critérios de noticiabilidade dão ao jornalismo a sua verdade, a sua legitimidade na produção e mediação das notícias ante aos fatos. Esse caráter geral e irrefutável da ética jornalística se configura as bases sólidas do seu fazer. À luz dessas premissas gerais, espera-se que todas as produções e difusão de notícias passem por essa máxima.

Partir desse postulado geral para particularidades de notícias ou informações veiculadas sem a observância desses princípios parece-nos, pelo método dedutivo, que elas são falsas ou adulteradas em relação àquelas que cumprem o que esperam delas. Como um método empregado por racionalistas como Descartes e Spinoza, a proposta defende que “só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, que decorre de princípios a priori evidentes e irrecusáveis” (Gil, 2008, p. 9).

Num plano mais geral com base na pesquisa bibliográfica, levantamos livros e e-books, artigos de periódicos e anais de congresso nos campos da Comunicação, da CI, da antropologia cultural e da semiótica para a composição do estado da arte de cada capítulo dito

teórico, com vistas a extrair deles chaves de leitura para interpretar os fenômenos da comunicação, CI e as práticas do jornalismo, conforme desenhado pelo sumário deste projeto.

Para dar consistência teórica e epistemológica à pesquisa nos campos da Comunicação e da CI, vimos levantando literatura sobre a pesquisa contemporânea de ambas, com o fito de escolher aquelas metodologias que melhor se aplicam às questões das mediações da comunicação e da CI.

Essa investigação é feita a partir de discussões levantadas por Lucrécia D'Alessio Ferrara no livro *Comunicação Mediações Interações* e no artigo *As diferenças das midialogias da comunicação*; pelo artigo *A Comunicação Sem Fim*, de Michel Maffesoli; e no livro *A Pós-verdade é verdadeira ou falsa*, de Lúcia Santaella; além de ser embasada a partir das teorias do jornalismo de Nelson Traquina.

Em referência à CI, buscou-se a as teorias da área definidas por Rafael Capurro e Birger Hjørland (*O Conceito de Informação*); as bases sobre o campo no livro *O que é Ciência da Informação*, de Carlos Alberto Ávila Araújo; o conceito de CI de Harold Borko, e em artigos sobre mediação de Oswaldo de Almeida Junior (*Mediação da informação e múltiplas linguagens*), Luiz Signates (*Estudo sobre o conceito de mediação*) e Luiz Tadeu Feitosa (*Complexas Mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais*).

Além desses tópicos, foram encontradas análises pertinentes sobre informação, desinformação e fake news no livro *iKritica - Estudos Críticos em Informação*, de Arthur Bezerra, Gustavo Saldanha, Marco Schneider e Ricardo Pimenta. E sobre a pós-modernidade, as novas linguagens, os desafios da comunicação e redes sociais digitais em publicações de Lúcia Santaella.

Quando mentiras repetidas tornam-se verdade para tantas pessoas, como crenças, como preconceito, como fé, compondo a opinião pública de uma época, no lugar da teoria séria ou de opiniões sensatas, tornam-se também uma força material socialmente destrutiva. Dado o protagonismo dos dispositivos de recuperação, representação, classificação, comunicação e uso da informação nesse processo, uma ciência da informação crítica não pode furtar-se de estudá-lo detidamente, não somente no intuito de compreendê-lo, mas igualmente de contribuir para a sua desconstrução (Schneider, 2019, p. 113).

## 5.2 Instrumento de coleta de dados

Com base nas notícias publicadas pelo Projeto Comprova em 2021 e na revisão de literatura sobre o tema, essa análise deve esquadrihar os conceitos de pós-verdade, fake news, infodemia e desinformação. É crucial relacionar a investigação à pós-verdade por ela ser o pano de fundo do que acontece relacionado à comunicação e novas tecnologias: as

bolhas em que vivemos no mundo digital e as crenças sendo superiores aos fatos. Nessa conjuntura de hiperconectividade e polarização, o indivíduo em sociedade ignora a verdade e compartilha uma informação falsa ou enganosa já que esta é mais adequada aos seus interesses pessoais. Essa forma de pensar e agir, próprios de tempos de pós-verdade, são o combustível para a disseminação de fake news.

A expressão em inglês fake news nos remete diretamente à notícia falsa. Uma forma de identificarmos uma informação disseminada que não condiz com a verdade dos fatos ou foi manipulada para enganar o interlocutor. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desenvolveu em 2018, uma manual para educação e treinamento sobre jornalismo, fake news e desinformação (Ireton; Posetti, 2018). Para a instituição, é preciso evitar o termo, mesmo que seja um termo de amplo conhecimento. A justificativa recai sobre o uso da palavra notícia, que “significa informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias”. No entanto, essa expressão é popularmente conhecida, comunica bem sobre o assunto e, portanto, deve ser levada em consideração ao estudarmos o assunto. Para teóricos como Lúcia Santaella, por exemplo, este verbete poderia ser entendido como sinônimo de desinformação.

A desinformação, em tempos de pós-verdade, não é definida como falta de informação ou ignorância sobre um fato. A palavra é relacionada a uma ação deliberada de publicar algo com o intuito de manipular pessoas a partir de informações enganosas. “Isso geralmente é combinado com estratégias de comunicação paralelas e cruzadas e um conjunto de outras táticas, como hackear ou comprometer pessoas” (Ireton; Posetti, 2018, p. 7). A instituição ainda usa a expressão ‘informação incorreta’, para referir-se quando não há intenção maliciosa. “Ambos são problemas para a sociedade, porém a desinformação é particularmente perigosa pois é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada” (Ireton; Posetti, 2018, p. 7).

A desinformação em uma época de pandemia, vivenciada a partir do fim de 2019, trouxe mais uma questão importante a ser analisada em relação à comunicação e informação. “Desinformação é uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas”, destaca a página informativa número 5 da Organização Panamericana da Saúde (Entenda [...], 2020).

A infodemia é uma junção das palavras pandemia e informação e se refere à enorme quantidade de informação sobre um mesmo assunto durante uma época e que pode vir

associada à manipulação de informação. Essa situação é ampliada em razão da rapidez com que as redes sociais e aplicativos de mensagem distribuem conteúdos sobre o tema. Infodemia é "um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa", segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Exatamente o que vivemos desde 2019, durante a pandemia do novo coronavírus, por exemplo. Há um excesso de informação sobre o assunto, muitos deles enganosos.

A partir da enxurrada de informação enganosas que passaram a ser compartilhadas regularmente pelas redes sociais, os portais de notícias e associações de jornalistas passaram a construir ferramentas para desconstruir, de forma profissional a partir de técnicas jornalísticas, uma mensagem falsa, feita com intenção de enganar o receptor. Com esse intuito nasceram diversos veículos especializados na checagem de informação.

Entre as principais organizações de checagem de notícias, podemos destacar o Projeto Comprova, de âmbito nacional, reúne jornalistas de mais de 40 veículos de comunicação do Brasil para investigar informações enganosas sobre políticas públicas, eleições e a pandemia de Covid-19. Há também a agência Lupa de notícias, hoje ligada ao portal Uol, foi a primeira agência de checagem do Brasil. O G1, portal de notícias da Globo, também investe em checagem na área Fato ou Fake. Aos Fatos é uma agência de notícias sediada no Rio de Janeiro também especializada em investigação de campanhas de desinformação na internet e checagem de fatos. O jornal Estado de S. Paulo também criou uma área específica para a checagem: o Estadão Verifica<sup>9</sup>.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) também criou a própria área para combater a desinformação. No endereço<sup>10</sup>, a instituição, que tem como objetivo aperfeiçoar o trabalho do sistema judiciário brasileiro, alerta a população sobre os perigos do compartilhamento de informações falsas. A record, em seu portal R&, também lançou o serviço de checagem: o MonitoR7<sup>11</sup>. A Agência AFP (Agence France-Presse), de notícias, também possui um espaço para checagem com informações em Português<sup>12</sup>. Há ainda o projeto norte-americano de checagem Fact Check (<sup>13</sup>), que é referência em âmbito mundial.

Pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desenvolveram a plataforma Fake Check<sup>14</sup> que utiliza inteligência artificial

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica>

<sup>10</sup> Disponível em: [www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/painel-de-checagem-de-fake-news/](http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/painel-de-checagem-de-fake-news/)

<sup>11</sup> Disponível em: <https://monitor7.r7.com/>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://checamos.afp.com>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.factcheck.org/>

<sup>14</sup> Disponível em: <http://nilc-fakenews.herokuapp.com>

para avaliar se um texto é verdadeiro ou falso. É um espaço destinado a desmentir informações falsas, mas não é considerado uma agência de notícias. Um dos mais antigos serviços para desmentir boatos<sup>15</sup> foi criado em 2013 para desmentir informações fantasiosas amplamente divulgadas na Internet. Na mesma linha do Boatos.Org, o e-Farsas<sup>16</sup> é mais antigo ainda e foi criado para desmistificar histórias inverídicas que rapidamente são disseminadas pelas redes desde 2002.

Para investigar o trabalho realizado pelos jornalistas a partir dessa ferramenta de checagem de notícias, essa pesquisa trará informações sobre a construção das reportagens feitas em 2021 acerca da pandemia da Covid-19 pelo Projeto Comprova, iniciativa que é seguida pelos dois principais veículos de comunicação do Ceará: os jornais Diário do Nordeste e O Povo. Ambos veículos são parceiros do Comprova e realizam as ações de checagem em cooperação com o projeto nacional e com olhares voltados também para as demandas locais.

Além desse olhar específico para os profissionais, para suas atuações e como definem a realização de seus trabalhos, será importante também analisar as reportagens frutos de checagem realizadas no primeiro semestre de 2021: quantas foram realizadas, os assuntos, de onde partiram as informações, qual a natureza da publicação, quantas foram falsas, enganosas ou verídicas. A partir da análise de conteúdo, será feita uma investigação com objetivo de descrever o produto jornalístico, avaliar os critérios de noticiabilidade e entender sobre quem produz e quem recebe a notícia, principalmente quando destacamos que essas notícias checadas são informações amplamente divulgadas pelas redes sociais. Com o intuito de identificar fatores relacionados à cultura e à organização, implícitos às mensagens escolhidas para serem a base jornalística da checagem da notícia. “Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas” (Herscovitz, 2007, p. 127).

Nesse aspecto, para aferir os processos de informação jornalística, pensamos em analisar as matérias que precisaram ser checadas pelos métodos de checagem do Portal Comprova, a fim de ver como eles desconstruíram as desinformações. Definimos que seriam analisadas notícias checadas em 2021 - de 1º janeiro a 31 de dezembro, por abranger um espaço de tempo importante relacionado às amplas notícias sobre política e saúde, por ser um período ainda na pandemia e com grandes movimentações políticas em vistas das eleições de

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.boatos.org>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.e-farsas.com>

2022; além de ser um período em que as vacinas foram introduzidas no Sistema Único de Saúde do País.

É importante mostrarmos como essas informações chegaram à redação, qual a escolha pelos temas checados e em quais redes sociais ou aplicativo de mensagem tal informação foi disseminada.

O método utilizado para a exploração das leituras a partir do levantamento bibliográfico foi feito a partir da criação de bases de dados com livros e artigos sobre os temas: 1. Teorias da Comunicação. 2. Teorias da Ciência da Informação. Para a composição desses quadros com os dois campos, criamos subcategorias: a) teorias – consultar sumário das teorias lidas; b) conceitos principais; c) paradigmas teóricos; d) aplicação teórica ao objeto de pesquisa – situar aspectos gerais das teorias à pós-verdade e afins; e) escolha de chaves de leitura – para aferir os tipos de mediação possíveis.

### **5.3 Etapas da pesquisa**

Após a pesquisa bibliográfica nas áreas de Comunicação e Ciência da Informação, esta pesquisa se debruçou a definir o período a ser pesquisado - janeiro a dezembro de 2021. A definição ocorreu por conta de ser um período da pandemia onde, no início do ano, ainda não havia vacina disponível no Brasil, e, no decorrer do período, as movimentações políticas e de saúde foram intensas, principalmente com a chegada das vacinas. Portanto, o período definido para a análise dos dados das matérias de checagem foi assim determinado a partir de questões fortemente políticas e também quando houve mudanças na trajetória da pandemia, com a chegada das vacinas.

A partir da definição do período, esta pesquisa se voltou às matérias publicadas pelo Projeto Comprova. A escolha por esse veículo ocorreu por ser um projeto de alcance nacional e que possui parceria com os dois principais veículos de comunicação do Ceará - os jornais O Povo e Diário do Nordeste. Além de trazer os parâmetros utilizados pela instituição para a realização das reportagens, essa pesquisa buscou apresentar os critérios de escolha e a forma como cada reportagem foi construída e detalhada para explicar ao leitor, com detalhes e explicações minuciosas de especialistas, sobre o motivo de cada assunto viralizado ser verdadeiro ou falso.

Após a definição do período pesquisado, da construção da lista com todas as matérias e da delimitação das matérias que seriam analisadas, esta pesquisa passou a fazer a correlação entre comunicação, informação e mediação da informação e o percurso feito por cada matéria

até a definição das etiquetas usadas pelo Comprova - enganoso, falso, sátira ou comprovado. Trazendo uma análise a partir do material teórico exposto anteriormente acerca da mediação da informação e do jornalismo.

#### **5.4 Coleta de dados**

Inicialmente, foi feita uma lista com todas as matérias publicadas sobre a pandemia de COVID-19 durante o ano de 2021 no Projeto Comprova. Em cada matéria, foi colocado na listagem o link, o título e a etiqueta definida pela checagem (se enganoso, falso ou verdadeiro, por exemplo). A listagem também dividiu as matérias por mês, tendo a contagem de quantas matérias publicadas em cada período do ano - janeiro (11), fevereiro (9), março (1), abril (5), maio (16), junho (22), julho (13), agosto (13), setembro (11), outubro (14), novembro (14) e dezembro (12) de 2021.

Dessas 141 matérias produzidas pelo Projeto Comprova sobre a pandemia da COVID-19 em 2021, 100 informações foram definidas como conteúdo enganoso, 37 como falso e quatro como comprovado. A partir desse recorte, definimos que esta pesquisa deveria analisar 15 matérias, cerca de 10% da produção sobre pandemia do ano de 2021. Desse total, foram analisadas nove matérias com conteúdo viralizado enganoso, cinco falsos e um verdadeiro. A partir da definição do material pesquisado, foi feita a análise dos dados e a investigação relacionada à mediação da informação. Os principais detalhes de cada matéria escolhida foram analisados a partir dos conceitos de mediação da informação, na busca por apresentar, nesta pesquisa científica, a relação estreita entre as ações de mediação da informação e a construção feita no jornalismo de checagens de notícias.

## 6 ANÁLISE DE RESULTADOS

A produção e o compartilhamento viral de informações fraudulentas colocam em risco a democracia e a sociedade de uma maneira geral. Em um tempo de pandemia, como a que vivemos na atualidade com a COVID-19, o risco à saúde também é imenso. O jornalismo, como uma ferramenta que trabalha com a comunicação de uma forma ampla, precisou se adequar a esse novo momento de pós-verdade e afins, quando os fatos são menos importantes que as crenças pessoais. Principalmente porque os fatos são a matéria prima das notícias. Se eles não interessam mais à sociedade, qual o lugar da notícia?

A situação foi se tornando tão grave, que diversas instâncias da sociedade passaram a discutir a questão e tomar decisões para mudar o rumo da comunicação a partir das novas tecnologias. E não apenas o jornalismo passou a olhar com cuidado para essa questão. Instituições ligadas à saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, passaram a dedicar esforços para o combate a informações enganosas, principalmente sobre assuntos correlatos à pandemia da covid-19. Organizações da sociedade civil também passaram a buscar saídas para distribuir informações corretas e relevantes para a sociedade.

O Supremo Tribunal Federal, a instância superior do poder judiciário brasileiro, também identificou a necessidade de promover um trabalho específico com a sociedade e criou o Programa de Combate à Desinformação. O objetivo é “combater práticas que afetam a confiança das pessoas no Supremo, distorcem ou alteram o significado das decisões e colocam em risco direitos fundamentais e a estabilidade democrática”, de acordo com o site do programa<sup>17</sup>. As ações também visam aproximar o STF da sociedade a partir das diretrizes: explicar, traduzir e humanizar. Entre os parceiros há 31 organizações - como Unesco, OAB e Lupa - e 18 universidades - entre elas a Universidade Federal do Ceará (UFC), representada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, e a Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Além de entendermos melhor a realidade atual no contexto da pós-verdade e como a desinformação se utiliza desse cenário para ser disseminada, é crucial olharmos para as ações realizadas por diversos grupos para o combate às fake news, como por exemplo, o programa do STF. É a união de forças para se lutar contra um inimigo grandioso e que impacta a vida de todos, independente de classe social, idade ou formação. Todos do Planeta são impactados pela desinformação. E as ações vão sendo desenvolvidas para tentar mitigar os efeitos maléficos dessa prática. Como, por exemplo, atuações na área de educação midiática, criação

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/desinformacao/#>

de páginas de checagem de notícias em diversas instituições, distribuição de conteúdos explicativos e didáticos com o objetivo de levar informação de qualidade e furar as bolhas negacionistas.

Em artigo publicado na revista *Justiça e Cidadania*, sob o título “A desinformação e os ataques à democracia”, o professor-doutor Tadeu Feitosa, membro do Programa de Combate à Desinformação do STF por meio do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Informação, da UFC, relaciona a desinformação e os ataques à democracia de forma a evidenciar o objetivo maior das pessoas que usam do subterfúgio de criar mensagens enganosas, muitas vezes travestidas de matérias jornalísticas ou mesmo de textos científicos: a intenção única de ludibriar a população e atentar contra o sistema de governo de um país democrático.

Sobre os contextos dos fenômenos informacionais, o excesso pode não garantir a informação. É preciso, como afirmei acima, ações mediacionais que desatrelem o verbo informar do desinformar, porque é sob as bases da informação que se fortalece uma democracia e seus feitos democráticos, inclusive as possibilidades de, como pontuou (o ministro Alexandre) Moraes, não permitir que ‘grupos extremistas, criminosos e antidemocráticos, a partir da ‘desinformação’ possam ‘desacreditar a própria democracia (Feitosa, 2023).

No lançamento do Programa do STF, a desinformação foi relacionada intimamente ao ataque à democracia. Com isso, provou-se que há uma necessidade urgente de desenvolvimento de ações que levem informação de qualidade para todos e todas. Sob o título “Desafios para a compreensão do fenômeno e para o combate aos efeitos nocivos da desinformação”, o professor Carlos Alberto Ávila Araújo, em artigo também publicado na revista *Justiça e Cidadania* por conta do lançamento do programa do STF, defende que implementar ações de combate às fake news é “fundamental, sobretudo, para a manutenção de determinados valores construídos nos últimos séculos, tais como a democracia, a inclusão, a defesa da diversidade e a promoção de uma cultura da paz” (Araújo, 2022).

A situação de insegurança em relação às informações que são disseminadas pelas redes sociais e aplicativos de mensagem é tão urgente, que, no Brasil, o Projeto de Lei nº 2630, de 2020, conhecido como PL das Fake News, está tramitando no Congresso com o objetivo de criar regras mais bem definidas em relação ao que se publica e compartilha nas redes. O projeto é conhecido como PL das Fake News, mas o nome real da legislação é Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Essa lei, que ainda não foi votada, estabelece normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, principalmente em relação à responsabilidade dos provedores pelo

combate à desinformação e pelo aumento da transparência na internet, além de estabelecer sanções para o descumprimento da lei.

As movimentações em relação ao combate à desinformação estão sendo feitas de diversas maneiras e reunindo atores distintos, como esses citados acima - STF e Congresso Nacional, além das instituições e organizações da sociedade civil que se empenham em levar informação de qualidade para a população. Na esteira desse movimento, o jornalismo, uma das áreas mais atacadas e mais impactadas pelas informações falsas – seja pelo descrédito estimulado em grupos de mensagens, seja por textos disfarçados de jornalísticos para enganar as pessoas – também precisou criar estratégias para reagir à profusão de mensagens fraudulentas. A criação das checagens de notícias foi uma delas. Essa ferramenta levou transparência, didatismo e um serviço relevante para a sociedade. E é nessa mediação feita pela checagem jornalística entre informações viralizadas pelas redes sociais, a audiência dessas postagens e as entrevistas com técnicos e autoridades sobre os mais diversos assuntos para detalhar os fatos e explicar o que é verdade e o que é mentira, que uma importante ferramenta se desenvolve a partir do jornalismo com vistas a erradicar esse mal que prejudica a humanidade na atualidade: a desinformação.

Estas reflexões acima se baseiam na análise de conteúdo da parte colhida na pesquisa sobre textos da OMS e pesquisas da época da pandemia sobre os fenômenos que interessam a esta pesquisa. Na seção seguinte, tomamos como objeto de análise o que nos foi apresentado pela pesquisa bibliográfica específico sobre as redes sociais, analisadas na nossa investigação sobre o seu papel que elas têm tido na produção, circulação e difusão de informações e “notícias” de modo simultâneo aos fatos ou aos temas e assuntos que interessam também aos produtores de fake News e cujas adesões de espectadores e os consequentes compartilhamentos se dão de modo instantâneo às leituras feitas, muitas vezes de modo apressado e acrítico.

### **6.1 Checagem de notícias: ferramenta do jornalismo em tempos de pós-verdade**

A forma como as redes sociais entraram na vida das pessoas no mundo é definidora de como a comunicação é crucial para a nossa cultura. A Internet aproximou as pessoas. E as redes sociais facilitaram a troca de informação entre elas. E isso não trouxe apenas elementos positivos para a sociedade contemporânea. A disseminação de mentiras é um dos pontos negativos que está intimamente ligada às redes sociais, por suas características de facilidade e simplicidade de acesso. “Ninguém discorda de que ao menos um pedaço da responsabilidade

pela desvalorização da verdade factual cabe às redes sociais e à internet, onde se acomodam confortavelmente as forças dedicadas à produção das notícias fraudulentas (Bucci, 2018, p. 26). Bucci chama atenção de que essa nova forma de comunicação não deve ser considerada totalmente negativa, já que também são responsáveis por abrirem “novos canais para diálogos e mobilizações” e desempenharem “um papel bastante positivo”.

O problema delas não está na tecnologia ou nas interações intensas que elas propiciam, mas em questões relacionadas à concentração de propriedade, à exploração industrial do olhar do desejo que essas relações engendram e aos moldes monopolistas com os quais elas se apossaram do fluxo das comunicações digitais em todo o planeta. O problema está nas relações sociais (relações de produção da indústria do imaginário) e no fato de que, tendo se enraizado no mundo da vida e na esfera pública, elas não são públicas em seus controles e na sua propriedade. Sob a malha tecnológica, elas promovem a tecnociência e o capital como substitutos da própria política (Bucci, 2018, p. 27).

Há ainda outro fator importante a ser levado em consideração: os algoritmos (um conjunto de procedimentos lógicos implementados na informática para executar uma tarefa). Nas redes sociais, essa programação faz o usuário navegar pelo que ele demonstra gostar de ver para que fique cada vez mais tempo on-line e consumindo as informações. Usados, principalmente pelas redes, os algoritmos fortalecem ainda mais as bolhas em que as pessoas vivem. Mostrando a elas só o que elas têm interesse. Esta é uma das formas de se consolidar ainda mais a pós-verdade: as pessoas ficam conectadas ao mundo mas continuam restritas a um pensamento que reflete suas crenças pessoais e a uma espécie de zona de conforto potencializada por sua bolha digital. Na internet, o algoritmo pode ser considerado um mediador de conteúdo, conduzindo o usuário da rede para onde ele quer ir.

Esse é o cenário perfeito para a disseminação de notícias falsas. Um ambiente de fácil utilização, onde as pessoas do mundo inteiro se encontram e é regido por algoritmos que definem o que essas pessoas devem ter acesso. Como o autor defende que as redes sociais “banalizaram o sentido de palavras como notícia, informação e, claro, verdade” (Bucci, 2018, p. 30). O que interessa é o que eu acredito, bem como a pós-verdade estabelece. Como as informações que, muitas vezes, chegam até os usuários da rede são de áreas de seu interesse, há quem leia só título de notícias, que estejam de acordo com seus pensamentos, e já compartilhem a informação. Principalmente se veio de alguma fonte “confiável”, como familiar, amigo ou conhecido que comunga da mesma visão de mundo, seja político, religioso, de natureza social.

Os usuários são os operários que confeccionam ou extraem a matéria-prima, da qual são também os beneficiadores e empacotadores. E, embora se vejam como “clientes” de um “serviço” que imaginam gratuito, esses usuários são também a mercadoria

final. São seus olhos que são vendidos aos anunciantes, o que parece alegrá-los enormemente” (Bucci, 2018, p. 29).

É nesse contexto rápido, com muita informação e bolhas virtuais que são lançados os portais de checagem de notícias. Eles têm a função oficial de checar e mostrar para o leitor se as informações divulgadas – por celebridades, por políticos, por qualquer pessoa ou em qualquer lugar – e, muitas vezes, viralizadas, amplamente compartilhada pelas mídias sociais, são realmente verdadeiras. Esses portais de notícias, desenvolvidos por jornalistas e veículos de comunicação, definem uma apuração com etiquetas: notícia verdadeira, parcialmente real ou totalmente enganosa, por exemplo.

São diversas as agências<sup>18</sup> que passaram a prestar esse serviço como a Agência Lupa, Fato ou Fake do Grupo Globo, Agência Pública, Fake Check da USP e sites como e E-Farsas. Há ainda editorias de grandes jornais com áreas específicas para a checagem de notícia. E há também o Projeto Comprova, iniciativa que reúne mais de 40 veículos de comunicação para investigar notícias enganosas e mostrar ao leitor a verdade factual. Neste capítulo, será apresentado esse cenário propício da pós-verdade onde o jornalismo precisou desenvolver uma ferramenta para combater a desinformação e se colocar no mercado como uma área de excelência e crucial para mudar a realidade de prejuízos que as fake news causam à sociedade.

## **6.2 A checagem de notícias e o jornalismo da atualidade**

Entendemos que numa pesquisa como esta, onde os fenômenos investigados são urdidos, traçados, formados, disseminados, recebidos e compartilhados ao mesmo tempo em que suas causas – referimo-nos ao processo pandêmico de COVID-19 e seus desdobramentos – estão ainda sendo investigados cientificamente, trazer para estas seções iniciais discussões teóricas que ensejaram a pesquisa bibliográfica, documental e de revisão e atualização de literatura sobre eles é necessária, porquanto é nesse contexto que surge a necessidade de o jornalismo lançar mão dos processos de checagem de notícias, que também se fortalecem junto ao caos a que tudo e todos – incluindo aí os cenários – estão submetidos.

É, portanto, a partir deste ambiente de mudança do cenário contemporâneo e de profusão de informações falsas que esta pesquisa se debruça sobre a ação de mediação da informação realizada pelos sites de checagem de notícias. A intenção é mostrar como o

---

<sup>18</sup> Todos os sites das respectivas agências mencionadas a seguir encontram-se em notas explicativas anteriores.

jornalismo se atualiza, como cria novas ferramentas e como se mostra relevante para a sociedade.

Para efeito desta pesquisa, foram escolhidas matérias publicadas em 2021 para serem analisadas. Por exemplo, em fevereiro, um vídeo, postado no Twitter, mostrava o presidente da Anvisa, Antônio Barra Torres, dizendo que a população corria risco sanitário grave em relação às vacinas contra a Covid-19. De acordo com a checagem, as imagens do vídeo amplamente compartilhado foram editadas para fazer parecer que ele estava falando sobre as vacinas já aprovadas. Portanto, o vídeo havia sido editado e retirado de contexto. Além de explicar porque era falsa a informação, a matéria (Projeto Comprova, 2021) trazia o link para a entrevista completa veiculada na emissora CNN Brasil, em 10 de fevereiro de 2021 (CNN [...], 2021). Portanto, a ação jornalística detalhou a informação e ainda explicou para o leitor o passo a passo de como a checagem foi feita.

Para deixar mais transparentes as ações realizadas para a checagem da notícia, os repórteres envolvidos nessa mediação explicam ainda o motivo de terem realizado o trabalho em cima desse vídeo:

Apesar de o vídeo verificado ter sido postado por um perfil com menos de 2 mil seguidores, ele foi visualizado 24,8 mil vezes. Dessa forma, por se tratar de um conteúdo importante, ligado diretamente à confiança das pessoas em relação às vacinas contra a covid-19 e por conta da grande repercussão, a verificação se torna fundamental para esclarecer dúvidas (Projeto Comprova, 2021).

Há também matérias publicadas a partir de checagem que confirmam uma informação viralizada. Em maio de 2021, por exemplo, o Comprova publicou uma matéria com o título “São verdadeiros exemplos de países com protocolos para cloroquina e cannabis em tuíte de deputado” (Projeto Comprova, 2021a). A reportagem segue a mesma linha: conta onde a matéria foi postada, como foi a repercussão, como a equipe verificou a informação, porque o assunto foi investigado. E finaliza com o veredito: “Comprovado, para o Comprova, é um fato verdadeiro; evento confirmado; localização comprovada; ou conteúdo original publicado sem edição” (Projeto Comprova, 2021a).

Atualmente, as redes sociais são o principal território onde se constrói o fluxo de informação. Particularmente por conta de o processo não ocorrer mais de forma unidirecional. Os grandes veículos de comunicação deixam de ser os detentores do poder de fala e passam a dividir espaço com milhões de vozes que ganham lugar em seus perfis no Twitter, Facebook, Instagram, Youtube e WhatsApp, por exemplo. Os veículos de comunicação ainda possuem

seu lugar e exercem poder na sociedade, mas, a cada dia, a interação com as redes sociais ganha espaço no cotidiano das pessoas e transforma a estrutura da sociedade.

A fórmula de fabricação de valor na indústria do imaginário implementada por empresas como Facebook e Twitter é tão genial quanto devastadora. Nelas, os usuários entram no jogo como mão de obra (gratuita e, logo, escrava), como matéria-prima (também gratuita) e, por fim, como mercadoria. Graças a esse modelo originalíssimo, o Facebook não precisa gastar um centavo para “gerar conteúdo” (no jargão horroroso da indústria), pois seus usuários atuam como digitadores, fotógrafos, locutores, atores, sonoplastas, escritores e tudo o mais (Bucci, 2018, p. 29).

Das redes sociais, as mensagens voltam para as redações, onde são analisadas a partir dos critérios definidos e depois publicadas com a tarja que explicará ao leitor se o teor daquele material é verdadeiro. Um fluxo agora de mão dupla muito diferente do que ocorria antigamente, quando as informações normalmente caminhavam de um emissor a um receptor. Agora, ela vai e volta quantas vezes forem necessárias até se encontrar a informação considerada real, a chamada verdade factual. Mais que interação, essa mediação feita pelos sites de checagem geram produção do saber.

Esse processo mostra como a mediação da informação atua a partir da realidade de um mundo em pós-verdade. Nesse sentido, a mediação executada por projetos de checagem, como o Comprova, é uma forma atual de lidar com a desinformação e levar mais segurança para a sociedade. Este estudo analisará 15 notícias checadas em 2021, sendo oito enganosas, seis falsas e uma verdadeira. Em cada notícia é informado ao leitor o passo a passo da investigação e como a equipe chegou à conclusão em relação à veracidade da informação. É um fluxo dinâmico de informação utilizado pelos jornalistas para a produção da verdade. O carimbo de uma notícia atestada também dá um ar de credibilidade ao veículo que a publicou. E demonstra que é uma empresa que tem compromisso com a verdade dos fatos.

### **6.3 O Projeto Comprova, ferramenta de mediação da informação para combater a desinformação**

No Brasil, mais de 40 veículos de comunicação se associaram ao Projeto Comprova de checagem de notícias. O objetivo, como destacado no site da instituição, é “identificar e enfraquecer as sofisticadas técnicas de manipulação e disseminação de conteúdo enganoso que vemos surgir em sites, aplicativos de mensagens e redes sociais”. A partir de critérios como rigor, integridade, imparcialidade, independência, transparência e responsabilidade ética, uma equipe de jornalistas de todo o Brasil se une para checar informações divulgadas e,

principalmente, compartilhadas à exaustão nas redes sociais. Com o lema “jornalismo colaborativo contra a desinformação”, um grupo de jornalistas de todo o País trabalham conjuntamente para desmentir boatos espalhados pelas redes sociais e aplicativos de mensagem.

Após as análises sobre os fatos, o projeto define o conteúdo como enganoso (Conteúdo retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações; que usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor), falso (inventado ou que tenha sofrido edições para mudar o seu significado original e divulgado de modo deliberado para espalhar uma mentira), sátira (memes, paródias e imitações publicadas com intuito de fazer humor, é verificado quando se percebe que há pessoas tomando-os por verdadeiros) e comprovado (fato verdadeiro; evento confirmado; localização comprovada; ou conteúdo original publicado sem edição). Estes são os procedimentos adotados pelo projeto Comprova. Cada iniciativa, como o Projeto Comprova, a Agência Lupa, por exemplo, decide como definirá as notícias que serão analisadas pela sua equipe.

Nesta pesquisa, optou-se por analisar o trabalho realizado pelo Projeto Comprova por ele ter uma atuação nacional e ser parceiros dos dois maiores veículos de comunicação do Ceará: Diário do Nordeste e O Povo. O Povo está no projeto desde a sua criação, já o Diário entrou em 2021. O projeto é definido como uma iniciativa colaborativa e sem fins lucrativos que reúne jornalistas de veículos de comunicação brasileiros com o objetivo de investigar informações suspeitas sobre políticas públicas, eleições presidenciais e a pandemia de covid-19. Informações que tenham sido amplamente compartilhadas em redes sociais ou por aplicativos de mensagens, como o WhatsApp.

Na página de abertura do projeto, já há uma alerta ao leitor: "Você recebeu algum conteúdo suspeito sobre a pandemia de covid-19 ou políticas públicas cuja veracidade deveríamos checar?". Logo abaixo à questão, há o link "Pergunte ao Comprova". Nesse espaço, o leitor poderá colocar seu questionamento. Um formulário faz uma série de perguntas: o conteúdo que será verificado (vídeo, texto, meme, foto, áudio), onde ele foi publicado (Instagram, Facebook, WhatsApp...), o link do conteúdo.

Em 2021, o projeto chegou à sua quarta fase com o objetivo de "investigar informações enganosas, inventadas e deliberadamente falsas sobre políticas públicas, eleições e a pandemia de covid-19 compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens". É interessante observar também a necessidade de transparência em relação a todas as ações do projeto. Na área de perguntas e respostas (FAQs), pode-se encontrar detalhes sobre as

empresas que desenvolvem o projeto, como é financiado, como escolhe o assunto que irá investigar, como divulgar as descobertas feitas pelos jornalistas do grupo, os conteúdos que não são checados, a forma como os veículos participantes foram selecionados. Um dos princípios fundamentais para o projeto é a transparência. O que explica todas as informações serem disponibilizadas de forma tão clara.

#### **Quadro 2 - Princípios orientadores do Projeto Comprova**

1. **Rigor** - A linguagem utilizada nas chamadas e nos textos vai contextualizar e explicar as informações baseada apenas em evidências comprováveis. Isso também vale para todas as imagens, ilustrações ou indicadores visuais que demonstram se uma informação é confiável ou falsa. Nenhum relato será publicado sem que pelo menos três redações parceiras concordem com os passos de verificação seguidos, as conclusões obtidas e a veracidade geral do texto.
2. **Integridade e imparcialidade** - Decidiremos que rumores, declarações ou conteúdo serão investigados com base na possível dissipação rápida das informações e para além de comunidades de nicho. Isso será avaliado por meio de algoritmos de previsão. A cada semana, a produção do Comprova será revisada por um Conselho Editorial que identificará qualquer padrão enviesado não intencional. O Conselho é formado por representantes sênior dos veículos de comunicação parceiros. Todas as redações são responsáveis umas pelas outras e entendem que sua produção individual receberá, do Comprova, a mesma análise que qualquer outra fonte.
3. **Independência** - Como uma coalizão, o Comprova trabalha no melhor interesse público e é completamente independente de qualquer outra organização. Decisões operacionais e editoriais são tomadas coletivamente sem sofrer influência do apoio financeiro ou tecnológico recebido de outras organizações comerciais ou auxiliares. O projeto não tem filiação política e os jornalistas participantes concordam em se declarar impedidos de investigar

assuntos em que possam ter algum conflito de interesses. As organizações que ajudam na coordenação do Comprova fornecem suporte técnico e administrativo, além de orientações baseadas em seus campos de atuação. Em qualquer caso, a coalizão não se obriga a seguir esses conselhos e preserva sua autonomia coletiva sobre o projeto.

4. **Transparência** - Toda reportagem mostrará claramente como o rumor, declaração ou conteúdo foi selecionado (com base na evidência de que pode ser muito disseminado e na relevância para o interesse público). Também explicará os passos seguidos durante a investigação, incluindo links para fontes quando for seguro e apropriado. Quaisquer alterações ou correções serão claramente identificadas e explicadas.
5. **Responsabilidade ética** - O projeto se esforçará, em tempo integral, a não estimular rumores ou informações falsas. Não publicará links para conteúdo problemático nem dará legitimidade a informações que circulam por comunidades pequenas e de nicho. Em casos de pessoas identificadas erroneamente, falsamente acusadas ou correndo o risco de se transformar em vítimas a partir de sua inclusão em uma reportagem, o Comprova tomará todas as medidas necessárias para proteger a identidade e a dignidade dos indivíduos. Declarações e outros itens de conteúdo serão investigados e publicados com base em sua relevância para a missão do projeto: informar os leitores de maneira precisa a respeito das políticas públicas do governo federal. A decisão sobre o que publicar não levará em conta artifícios que chamem a atenção ou reforcem o projeto, como uso de manchetes sensacionalistas ou ênfase em polêmicas.

Fonte: Sobre [...] (2021).

### **Quadro 3** - Etiquetas usadas pelo Projeto Comprova

O Comprova usa etiquetas para reforçar as conclusões de suas verificações. Em 25 de novembro de 2019, simplificamos nossas etiquetas para dar mais clareza às

conclusões das verificações. Elas agora são quatro e representam os seguintes conteúdos:

1. Enganoso: Conteúdo retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações; que usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor; conteúdo que confunde, com ou sem a intenção deliberada de causar dano.
2. Falso: Conteúdo inventado ou que tenha sofrido edições para mudar o seu significado original e divulgado de modo deliberado para espalhar uma mentira.
3. Sátira: memes, paródias e imitações publicadas com intuito de fazer humor. O Comprova verifica conteúdos satíricos quando percebe que há pessoas tomando-os por verdadeiros.
4. Comprovado: Fato verdadeiro; evento confirmado; localização comprovada; ou conteúdo original publicado sem edição.

Fonte: Sobre [...] (2021).

Portanto, a partir da análise da produção relacionada a matérias sobre Covid-19 feitas pelo Projeto Comprova, identificamos uma correlação com o conceito de mediação da informação elaborado por Almeida Junior (2009), que a define como “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação (...) que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”. O autor traz a análise de que o conhecimento é construído na relação, na interação. “Não há conhecimento no isolamento, ao contrário, ele se constrói na relação com o mundo, com os outros homens” (Almeida Júnior, 2009, p. 97). Portanto, o usuário envolvido na mediação da informação não deve ser considerado passivo, como apenas um receptor de informação. Mas sim um participante ativo no processo comunicacional.

É imprescindível pensar a mediação da informação também em sua dimensão cultural. “Mais do que apenas um elemento da comunicação, a mediação é, por excelência, cultural”. (Feitosa, 2016, p. 102). Um fenômeno que interliga as pessoas e é a base de qualquer sociedade. Isso porque na mediação há trocas simbólicas e uma transformação em relação à produção e à recepção das informações. “É nesse processo complexo de reação à informação recebida que se encontra a mediação. Não como produto acabado, mas como processo

semiótico de construção de sentidos e de múltiplas facetas mediativas” (Feitosa, 2016, p. 103).

Isto posto, é adequado relacionar esses conceitos de mediação da informação com as ações estratégicas da OMS e dos sites de checagem de notícias ao dialogar, a partir da infodemia, com o leitor/cidadão. Levando informação transparente e confiável a partir das demandas criadas em tempos de pandemia. É também necessário pensar a cultura como um fenômeno simbólico, de produção, transmissão e circulação de formas simbólicas (Thompson, 2009). Um sistema simbólico dentro de um contexto que dá significado às manifestações humanas. Atentando para a construção linguística e não-linguística própria dos seres humanos, já que o uso de símbolos é próprio do homem. “Cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (Thompson, 2009, p. 176)

Segundo manual divulgado pela OMS, “infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual”. Com esse fenômeno, fica difícil compreender o que é informação confiável, manipulação ou mesmo rumores. Nesse sentido, os órgãos oficiais e instituições jornalísticas devem estar atentos para acolher essa demanda. De acordo com Zaracostas (2020), a arquiteta da estratégia da OMS para combater o risco de infodemia, Sylvie Briand, destacou o desafio que a infodemia traz para o planeta, com a rapidez com que os conteúdos são compartilhados nas redes sociais.

O desafio é o timing, porque você precisa ser mais rápido se quiser preencher o vazio... O que está em jogo durante um surto é garantir que as pessoas façam a coisa certa para controlar a doença ou para mitigar seu impacto. Portanto, não é apenas informação para garantir que as pessoas sejam informadas; é também garantir que as pessoas sejam informadas para agir de maneira apropriada (Zaracostas, 2020).

A citação acima apresenta, pois, uma mediação da informação implícita, quando se volta à necessidade de preparação dos produtores e difusores de informação e comunicação em saúde, sendo suas estratégias de controle informacional a mediação explícita. E, o Projeto Comprova utiliza o jornalismo investigativo e a ferramenta de checagem de informação para apresentar ao leitor como uma reportagem é feita e como as informações falsas ou enganosas são construídas para ludibriar o interlocutor. Em meio à avalanche de informações contraditórias que muitas vezes chegam às pessoas pelas redes sociais, os sites de checagem

de notícias se transformaram em uma ferramenta importante de mediação da informação em tempos de infodemia. Principalmente pode levar transparência ao leitor em relação à produção de conteúdo de checagem de notícias.

#### **6.4. Checagem de informações sobre a Covid-19 em 2021: objeto de estudo em análise**

No portal de checagem de notícias Comprova, foram publicadas 141 matérias em 2021 sobre a pandemia da Covid-19 (em anexo o link e o título de cada matéria). O Comprova usa etiquetas para reforçar as conclusões de suas verificações. Das 141 matérias publicadas acerca da pandemia de Covid-19 durante o ano de 2021, 100 informações foram definidas como conteúdo enganoso, 37 como falso e quatro como comprovado. O projeto usa as etiquetas para reforçar as conclusões sobre as suas verificações e facilitar a identificação, por parte do leitor sobre a conclusão acerca do fato analisado. A etiqueta “enganoso” define que o conteúdo analisado pelo projeto foi “retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações”; que o post viralizado “usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor”; e ainda que o “conteúdo confunde, com ou sem a intenção deliberada de causar dano”.

Já o material definido como falso é um “conteúdo inventado ou que tenha sofrido edições para mudar o seu significado original e divulgado de modo deliberado para espalhar uma falsidade”. O conteúdo “comprovado” é definido pelo Projeto Comprova como “fato verdadeiro; evento confirmado; localização comprovada; ou conteúdo original publicado sem edição”. Há ainda uma terceira etiqueta, a sátira (memes, paródias e imitações publicadas com intuito de fazer humor. O Comprova verifica conteúdos satíricos quando percebe que há pessoas tomando-os por verdadeiros). No entanto, em relação à pandemia, objeto dessa pesquisa, não foi publicado conteúdo de checagem sobre a covid-19 que tenha sido definida como sátira no ano de 2021.

Nessas 141 publicações, há checagens feitas em redes sociais como o Facebook, de postagem, por exemplo compartilhada afirmando que o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, não recomenda a realização do carnaval em 2022 (É falso [...], 2021). Ou em tuítes, como o publicado pelo secretário nacional de Incentivo e Fomento à Cultura, André Porciuncula, contra as vacinas que combatem a Covid-19, na rede social Twitter. "Diferentemente do que ele afirma, os imunizantes não são experimentais, mas, sim, comprovadamente eficazes e aprovados por órgãos de vigilância em saúde, como a Anvisa, no Brasil, a FDA, nos Estados Unidos, a EMA (Agência Europeia de Medicamentos), além da

OMS", destacou a explicação da equipe de checagem do Projeto Comprova sobre a informação falsa (Secretário [...], 2021).

Das 141 publicações sobre a pandemia de covid-19 feitas em 2021 no site do Projeto Comprova, a pesquisa selecionou nove checagens com etiqueta “enganoso”, cinco com “falso” e uma sobre um conteúdo comprovado. Desse recorte, cinco checagens de notícias feitas pelo projeto estão presentes no canal de checagem do O Povo<sup>19</sup>, parceiro do projeto. Portanto, foram escolhidos cinco conteúdos falsos, nove enganosos e um verdadeiro. Essas matérias foram analisadas a partir da teoria destacada nessa dissertação e das chaves de leitura que a mediação suscitou em relação ao material jornalístico produzido pelo Projeto Comprova em 2021 sobre a Covid-19, como demonstrado no próximo capítulo.

### **6.5 Análise da produção do Projeto Comprova sob a perspectiva da mediação**

No capítulo 3, quando tratamos sobre as mediações, destaca-se que esse conceito é crucial para entendermos o contexto em que vivemos atualmente. E com o intuito de relacionar a mediação com a realidade atual, de comunicação em tempo real, de muita interação e, por consequência, de uma avalanche de informação enganosa circulando nas redes, demonstro a utilização deste conceito nas checagens de informações feitas pelo Projeto Comprova. Como vimos a partir de Ferrara (2015), no capítulo 3, a interação aqui destacada nos revela um movimento intenso entre emissor e receptor e a mistura de papéis entre eles na construção de uma informação que é amplamente compartilhada pelas redes sociais.

Mas, qual definição do conceito de mediação usamos para essa análise? Santos Neto faz um gráfico interessante, no qual explicita todas as mediações e suas correlações (Santos Neto, 2019, p. 354). Nesta pesquisa, para a análise das publicações do Projeto Comprova, enfatizaremos o conceito de mediação da informação, uma das extensões da mediação destacada por Santos Neto em sua tese. Nesse trabalho, a mediação da informação é subdividida em mais 12 extensões: intrínseca, extrínseca, implícita, explícita, técnica da informação (relacionada também com a mediação técnica e com a mediação tecnológica), custodial, pós-custodial, arquivista, do bibliotecário (relacionada também com a mediação científica), oral da informação, pedagógica da informação (ligada também à mediação pedagógica) e mediação institucional da informação (relacionada com a mediação institucional). É crucial pensarmos a mediação como um conceito que nos suscita pensar em

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/checagemopovo/>

interferência, conflito, diálogo. Algo que deve ser feito sem imposição ou manipulação, mas em um processo dialógico de construção do pensamento.

Santos Neto explora esses conceitos e destaca a “a interferência como uma ação planejada ou espontânea dos profissionais no sentido de colaborar com diferentes sujeitos em um equipamento informacional na busca de informação”. E também lança luz sobre os usuários, quando lança luz para a mediação como um “processo contínuo, que visa suscitar, nos usuários, novas necessidades”. A presença importante do receptor no processo é lembrada quando “o usuário atribui significado(s) à informação. O conflito é destacado como o fator principal, já que “a informação é compreendida não apenas como solução para possíveis problemas, mas ao contrário, como impulsionadora de dúvidas levando o sujeito a construir seus saberes e conhecimento” (Santos Neto, 2019, p. 343).

Conforme apontado em pesquisas anteriores, o estudo da mediação da informação não corresponde ao explicar de modo singular como a informação ‘chega até o usuário’ (ideia de transferência da informação), mas corresponde, antes, a trabalhar minuciosamente os aspectos que antecedem essa ação (Santos Neto, 2019, p. 354-355).

A partir dessas definições, esta pesquisa analisa as 15 reportagens do Projeto Comprova realizadas a partir de informações que viralizaram nas redes sociais. E mostra como a mediação da informação é utilizada em suas nuances, seja explícita ou implicitamente. “O conceito de mediação é universal, no sentido de que permite saber que a mediação é uma ação de interposição e/ou interferência que visa a resolução de conflitos, a ligação entre dois elementos, o estabelecimento de uma relação satisfatória entre eles” (Santos Neto, 2019, p. 377) Atrelado à informação, esse conceito será usado para identificarmos a forma como a Ciência da Informação, a partir das funções da Mediação da Informação, nos oferece uma ferramenta “que possibilita a autonomia, aprendizado e apropriação dos sujeitos, construção e (re)conhecimento de sua identidade cultural, social, política”. Uma interferência na comunicação para levar informações corretas, devidamente checadas e importantes para o dia a dia de uma sociedade, no caso analisado nesta pesquisa, em uma época de pandemia em meio à pós-verdade. Como está detalhado nos exemplos a seguir.

A matéria publicada em outubro de 2021, sob o título “Comparar número de mortes por covid em 2020 e 2021 não indica ineficácia da vacinação” (Projeto Comprova, 2021b) por exemplo, mostra a construção de uma linha de pensamento de um jornalismo no Twitter que busca informações em sites jornalísticos para dar credibilidade ao texto, mas distorce as informações. O Projeto Comprova, a partir dessa mensagem publicada, procura instituições oficiais e especialistas no assunto para demonstrar que aquele texto publicado mistura

informações verdadeiras com análises equivocadas para justificar uma crença pessoal do autor.

#### Quadro 4 - Mortes

**Enganoso:** Publicação feita no Twitter engana ao relacionar o número de vacinados e o avanço de mortes por covid-19 entre 2020 e 2021. O post compara cenários diferentes da pandemia, da evolução de casos e da cobertura vacinal no Brasil. Ele descontextualiza matérias jornalísticas utilizadas como base dos argumentos apresentados no Twitter. Entidades de saúde brasileiras e internacionais reforçam que a vacina tem sido eficaz no combate e na redução de casos graves e mortes pela doença.

**Conteúdo verificado:** Publicação feita pelo economista e comentarista da Jovem Pan Rodrigo Constantino, no Twitter, distorce dados oficiais sobre a covid-19 apresentados pelo G1 para contestar a eficácia das vacinas.

**Verificação:** A relação estabelecida pelo comentarista da Jovem Pan Rodrigo Constantino entre o número de vacinados e o avanço de mortes por covid-19 entre 2020 e 2021 não tem fundamento, porque compara cenários diferentes da pandemia, da evolução de casos e da cobertura vacinal no Brasil. Ele descontextualiza matérias jornalísticas utilizadas como base dos argumentos apresentados no Twitter.

Não é cabível utilizar como parâmetro as métricas citadas por Constantino devido a uma série de fatores. O colunista errou ao afirmar que o ano de 2020 tinha menos mortes devido à ausência de vacinas.

Em entrevista ao Comprova, o infectologista Leonardo Weissmann, analisou a publicação de Constantino. Segundo Weissmann, a informação citada na postagem está “fora de contexto” e é “sem sentido”. Ele explicou o motivo: (mediação explícita e pedagógica).

1. A primeira pessoa foi vacinada no Brasil no dia 17 de janeiro e é de conhecimento geral que a vacinação no país demorou a engrenar, por falta de organização e de vacinas.

2. Em 10 de abril de 2021, o país registrou 2.616 óbitos em um único dia, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde. O número de óbitos acumulados já passava de 351 mil. Nessa mesma data, de acordo com o site Our World in Data, ligado à Universidade de Oxford, na Inglaterra, 9,7% da população brasileira havia tomado a primeira dose da vacina e apenas 2,8% tinha imunização completa.

3. Com o aumento de vacinados no país, a curva de hospitalização e óbitos assumiu uma tendência de queda, demonstrando que o imunizante está cumprindo com o seu papel de proteção contra formas graves da covid-19. Os números demonstram isso claramente.

4. Estudo realizado pelo Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo, e divulgado recentemente, com 1.174 pacientes internados de janeiro a setembro de 2021, demonstrou que aproximadamente 88% não tinham imunização completa, ou seja, quase 9 em cada 10 pacientes. Desses, 274 morreram, sendo que 237 não estavam vacinados e apenas 16 pessoas tinham recebido duas doses, isto é, quase 15 vezes mais óbitos entre os não vacinados.

5. Outro estudo, realizado por pesquisadores da Fiocruz, com dados oficiais de 1º a 26 de setembro, demonstrou que, dos indivíduos entre 0 e 59 anos que morreram nesse período, 85% tinham vacinação incompleta.

Fonte: Projeto Comprova (2021b)

No caso acima, é possível identificar uma mediação explícita, quando há uma forma, inclusive, pedagógica, de explicar os motivos de a postagem feita pelo jornalista está errada e construída de forma a confundir o leitor. Pensar no trabalho de checagem de notícias, onde se busca uma informação que viralizou nas redes e se faz uma análise completa sobre o assunto e leva a informação mais completa ao leitor, é entender que sempre haverá uma mediação explícita, onde o profissional usa de ferramentas para mostrar ao interlocutor de forma detalhada e pedagógica, se aquela informação é verdadeira ou falsa.

Importante destacar também que na atualidade há uma propensão das pessoas em acreditar naquilo que mais reflete o seu pensamento. Esse tempo de pós-verdade, quando as

crenças são mais importantes que os fatos, fazem com que posts como esse citado acima sejam amplamente compartilhados sem a devida criticidade acerca das informações nele contida, apenas com o intuito de comprovar um sentimento particular, no caso específico o de que as vacinas não são importantes para combater a pandemia da covid-19. E é nesse contexto que o papel do Projeto Comprova atua. É necessário fazer o paralelo também com a formas de mediação informacional “complexas, plurais e incertas”, realçada por Feitosa (2017), e como essa mediação não é inerte e sim interacionista. Parte-se de uma mensagem e segue-se, a partir de um jornalismo comprometido com a verdade factual, em busca de detalhes sobre o assunto com o objetivo de demonstrar para o leitor os caminhos percorridos até a identificação da informação verdadeira. Uma complexidade de atores envolvidos em uma checagem de notícias que inclui a postagem enganosa, os especialistas e instituições entrevistados, o próprio veículo que fez a checagem e o leitor - sejam os milhares que compartilharam a mensagem enganosa seja o leitor que irá acessar o site de checagem para entender porque aquela informação não está correta.

No contexto das análises de Caune (2014), isso implica dizer que há aspectos implícitos e explícitos nas notícias ou informações de redes sociais que potencializam a cultura do momento. Sob esse aspecto, não seria equivocado dizer que uma espécie de “cultura da desinformação” estaria em curso nos contextos desta mensagem. Em dezembro de 2021, por exemplo, uma mensagem compartilhada no aplicativo Telegram trazia a informação de que havia aumento de mortes de crianças por causa da vacina contra a covid-19. A mensagem era distribuída a partir de um canal antivacina, isto é, um espaço para compartilhar informação contra vacinas. O texto da checagem explica porque a mensagem é enganosa e ainda mostra o texto que originou o material da checagem. Mensagens desse tipo são exemplos dessa cultura da desinformação em tempos de pós-verdade, quando é a crença pessoal em um fato específico que nos faz acreditar em uma informação.

#### Quadro 5 - Mortes em crianças

**Enganoso:** É enganoso o texto que circula no aplicativo Telegram sobre aumento na incidência de mortes de crianças do sexo masculino após receberem a vacina contra a covid-19. A postagem atribui a alegação ao médico britânico Vernon Coleman, mas não há citação sobre indicadores de óbitos de meninos na publicação feita por ele. Há outro link de um site negacionista, que sugere ligação das mortes com a vacina, porém nenhuma pesquisa atesta a mesma relação. O post foi divulgado em um canal que reproduz conteúdos

antivacina. O Comprova classificou o conteúdo como enganoso porque usa dados imprecisos em uma publicação que confunde, com ou sem a intenção deliberada de causar dano.

**Conteúdo verificado:** Texto no Telegram alega que dados oficiais mostram que as mortes de crianças do sexo masculino aumentaram 54% desde que receberam a vacina contra a covid-19. É enganosa a postagem feita em um canal do Telegram chamado Médicos pela Vida, um grupo antivacina. Nela, o autor afirma, logo na primeira frase, que dados oficiais mostram aumento de 54% das mortes de crianças do sexo masculino desde que receberam o imunizante contra a covid-19. Em seguida, o post reproduz a tradução de uma publicação do site britânico The Exposé e um vídeo do médico Vernon Coleman, em que ele critica o uso de máscaras e a atuação de governos no enfrentamento à Ômicron, nova variante do coronavírus. O portal The Exposé é conhecido por publicar textos com desinformação relacionada à covid-19. A postagem do The Exposé e o vídeo de Coleman não citam o suposto aumento de mortes de crianças devido à vacina contra a covid-19. Há no site outra publicação que faz esta ligação, mas não existem pesquisas que atestem a relação de óbitos infantis e a aplicação dos imunizantes.

**Verificação:** A vacinação de crianças ainda é uma estratégia recente no mundo, que priorizou a imunização de faixas etárias e grupos com maior risco de morte em caso de infecção pelo Sars-CoV-2. Por isso, Renato Kfoury, diretor da SBIm, afirma que não há tempo suficiente pós-vacinação para reportar evento adverso importante que dê base para o dado citado na postagem. O diretor aponta que o estudo relacionado à vacina da Pfizer, a única que está sendo aplicada nos EUA nessa faixa etária, foi realizado com cerca de 2,5 mil crianças e verificou pontos como resposta imune, eficácia e segurança.

A pediatra Tânia Petraglia também não reconhece a estatística apresentada na postagem. A médica explica que os Estados Unidos trabalham com notificação espontânea de eventos adversos. Com isso, qualquer pessoa pode informar uma reação à vacina da covid-19. A notificação é apurada, em seguida, pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças do país. Segundo ela, o país não divulgou dado de aumento de mortes de crianças supostamente provocadas pela vacina contra a covid-19.

Em nota, a Anvisa informa que acompanha os dados referentes à vacina pelo mundo por meio de uma rede de monitoramento de eventos adversos. “Não há nenhum dado que indique aumento de óbitos entre crianças do sexo masculino em decorrência do uso das vacinas”, sustenta o órgão responsável pela aprovação de uso dos imunizantes no Brasil (mediação explícita e pedagógica).



## CONTEÚDO INVESTIGADO

Dados oficiais mostram que as mortes de crianças do sexo masculino aumentaram 54% desde que receberam a vacina Covid-19

Previsivelmente, governos em todo o mundo agora têm uma nova variante da gripe renomeada para usar como arma em sua campanha de medo.

Apesar de o médico sul-africano que deu o alarme pensar que os sintomas da variante idiota do cobiçado inseto são leves, os governos de todos os lugares estão gritando: abandonem o navio, peguem seus coletes salva-vidas. É hora de Doris e idiotas primeiro.

A nova variante, dizem eles, sem absolutamente nenhuma evidência, irá, por coincidência, causar todas as coisas terríveis, como ataques cardíacos e coágulos de sangue, que também estão associados aos jabs covid-19. Não é uma grande coincidência?

The Expose

**DR VERNON COLEMAN**

**"THEY HAVE EXAGGERATED  
OMICRON TO COVER UP  
THE RISING FLOOD OF  
HEART ATTACKS DUE TO  
THE COVID-19 VACCINES"**



Dr Vernon Coleman - "They have exaggerated Omicron to cover up the rising flood of Heart Attacks due to the Vaccines"

Predictably, governments around the world have now got a new variant of the rebranded flu to use as a weapon in their fear campaign.

Fonte: É Enganoso [...] (2021).

Uma forma de mediação da informação utilizada pelo Comprova é detalhar, a partir de informações dos sites de onde foram retiradas as informações, o que foi destacado na

mensagem enganosa e ainda trazer especialistas para comentar e desconstruir, a partir de dados, as informações viralizadas. Nesse caso acima, dois especialistas e uma instituição oficial foram procuradas e explicam como a informação foi descontextualizada e, por isso, está errada.

Ainda nesse contexto, é interessante relacionarmos a cultura como o pilar para percebermos as mudanças que ocorrem na atualidade – tanto na comunicação, como na informação. Assim, para Thompson (2009), interpretar fenômenos culturais implica compreender ações e expressões significativas, com vistas a interpretá-las em seus contextos. Como se pode ver na checagem feita em novembro de 2021 que traz como título “Vacina contra a covid-19 é segura e não gera HIV, câncer ou HPV”. Há uma construção de sentido na postagem que originou a checagem que mostra como aquele assunto está sendo fabricado para se adequar ao que um grupo de pessoas acredita sobre a vacina. A partir da checagem, identifica-se a falta de comprovação sobre as informações compartilhadas. O texto jornalístico mostra ainda a forma como as interações no grupo se dão, principalmente quando há comentários sobre a não existência do vírus. Isso deixa ainda mais clara a necessidade do grupo de perpetuação de uma crença pessoal e não de informações comprovadas.

Um aspecto cultural significativo relativo a essa postagem é que, no texto de checagem da notícia, há diversos links oficiais encontrados na Internet com detalhes sobre o assunto que poderiam ser pesquisados pelas pessoas para que a informação correta fosse encontrada, mas não há o interesse, já que a busca atualmente é por mensagens que apenas compactuam como o pensamento exposto no grupo. Como evidencia Araújo (2018), em destaque no capítulo 2.4, mesmo com a facilidade que há hoje em dia em relação à realização de pesquisas pela Internet, há um “desinteresse pela verdade, o apego a preconceitos e fundamentalismos”. O projeto Comprova faz esse trabalho de mediação e relaciona o que é compartilhado nas redes a uma ampla investigação dos fatos para mostrar o que é verdade e o que é construção ideológica alicerçada em um contexto de pós-verdade, primordial para se entender como informações tão absurdas são tão acreditadas na atualidade. Nesse sentido, as reportagens do Projeto Comprova, a partir do detalhamento da apuração do fato, são um exemplo de mediação explícita e pedagógica.

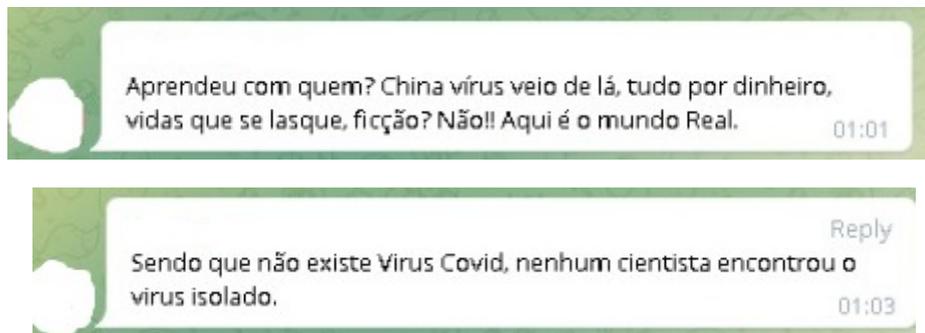
#### Quadro 6 - HIV, câncer e HPV

**Falso:** São falsas as afirmações contra a vacina da covid-19 ditas pelo médico Nelson Modesto, em um áudio que circula no Telegram. O profissional da saúde afirma que

os imunizantes conseguem gerar HIV, câncer e HPV nos vacinados, o que é mentira. Verificações anteriores realizadas pelo Comprova mostram serem inventadas as ligações entre a vacina e uma série de doenças, como as citadas na publicação.

**Conteúdo verificado:** Um homem se apresenta em um áudio como o médico Nelson Modesto. Ele afirma que realizou um estudo provando que as vacinas com “insumo chinês” têm a capacidade de desenvolver doença autoimune e câncer nos imunizados. Ele também diz, sem provas, que os políticos estão tentando calar os médicos.

O áudio foi compartilhado no grupo Médicos Pela Vida e gerou pânico entre os membros, além de reforçar a falsa ideia de que as vacinas não são seguras e eficazes. É possível chegar a esta conclusão a partir de comentários deixados na publicação, como o de um homem afirmando que o “China vírus veio de lá, tudo por dinheiro“. Além de comentários xenofóbicos, outros negacionistas também aparecem, como o de uma mulher que afirma não existir o coronavírus. Ela utiliza como justificativa que “nenhum cientista encontrou o vírus isolado”, o que é mentira.



**Verificação:** Especialistas ouvidos pela reportagem do Comprova afirmam que as vacinas desenvolvidas para combater o coronavírus não são responsáveis pelo desenvolvimento de doenças autoimunes ou câncer, conforme afirma falsamente o áudio verificado. O mesmo é dito por autoridades sanitárias do Brasil — como a Anvisa — e do mundo — como o FDA, CDC e OMS.

Gilmar Alves Zonzin, ex-presidente da Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Estado do Rio, classificou como ‘bizarras’ e ‘absurdas’ as afirmações de Nelson Modesto ligando o citomegalovírus, HIV e HPV aos imunizantes contra a covid-19. “Já lhe adianto que essas são informações bizarras, absurdas, sem nenhum

fundamento. Outrossim, vacinas, como também medicamentos, e diversos insumos, não são ausentes em efeitos indesejáveis, que devem ser identificados, relatados, monitorados, estudados, etc., mas não essas bizarrices”, concluiu. O médico infectologista César Carranza Tamayo disse que as vacinas são seguras e que a maior parte dos efeitos adversos é leve, como febre e dor no local da aplicação. Segundo o especialista, as vacinas não são causadoras de doenças autoimunes ou câncer.

Fonte: Vacina [...] (2021c).

Na esteira dos postulados antropológicos sobre cultura, pode-se afirmar que nesses contextos de pós-verdade e afins o que nos cabe – antes das checagens que vimos analisando – é entender os contextos culturais nos quais esses fenômenos vêm acontecendo. Assim, a proposta antropológica de Geertz (2008) nos orienta a interpretá-los para buscarmos significados ou tendências de significação. Em um mundo hiperconectado e com cada dia mais novidades tecnológicas sendo descobertas, há sempre uma construção relacionada a assuntos que remetem a algo novo ou mesmo a tecnologias que supostamente estão sendo descobertas. Isso, além de encantar, gera interesse e curiosidade. Uma checagem feita em novembro de 2021 trazia como título: “É falso que pessoas imunizadas com a vacina da Pfizer se tornem rastreáveis”. A explicação foi feita por causa de um vídeo, compartilhado no Telegram, de um homem dizendo que a Pfizer, laboratório responsável por uma das vacinas disponíveis, teria patenteado um sistema de rastreamento de pessoas vacinadas.

No texto que detalha a checagem, o autor explica de forma didática por qual razão não é possível que a vacina torne as pessoas rastreáveis. Explica que não há grafeno na composição das vacinas, como destacado no vídeo compartilhado pelo Telegram, e que especialistas detalharam ainda não ser possível rastrear pessoas por meio das nanopartículas de grafeno, mesmo se elas estivessem presentes. O conteúdo é falso e a reportagem vai detalhando todo o percurso da apuração para mostrar isso ao leitor, uma mediação explícita e também pedagógica. Ela esclarece porque o conteúdo é falso, com dados oficiais e a partir de relatos de especialistas e detalhando o fato.

### **Quadro 7 - Rastreamento**

**Falso:** Diferentemente do que afirma um homem em um vídeo compartilhado no Telegram, a Pfizer não patenteou um sistema de rastreamento de pessoas vacinadas; e não há grafeno na formulação das vacinas contra a covid-19.

Conteúdo verificado: Vídeo publicado em um canal no Telegram afirma que a Pfizer patenteou um sistema de rastreamento de pessoas imunizadas contra a covid-19 e que teria grafeno na composição da vacina. A Pfizer não patenteou, no dia 31 de agosto de 2021, qualquer sistema de rastreamento de pessoas vacinadas com o imunizante desenvolvido por ela contra a covid-19, como afirma um jornalista em vídeo publicado no Telegram.

Na verdade, existe uma patente emitida nesta data, nos Estados Unidos, que trata do uso de contato digital para aplicação de medidas profiláticas contra doenças infecciosas propagadas pelo ar, mas ela pertence a dois advogados israelenses sem ligação com a Pfizer. Na prática, o sistema utilizaria sinal de Bluetooth para identificar as pessoas que mais interagem socialmente e priorizá-las na aplicação de medicamentos ou vacinas – este método, segundo os proprietários, resultaria num melhor desempenho epidemiológico.

As demais afirmações feitas ao longo do vídeo também são falsas, como a de que seria possível o rastreamento de pessoas vacinadas por meio de óxido de grafeno “mantido nos tecidos adiposos de todas as pessoas que receberam a injeção”. Nem a vacina da Pfizer e nem qualquer outra contra a covid-19 possui essa substância na composição.

**Verificação:** No vídeo, o autor do conteúdo cita que uma suposta patente da Pfizer foi aprovada no dia 31 de agosto de 2021, e que se trataria de um sistema capaz de rastrear os seres humanos que receberam a vacina contra a covid-19. Existe uma patente aprovada nesta data, que trata do uso de contato digital para aplicação de medidas profiláticas contra doenças infecciosas propagadas pelo ar. Contudo, ela não pertence à Pfizer e nem a nenhuma farmacêutica. Os donos da patente são dois advogados israelenses — Gal Ehrlich e Maier Fenster —, sócios do escritório Ehrlich & Fenster, especializado em marcas e patentes nas áreas de biotecnologia,

dispositivos médicos, física, química, farmacêutica, softwares e sistemas de informação.

A patente, intitulada “Métodos e sistemas de priorização de tratamentos, vacinação teste e/ou atividades protegendo a privacidade dos indivíduos” (tradução livre), não mantém relação com o rastreamento de pessoas vacinadas, nem com o uso de grafeno para localizar essas pessoas por meio de vestígios presentes no tecido adiposo de seres humanos. A ideia inicial foi concebida, segundo um dos autores, Gal Ehrlich, entre abril e maio de 2020, quando não havia nenhuma vacina disponível contra a covid-19, mas quando já era visível a super-disseminação do Sars-CoV-2.

Fonte: É falso [...] (2021b).

Ainda sobre esse exemplo de checagem, pode-se dizer, como Geertz (2008) que, “como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis”, os contextos aqui analisados precisam mais do que da interpretação dos fatos, mas dos modos como eles foram apresentados como, por exemplo, as notícias ou informações compartilhadas nas redes sociais. A interpretação é uma palavra-chave para trazeremos para esse espaço de checagem. As mensagens falsas ou enganosas usam de artifícios como a emoção, a crença, a ideologia ou trazem assuntos tecnológicos que encantam para ludibriar o interlocutor. Isso está arraigado na cultura, na forma de ver o mundo na contemporaneidade.

A mediação realizada pelo Projeto Comprova vai especificando cada detalhe da investigação jornalística para deixar claro como a produção da notícia foi feita e não deixar dúvidas em relação ao fato noticiado. No caso dessa suposta possibilidade de rastreamento das pessoas a partir da vacina da Pfizer, há detalhes como a composição da vacina para exemplificar a inviabilidade desse rastreamento. Sobre esse mesmo assunto, o Projeto Comprova ainda detalha que outras agências como a Boatos.org, Factual AFP e Reuters também fizeram suas checagens e chegaram ao mesmo resultado: falso, isto é, um conteúdo inventado de modo deliberado para espalhar uma mentira. Com o nível de transparência em todas as etapas de investigação, fica mais difícil que uma pessoa leia o material e não entenda que o post original sobre o assunto era mentiroso. “O conceito de mediação pode ser visto a partir de suas funções, com argumentos bem definidos, por exemplo quando possibilita a autonomia, aprendizado e apropriação dos sujeitos, construção e (re)conhecimento de sua identidade cultural, social, política” (Santos Neto, 2019, p. 377).

No bojo sobre essa análise acerca da interpretação e a construção dos sentidos, podemos ainda relacionar o imaginário. Sobre o poder cultural que tem, o imaginário, como alertado por Laplantine e Trindade (2003), parece ter realce na produção de fake news e afins. Quando vemos a produção de checagem sobre uma suposta possibilidade de rastreamento de pessoas a partir de uma vacina ou sobre um efeito magnético da vacina contra a covid-19, é possível associar algo fantasioso que é usado para chamar atenção e enganar pessoas, principalmente as que estão já propensas a acreditar na informação. Não por acaso, Geertz complementa que o ser humano está envolto em “teias de significação” que ele próprio criou e que vai pavimentando os caminhos das culturas em determinados contextos. Isso posto, pode-se prever que estamos momentaneamente sob a égide de uma cultura de desinformação, tecida por esses fenômenos ilustrados aqui pelos exemplos de checagens analisadas.

#### Quadro 8 - Magnetismo

**Falso:** É falso que a vacina contra a covid-19 deixe a pele “magnética”. Ao contrário do que foi sugerido em vídeo divulgado no Facebook, os imunizantes não têm qualquer componente capaz de gerar tal reação, e professores de Física esclarecem que o efeito de adesão é o responsável por permitir que moedas ou ímãs fiquem grudados na pele.

**Conteúdo verificado:** Vídeo divulgado no Facebook mostra uma idosa, que afirma ter sido vacinada com a Coronovac nos dois braços, grudando uma moeda no local onde supostamente teria recebido o imunizante. É falso que a vacina contra o coronavírus seja capaz de magnetizar a pele no local da aplicação, ao contrário do que alega uma idosa em um vídeo que viralizou no Facebook.

Em vários outros experimentos também publicados na internet, é possível ver que basta um pouco de umidade para que uma moeda, ímã ou qualquer objeto pequeno e leve fique grudado no braço de qualquer pessoa – tendo ela tomado ou não a vacina. Segundo professores de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que responderam ao boato que circula online, o efeito de adesão, propiciado por forças intermoleculares, é o responsável pelo truque. O princípio científico define a tendência que superfícies e partículas formadas por moléculas diferentes têm de “grudar” uma na outra.

Além disso, o único metal presente na composição das vacinas – em dose baixíssima – é o hidróxido de alumínio, que não tem capacidade magnética nessa proporção. O Instituto Butantan, responsável pela fabricação da Coronavac, também já desmentiu as alegações.

**Verificação:** No vídeo que viralizou, a idosa, que se apresenta como Matilde Rodrigues, da cidade de Salto do Pirapora, em São Paulo, diz ter tomado as duas doses da Coronavac – uma em cada braço. Então, ela faz um “experimento”, colocando uma moeda de um real sobre o local onde supostamente foi imunizada. A moeda adere à pele nesses pontos, mas não gruda em outras partes do braço. Por isto, ela afirma que a vacina “deve ter algum ímã”.

No Twitter, o médico e doutorando da Universidade de Oxford, no Reino Unido, Ricardo Parolin, também publicou um vídeo, mostrando que, mesmo sem ter tomado a vacina, foi capaz de provocar a adesão de uma moeda ao próprio braço, passando antes uma toalha levemente molhada no local. Para os professores do CREF/UFRGS, todo o boato é uma “teoria conspiratória”, e tudo não passa de um “comum efeito de adesão propiciado por forças intermoleculares”.

Fonte: Vacina [...] (2021a).

No caso do magnetismo, mostrar a experiência de aderir uma moeda no próprio braço após passar uma toalha no local, mesmo sem tomar a vacina mostra que não há ligação entre a aplicação da vacina no braço e o magnetismo e que a experiência é algo explicado pela física. Com a explicação didática, o Projeto Comprova atua a partir da mediação pedagógica da informação, de forma direta e explícita. Essa mediação tenta furar a bolha da teoria da conspiração que é tão disseminada na atualidade nesse tempo de pós-verdade, com explicações didáticas sobre um fato comum.

Quando diz que a função da cultura é mediar o indivíduo e o grupo aos significados culturais, Caune (2008) deixa antever que as mediações podem se dar em todas as direções, potencializando conflitos. Já que, na cultura, escolher também significa excluir. Assim, tomando por base os exemplos de checagens até aqui analisados, pode-se dizer que as mediações de informação e de desinformações podem advir dos contextos culturais onde elas

foram escolhidas ou excluídas. Seja para confirmar uma teoria ou mesmo para desautorizar um lado político que não satisfaça o indivíduo. A desinformação pode ser construída, portanto, apenas tirando uma informação de contexto. A informação pode ser verdadeira, mas leva a um entendimento errôneo justamente por estar descontextualizada. E a crença em relação a um determinado assunto ou mesmo a vontade que algo contrário a sua visão não seja verdade faz com que haja uma construção particular do que é certo e do que é errado, do que é verdade e do que é mentira. O indivíduo é resultado, portanto, desta mediação cultural entendida como uma interpretação dos fenômenos.

O jornalismo, nesse caso, precisa ir além dos critérios de noticiabilidade já conhecidos, como proximidade, factualidade, impacto, importância, utilidade, originalidade e repercussão - e mostrar a relevância da informação correta para o leitor. Nesse sentido, o critério de noticiabilidade usado nessas checagens escolhidas para análise na pesquisa foram: ampla repercussão nas redes sociais (viralização dos posts, por exemplo) e informação de interesse público em um tempo de pandemia.

Quando dissemos no capítulo 3, que o mediador é o construto simbólico entre as coisas, suas representações e sentidos, vale para esses exemplos de checagem. Do ponto de vista cultural, o elemento mediacional da cultura da pós-verdade, por exemplo, é fruto das representações que os usuários e produtores dela e seus afins têm disso e do que fazem com isso. Torna-se, pois, uma inteligibilidade prótese daquela que seria real, mas é escolhida como mentira ou para asseverá-la. Em junho de 2021, por exemplo, o Comprova publicou uma checagem com o título “Universidade de Oxford não encontrou ‘fortes indícios’ da eficácia da ivermectina contra a covid”. Durante a pandemia, um dos temas mais controversos foi relacionado ao tratamento preventivo.

Junto à vacinação, havia grupos aguerridos contra a vacinação e à favor do tratamento não comprovado. A divulgação de uma informação como esta por um presidente da república a transforma ainda mais. É um componente valioso para dar um ar de verdade a algo que não é real. A pós-verdade é um cenário perfeito para a construção desse imaginário que se torna real na vida de muitas pessoas. A expressão de um indivíduo que busca uma ‘realidade’ particular para comprovar seus pensamentos. E, com as redes sociais, a transmissão e circulação desses construtos simbólicos ficaram muito mais fáceis, mesmo que estejam distantes da realidade. Isso é cultural. Próprio do momento vigente. Relevante lembrar também da cultura como um fenômeno simbólico (Thompson, 2009).

Como as matérias analisadas foram publicadas em 2021, ano em que Jair Bolsonaro era presidente do Brasil, um personagem da política identificado com a anticiência e com o

negacionismo, o contexto foi determinante para que mais pessoas entendessem a informação como verdadeira. A forma como informações negacionistas eram reverberadas pelo presidente ajudou na construção desse mundo paralelo contra a ciência e, mais especificamente, contra a vacina e a favor dos tratamentos não comprovados. Analisando as reportagens publicadas pelo Comprova em 2021, nota-se a quantidade de fatos fantasiosos sendo divulgados - como o magnetismo, por exemplo. Com uma autoridade como o presidente da república sendo o porta voz de fatos desse tipo, as informações são mais facilmente acreditadas, já que possuem esse escopo. Mesmo não havendo comprovação científica, a busca por informações que corroboram a visão de mundo de uma parte da população dá a essas pessoas uma satisfação em relação ao que crêem, já que é o presidente do país que está falando sobre o assunto. A construção simbólica em tempo de pós-verdade.

#### Quadro 9 - Ivermectina

**Enganoso:** É enganosa a declaração do presidente Jair Bolsonaro de que "a Oxford encontrou fortes indícios de que ivermectina realmente previne ou, no primeiro momento, é salutar e começaram a estudar com mais profundidade", referindo-se à covid-19. O estudo anunciado pela Universidade de Oxford existe, mas afirma apenas que uma pesquisa randomizada será iniciada com a ivermectina, com base em estudos de laboratório e estudos-piloto. Além disso, o estudo é voltado para pessoas já infectadas, e não para a prevenção da doença.

**Conteúdo verificado:** Vídeo do presidente afirmando que a Universidade de Oxford encontrou fortes indícios de que a ivermectina previne ou é salutar contra a covid e que, por isso, começou a estudá-la com mais profundidade. Após o anúncio sobre a pesquisa, contas de apoiadores do governo em redes sociais fizeram postagens ironizando as informações de que a substância não tem comprovação científica e defendendo que a substância já deveria estar sendo utilizada no combate à doença.

O presidente Jair Bolsonaro declarou no dia 23 de junho que a Universidade de Oxford encontrou fortes indícios de que a ivermectina realmente previna ou é benéfica no tratamento da covid-19. A afirmação é enganosa pois o estudo ainda se encontra em estágio inicial, não tendo chegado a conclusões. Em vídeo gravado durante conversa com apoiadores, ele pergunta: "Vocês viram aí que a Oxford

encontrou fortes indícios de que a ivermectina realmente previne ou, no primeiro momento, é salutar e começaram a estudar com mais profundidade a ivermectina?”.

A declaração ocorreu no mesmo dia em que a Oxford comunicou que passaria a investigar a ivermectina como parte de um ensaio randomizado, destacando que o medicamento demonstrou reduzir a replicação do Sars-CoV-2 em estudos de laboratório, ou seja, sem testes em humanos, e que estudos-piloto, em escala reduzida, mostram que a administração precoce pode reduzir a carga viral e a duração dos sintomas em alguns pacientes com casos leves. O estudo da Oxford, entretanto, está apenas no início e a equipe responsável afirmou ao Comprova que não possui expectativa de prazo para a publicação de resultados. Além disso, em nenhum momento o comunicado fala sobre prevenção da covid e destaca que há poucas evidências de ensaios clínicos randomizados em grande escala para demonstrar que a ivermectina pode acelerar a recuperação da doença ou reduzir a internação hospitalar.

**Verificação:** Em comunicado divulgado no dia 23 de junho, a Universidade de Oxford, na Inglaterra, informou que passaria a investigar a ivermectina como parte do ensaio randomizado, onde os integrantes serão escolhidos de forma aleatória. A análise se dará no contexto do estudo Principle (sigla em inglês para Plataforma de Ensaio Randomizado de Tratamentos na Comunidade para Epidemias e Doenças Pandêmicas), conduzido nacionalmente com intuito de encontrar tratamentos para a recuperação rápida de infectados pelo coronavírus e que evitem internação hospitalar.

A publicação destaca que a ivermectina é um medicamento antiparasitário seguro e de amplo espectro, com propriedades antivirais conhecidas. Os responsáveis pelo estudo afirmam que o remédio demonstrou reduzir a replicação do Sars-CoV-2 em estudos de laboratório (pré-clínicos e sem testes em humanos) e que pequenos estudos-piloto (em pequena escala) mostram que a administração precoce pode reduzir a carga viral e a duração dos sintomas em alguns pacientes com casos leves. Não é citado nenhum estudo relacionado ao uso da ivermectina como remédio preventivo.

A divulgação não esclarece quais estudos são esses. O Comprova questionou a equipe responsável sobre isso, mas ela respondeu sem citar os estudos que neste momento

não estão sendo concedidas entrevistas à mídia internacional a respeito da pesquisa com a ivermectina, que apenas começou. O anúncio divulgado pela Oxford observa, entretanto, que embora a ivermectina seja usada rotineiramente em alguns países para o tratamento da doença, há poucas evidências de ensaios clínicos randomizados em grande escala para demonstrar que ela pode acelerar a recuperação ou reduzir a internação hospitalar.

Fonte: Universidade [...] (2021).

Ainda na seção 4.1, vimos que Thompson (2009) se refere às “formas simbólicas” como detentoras de padrões de significados que orientam as comunicações no interior dos grupos culturais. Assim, sendo, se as formas simbólicas nesse contexto criam e veiculam sentidos; são intencionais, contextuais, referenciais e simbólicas; se elas performatizam e ritualizam sentidos; se usam de signos verbais ou não-verbais para persuadir, conquistar ou criar empatias, pode-se dizer que, nos contextos que vimos analisando nesta pesquisa, os processos de desinformação são formas simbólicas. No contexto da semiótica são também “textos culturais”. Em ambas as representações, representam a pós-verdade e afins.

Isso porque essas ‘verdades paralelas’ são construídas inclusive como forma de recrutamento político. Em maio, no Ceará, um vídeo editado e, por consequência, com o contexto alterado, foi divulgado como se o governador estivesse admitindo o uso da cloroquina no Estado. Entende-se, portanto, que no cenário de pós-verdade, a construção de informações enganosas, sejam em áudio, vídeo ou texto é realizada dentro de uma conjuntura de polarização política e de defesa irracional de pressupostos ideológicos, religiosos e políticos. Nesse ambiente, a mediação da informação produzida pelo Projeto Comprova, que faz uma checagem transparente das informações de mensagens viralizadas na Internet, em particular nas redes sociais e nos aplicativos de mensagem, é uma forma importante de combater a desinformação, já que fica justamente entre os posts viralizados e os indivíduos que buscam a informação correta sobre os assuntos.

#### **Quadro 10** - Cloroquina

**Enganoso:** Vídeo postado pelo deputado Capitão Wagner Sousa, com declaração do governador do Ceará, Camilo Santana (PT), foi editado e tirado de contexto. Conteúdo original é de 2020 e trechos que viralizaram agora não comprovam que o

governo cearense admite uso da cloroquina. Não existe recomendação de prescrição rotineira ou de uso domiciliar de cloroquina no estado.

**Conteúdo verificado:** Um vídeo publicado no Instagram mostra o governador cearense, Camilo Santana (PT), afirmando que a cloroquina está no protocolo do Ceará e que todas as decisões tomadas pelo estado estão pautadas nas questões técnicas e científicas. Uma tarja no vídeo tem o seguinte texto: “Camilo Santana admite uso da cloroquina no Ceará. E agora?”. O autor da postagem questiona: “Vai depor na CPI da Pandemia no Senado também?”. É enganosa a postagem feita pelo deputado federal Capitão Wagner, no dia 16 de maio de 2021. O vídeo, de 12 segundos, engana ao usar trechos recortados e descontextualizados de uma gravação do governador publicada no Instagram em 18 de maio de 2020. No vídeo original, Camilo Santana menciona o protocolo para uso da medicação no estado à época da publicação e reforça a inexistência de evidências científicas que justificassem a adoção da substância. No vídeo verificado aqui, trechos de frases são recortados e unidos para dar a entender que o governador garantiu o uso da cloroquina. O Governo do Ceará, em nota divulgada no dia 16 de maio, afirma que o vídeo é uma montagem, com falas usadas fora de contexto.

**Verificação:** O vídeo original do governador Camilo Santana é de um live feita no dia 18 de maio de 2020 e transmitida pelos perfis do gestor no Facebook e no Instagram. O vídeo real foi publicado no perfil oficial de Camilo Santana (@camilosantanaoficial) no Instagram na mesma data. A gravação original tem duração de 12 minutos e 31 segundos. Na publicação, Camilo fala de algumas ações referentes ao combate à pandemia e, dentre elas, um decreto estadual que, à época, tratava das medidas de isolamento social no Ceará.

Na gravação original, aos 10min28, o governador menciona o uso da cloroquina. Ele diz: “Uma outra polêmica também que tem surgido, aliás com muita fake news, muita fake news nas redes sociais, é a questão do uso da cloroquina. Cloroquina é um medicamento que ainda não tem comprovação científica, comprovada no mundo inteiro”. Camilo também afirma: “Quero dizer que o estado não utiliza a cloroquina. A cloroquina está no protocolo do estado do Ceará, agora, ela só é utilizada com a

recomendação do médico. Só com a autorização do médico é que é utilizada a cloroquina para os seus pacientes. Então, deixar muito claro que todas as decisões que o estado tem tomado são pautadas nas decisões técnicas e científicas. Não há política. Aliás, eu acho que a política tem que estar fora de qualquer contexto nesse momento de enfrentamento à pandemia”.

Já o vídeo publicado pelo deputado federal Capitão Wagner, no dia 16 de maio de 2021, em seu Instagram (@capitaowagnersousa), tem duração de 12 segundos, e nele é possível ouvir trechos recortados do vídeo original do governador.

Fonte: Deputado [...] (2021).

Neste sentido, uma questão importante a ser analisada é em relação a busca pelos textos de checagem. É necessário saber se os textos de checagem de notícias - as matérias que mostram que a informação viralizada é falsa ou enganosa - chegam até o público de forma eficaz. Principalmente porque as checagens existem justamente porque as informações enganosas são bastante eficientes ao viralizar nas redes sociais. A comunicação precisa alcançar as pessoas. E não apenas isso. Como defende Maffesoli (2003), a comunicação é parte fundamental da construção da comunidade. É essa relação entre as pessoas que fortalece o vínculo. E, nesse contexto de hiperconectividade, essa comunidade é expandida. São grupos reunidos que se estabelecem por um pensamento em comum. Por crenças, que vão além da religião ou da política. Mas que se entrelaçam de maneira a construir um elo de pertencimento. Essa partilha do cotidiano é a base da humanidade e a comunicação é o que liga as pessoas, as une. Com a tecnologia, essa união agora é feita de modo mais rápido e sem a necessidade da proximidade. As redes sociais e os aplicativos de mensagem, por exemplo, reúnem pessoas que podem morar em um mesmo condomínio, em uma mesma rua, mas também pessoas do mundo inteiro, que compartilham assuntos diversos.

Compartilhar informações nos grupos é uma forma de pertencimento. Essa comunicação agrega valor às pessoas. E nesse movimento rápido, fácil, ilimitado e sem fronteiras que as informações vão sendo trocadas e novas formas de convivência vão sendo construídas. Um ambiente propício para a desinformação, quando entendemos que estamos em um cenário de pós-verdade. Uma informação que confirma o meu modo de pensar vale mais que uma checagem que desmente algo de valor para um grupo, por exemplo. Como detalhado no capítulo 3, a partir das análises de Caune (2014), isso implica em entendermos

que cultura e comunicação, conceitos que estão intimamente relacionados, são processos mediacionais demasiadamente transformados na atualidade (Araújo, 2018). Principalmente, como pensamos na forma de consumo e distribuição das informações. A atuação do indivíduo muda. E essa mudança envolve, além da própria facilidade que a tecnologia proporciona em relação à produção e distribuição de informação, uma relação de poder entre as pessoas.

Os aplicativos de mensagem, como Telegram e Whatsapp, são ferramentas importantes para a distribuição de informação, seja verdadeira ou falsa. É nesse território onde muitas teorias são construídas e muita desinformação é compartilhada. Em setembro de 2021, por exemplo, uma checagem mostrava os motivos de um vídeo compartilhado no Telegram sobre a relação entre o aumento de câncer no endométrio e a vacina contra a covid-19 ser enganoso. No Brasil, o vídeo foi compartilhado em um grupo do Telegram. A reportagem mostra informações oficiais da Anvisa de que não há indicação de que as vacinas em uso possam afetar a capacidade do corpo de se proteger de outras doenças, já que foram feitos estudos científicos, testes clínicos e monitoramento das reações aos imunizantes. Até o dia 22 de setembro de 2021, o vídeo havia sido visualizado 42,2 mil vezes. Ao levar uma informação a um grupo, o indivíduo se mostra bem informado e ainda leva uma informação de uma suposta autoridade no assunto - que muitas vezes são médicos ou políticos quando se trata da pandemia da covid-19 - para confirmar uma crença particular muitas vezes compartilhada entre as pessoas ali reunidas naquele ambiente virtual. E cada um ainda pode distribuir a informação em outros conglomerados de pessoas. A informação vai se multiplicando de forma geométrica. Uma única pessoa exerce, desta forma, um papel de destaque entre aquela comunidade específica.

Do ponto de vista social da comunicação, o papel das checagens de informação e de notícias veiculadas pelas redes sociais é também cultural, uma vez que disseminadas, recebidas e apropriadas sem maiores cuidados, as informações cumprem, no imediato e descuidado ato de receber, um vínculo inicial que agrega valor simbólico imediato ao ato comunicativo, sendo de difícil mediação pelos efeitos imediatos que podem causar.

Acerca disso, Maffesoli (2003) asseverou no capítulo 3 que a comunicação nos liga ao outro por uma espécie de “cimento social”. Esse elo, de natureza gregária já presente na própria essência da Cultura, realça vínculos, potencializa empatia, agrega valores, persuade e conclama à aceitação coletiva. Para o autor, a comunicação é a “cola do mundo pós-moderno”. Ele se refere ao contexto atual no qual essa cola ancestral de vínculo comunicacional é hoje mais poderosa, porquanto as formas, meios e velocidades se juntam às

simultaneidades e instantaneidades infocomunicacionais multiplicando, sobremaneira, seus efeitos.

Nesse sentido, pode-se dizer que os vínculos gregários entre as informações atuais e suas complexas demandas podem “colar” no imaginário social, produzindo pós-verdades que precisam ser encaradas com rigor e tenacidade por ações como as desempenhadas pelas checagens de notícias, como vimos defendendo nesta dissertação. Prova disso, a checagem abaixo, sobre um vídeo compartilhado no aplicativo de mensagem Telegram em que um médico associa casos de câncer à vacina contra a COVID-19. O material que explica que o vídeo é enganoso é transparente ao destacar que “não há nenhuma indicação de que as vacinas em uso possam afetar a capacidade do corpo de se proteger de outras doenças”. A checagem traz também uma especialista para explicar o fato e desmentir o vídeo e ainda detalha que as informações usadas pelo médico no vídeo induzem o interlocutor a uma interpretação errada: a de que as vacinas são prejudiciais à saúde. Para quem quer acreditar em um possível mal que a vacina pode causar, a forma como o médico fala no vídeo cumpre o papel perfeito de confirmação de teses que corroboram com a crença pessoal. Não há análise crítica sobre o material, mas sim uma satisfação de que algo em que acredita tem fundamento técnico, já que é um médico - isto é, uma autoridade no assunto - que está divulgando a informação. A pessoa recebe uma informação da comunidade, essa mensagem satisfaz a percepção de realidade particular - mesmo que não seja verdade ou que não tenha sido confirmada - e isso gera o impulso imediato de compartilhamento da informação. A comunidade fortalece os vínculos. Legitima as opiniões. E consolida ainda mais as crenças pessoais.

#### Quadro 11 - Câncer

**Enganoso:** É enganoso vídeo publicado no Telegram em que médico afirma estar observando aumento de casos de câncer do endométrio e outras doenças em pessoas que se imunizaram contra a covid-19.

**Conteúdo verificado:** Vídeo publicado no Telegram em que médico norte-americano afirma ter observado aumento em 20 vezes dos casos de câncer de endométrio em pessoas que se vacinaram contra o Sars-Cov-2. Segundo ele, outras doenças também estão se tornando mais frequentes nesse público. O médico também diz que percebeu uma diminuição na capacidade do sistema autoimune de matar células infectadas

nesse público e cita o aumento também de outras doenças, como herpes e HPV. Na realidade, as vacinas contra o coronavírus não são capazes de provocar tais doenças.

As vacinas desenvolvidas para combater a covid-19 são seguras e eficazes, como também são responsáveis por aumentar a produção de células-T, também conhecidas como “células de memória”, que produzem anticorpos, para defender o corpo do vírus. Ou seja, diferentemente do que afirma o médico, os imunizantes não baixam a imunidade nem facilitam o surgimento de novas doenças, mas, sim, protegem o corpo contra o coronavírus.

No Brasil – o vídeo verificado aqui viralizou em um grupo de brasileiros – não há nenhuma indicação de que as vacinas em uso possam afetar a capacidade do corpo de se proteger de outras doenças, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Isso vale tanto para os estudos científicos, testes clínicos ou no monitoramento que o órgão faz das reações aos imunizantes.

Ouvida pelo Comprova, a médica Monica Levi, presidente da Comissão de Revisão de Calendários de Vacinação da SBIm (Sociedade Brasileira de Imunizações), também disse que as alegações do americano são um argumento antigo de grupos antivacinas já desmentidos pelos cientistas. Segundo ela, não só não há registro de que os imunizantes prejudiquem o sistema imune como há, inclusive, estudos que sugerem que eles podem fortalecer a defesa do corpo contra outras infecções além daquela para a qual o composto foi desenvolvido. Ela também lembra que não há registro na literatura médica de que as vacinas possam provocar câncer.

Procurado, o médico não respondeu até a publicação deste texto. O Comprova considerou o conteúdo enganoso porque Cole usa dados que induzem a uma interpretação errada – de que as vacinas são prejudiciais, como mostram alguns comentários da publicação. Uma pessoa escreve, por exemplo, ter esperança de que a campanha de imunização seja cancelada para menores de 30 anos no Brasil; outra, conta que não vai se vacinar.

**Verificação:** Ryan Cole é um dermatologista norte-americano especializado em patologia. Atua como CEO do laboratório Cole Diagnostics, focado em serviços de laboratório clínico e patologias. Cole integra a Associação de Médicos Independentes do estado de Idaho, grupo formado em 2013 por profissionais que possuem suas próprias práticas médicas, com “liberdade de diagnosticar e tratar sem sobrecarga de interesses potencialmente conflitantes”, segundo define o site da organização. Cole já havia questionado a eficácia e segurança das vacinas contra a covid-19. Suas declarações foram checadas e desmentidas pela FactCheck.Org.

Fonte: Vacinas [...] (2021).

Ao dizer que, “na sociedade da informação (...) o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções”, Maffesoli (2003, p.15), citado no capítulo 3, e chamar isso de “grau zero da informação”, está a dizer que muitas das informações são percebidas e apreendidas por receptores e recepções que deseja, na verdade, serem contemplados e reconhecerem-se nelas. Vale dizer, segundo a teoria sobre pós-verdade, que o que une e liga determinadas recepções às informações é o que estiver “colado” às suas crenças. Isso é importante para entender os pontos conflitantes da mediação cultural, como vimos realçando nesta pesquisa. Chamamos de conflitantes as informações inverídicas, fraudulentas ou imprecisas que, culturalmente, para determinados públicos, são mediações culturais, posto que se vinculam a entendimentos não necessariamente preocupados com a verdade informacional, mas com suas crenças. Houve uma mediação às avessas. Melhor seria dizer, conflitante com a mediação agregada à verdade e a valores éticos, como os exigidos pelo jornalismo e foco das checagens de notícias e de informações, como as que analisamos neste capítulo.

Estar bem informado, mostrar isso para seus pares, confirmar sentimentos e crenças – a partir de mensagens que parecem ser verdadeiras, como vídeos de médicos ou mesmo o presidente da república falando sobre os perigos da vacina -, e ainda convencer um grupo de pessoas a concordar sobre um fato é o motor dessa engenharia da desinformação. Uma busca por provar que o que se pensa/acredita está correto e ainda convencer mais gente a pensar igual.

De modo análogo, Caune (2014) asseverou no capítulo 3 que o impacto das tecnologias da comunicação – e acrescentamos, da informação – tanto transformaram as práticas sociais, como a processos mediacionais para entender o mundo. A distribuição e consumo de informação traz novos comportamentos informacionais e eles estabelecem

mediações – culturais e infocomunicacionais – que precisam ser inteligíveis quanto às escolhas que se dão nos atos complexos de uso e apropriação da informação. Estes podem tanto escolher informações íntegras quanto aquelas fraudulentas, o que põe as práticas culturais em xeque e no grau mais alto do poder que as mediações têm de escolha e de exclusão; dos conflitos que essas mediações causam; das necessidades de leitura dessas mediações para tomadas de decisão mediacionais mais claras, como a mediação da informação conceitual e teoricamente definidas no capítulo 3, sobre as mediações, e no capítulo 4, sobre a Ciência da Informação e seus fluxos.

A partir dessa interação intensa pelas redes sociais, novas relações vão se formando. Podemos identificar mudanças na cultura, na comunicação, na sociedade, nas mídias (Hepp; Hasebrink, 2015). Uma nova forma de interação mediada pela tecnologia que extrapola o mundo virtual e influencia a realidade de cada um. Estar bem informado e pertencer a um grupo social são valores valiosos na sociedade. Desde sempre. Não é algo que existe por conta das tecnologias da informação. Mas a interatividade proporcionada pelas redes sociais acentuou ainda mais essa necessidade humana. A informação como cimento social, como defende Maffesoli (2003).

Quando essa necessidade de se mostrar informado está aliada a fatos curiosos, por exemplo, há também uma grande repercussão do fato. Tal como a informação publicada no Instagram e no Twitter por um médico, que sugeria o uso da cúrcuma para a prevenção da covid. A planta já é usada pela indústria farmacêutica como fitoterápico, principalmente como anti-inflamatório. Mas não há comprovação de seu uso para prevenção ou tratamento da covid. Em setembro de 2021, a checagem das informações foi feita porque a postagem do médico chegou a ter 6,5 mil interações. O conteúdo é enganoso por não haver nada que comprove a informação em relação ao benefício. Como o fitoterápico é usado pela indústria farmacêutica, há ainda a expectativa de que experimentos sejam feitos para a comprovação ou não de sua atuação contra a covid-19.

#### Quadro 12 - Cúrcuma

##### **CÚRCUMA**

**Enganoso:** Apesar de ser uma planta fitoterápica reconhecida pela Anvisa e usada no tratamento de algumas enfermidades, ainda não há estudos que comprovem que a cúrcuma pode ser usada para combater a covid-19.

**Conteúdo verificado:** Texto publicado no Instagram e no Twitter, no qual um médico indica que as pessoas comprem a cúrcuma em lojas de produtos naturais para ajudar a combater a covid, pois, de acordo com ele, já existiriam vários estudos a respeito disso. Ele ainda afirma que a planta tem potencial anti-inflamatório e “fator protetor”. Por fim, o médico indica a ingestão de 1,5 g todo dia.

Ao contrário do que afirma um médico no Instagram e no Twitter, não há estudos que comprovem que a cúrcuma, uma planta originária do sudeste da Ásia, possa ajudar a combater o coronavírus. A cúrcuma (*Curcuma longa* L) é reconhecida como fitoterápica pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e é utilizada tradicionalmente para combater algumas enfermidades, mas as pesquisas com a planta para casos de covid-19 ainda estão nas fases iniciais.

Além disso, até o momento, não há nenhum medicamento ou produto, com indicação das autoridades sanitárias, que possa ser usado no chamado “tratamento precoce”. O médico responsável pelas postagens foi procurado pelo Comprova por e-mail, porém não deu retorno. As postagens que ele fez sobre a cúrcuma já não estão mais disponíveis nos perfis do Instagram e do Twitter.

**Verificação:** Maria Angélica Fiut, nutricionista, fitoterapeuta e presidente da ABFIT, afirma que a cúrcuma tem uso medicamentoso e apresenta potencial anti-inflamatório. “Ela acaba trabalhando nos marcadores inflamatórios que temos no corpo, reduzindo o processo inflamatório. Tem medicamento, inclusive, pronto da indústria, que é de cúrcuma, como o Motore (da Aché).” O professor Cristiano Augusto Ballus, do Departamento de Tecnologia e Ciência dos Alimentos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pontua que há diversas publicações indicando benefícios da cúrcuma – sobretudo de um de seus compostos, a curcumina – porém carecem de mais estudos antes de apontá-la como benéfica para a covid.

Na postagem verificada, o autor sugere o uso de cúrcuma para o combate à covid-19, embora, até o momento, não haja nenhum medicamento ou produto, com indicação das autoridades sanitárias, que possa ser usado no chamado “tratamento precoce”. Ao

contrário, o Comprova já registrou, em mais de uma publicação, que em relação a algumas substâncias, inclusive, a ineficácia foi confirmada.

Fonte: Estudos [...] (2021).

A notícia é a base do jornalismo, que possui ferramentas para a construção de sua matéria prima: investigação, apuração, entrevista e análise de dados. E as checagens de notícias usam de todos os recursos do jornalismo para levar uma notícia ao cidadão. Na seção 2.2, destacou-se os critérios de noticiabilidade definidos a partir dos valores-notícias como uma forma de escolha sobre o que será publicado. No arcabouço das checagens de notícia há um critério decisivo para a escolha do que será checado: o quanto aquele material proposto viralizou na Internet. Isso porque não vale a pena lançar luz sobre uma mentira que não teve grande repercussão. A ideia é sempre atingir o maior público possível.

Em checagem publicada em fevereiro de 2021, por exemplo, um vídeo de uma entrevista com o presidente da Anvisa é editado de forma que a informação sobre o que ele está tratando em uma entrevista de televisão seja tirada de contexto. O vídeo manipulado faz parecer que Antônio Barra Torres está falando sobre um risco sanitário grave relacionado à vacinação. Na verdade, a fala é sobre a Medida Provisória que teve incluída em seu texto a redução do tempo de análise da agência para liberação de vacinas contra a covid-19. A explicação sobre a decisão de fazer uma checagem sobre o assunto é exposta no fim da matéria: “Apesar de o vídeo verificado ter sido postado por um perfil com menos de 2 mil seguidores, ele foi visualizado 24,8 mil vezes. Dessa forma, por se tratar de um conteúdo importante, ligado diretamente à confiança das pessoas em relação às vacinas contra a covid-19 e por conta da grande repercussão, a verificação se torna fundamental”. E ainda destaca: “Falso, para o Comprova, é o conteúdo que tenha sofrido edições para mudar o seu significado original e divulgado de modo deliberado para espalhar uma mentira”.

### Quadro 13 - ANVISA

**Falso:** Em vídeo postado no Twitter, Antônio Barra Torres aparece dizendo que a população “corre risco sanitário grave”, mas as imagens foram editadas para fazer parecer que ele se referia às vacinas já aprovadas.

**Conteúdo verificado:** vídeo publicado no Twitter, em que o presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), Antônio Barra Torres, aparece dizendo que a vacina contra a covid-19 não é segura e que a população está correndo um “risco sanitário grave”. É falso o conteúdo de um post publicado no Twitter segundo o qual a população brasileira “corre risco grave ao tomar a vacina” contra covid-19. O tuíte traz uma informação inverídica e, para embasá-la, utiliza-se de um vídeo manipulado de uma entrevista de Antônio Barra Torres, presidente da Anvisa. As vacinas aprovadas pela Anvisa são seguras e eficazes para lidar com a pandemia.

O Comprova concluiu que o vídeo postado no Twitter foi editado e retirado do contexto. O conteúdo faz parte de uma entrevista concedida à emissora CNN Brasil, em 10 de fevereiro de 2021. No vídeo, Barra Torres aparece dizendo que a população “corre risco sanitário grave”, mas as imagens foram montadas de tal modo a fazer parecer que ele se referia às vacinas. Na realidade, o presidente da Anvisa estava, naquele trecho, descrevendo sua preocupação em relação a um artigo incluído à Medida Provisória (MP) 1.003/2020, que reduz a autonomia da Anvisa sobre a análise e aprovação de novas vacinas. O vídeo foi organizado de maneira que a real motivação das falas fosse ocultada.

**Verificação:** O vídeo verificado inicia com uma fala do presidente da Anvisa, afirmando que, se a MP for aprovada com o texto atual, a agência não fará mais a análise dos pedidos de aprovação de vacinas, mas irá apenas conceder a liberação, deixando assim de exercer o seu papel técnico. O Comprova verificou que a primeira parte da entrevista, concedida em 10 de fevereiro de 2021 para a CNN, foi excluída da versão publicada no Twitter, o que pode comprometer o entendimento sobre o conteúdo originalmente apresentado.

Fonte: Vídeo [...] (2021).

Uma característica importante do jornalismo e que é realçada na produção de matérias definidas como checagem de notícias é a transparência. Há uma sequência de informações nas reportagens que mostram como cada dado foi apurado pelos jornalistas envolvidos na investigação. A clareza é uma forma de levar credibilidade ao leitor. Há uma seção em cada matéria que diz o passo a passo da investigação. Na matéria “É falso que órfãos da Polônia

são usados em experimentos de vacina da Pfizer e Moderna”, os autores informam que as empresas farmacêuticas foram contatadas para explicar sobre a afirmação viralizada, foi feita uma pesquisa sobre quem é Grzegorz Braun - o político citado na postagem; a reportagem também pesquisou em checagens anteriores sobre publicações feitas por Michelin - responsável pela publicação do texto falso. Além disso, o governo polonês foi procurado e um infectologista foi entrevistado sobre o uso de engenharia genética para a produção de vacina. Cada detalhe da investigação é demonstrado para o leitor. Quanto mais claro está o percurso da investigação, menos dúvidas podem ser suscitadas sobre o fato. A matéria ainda termina com um aviso: “O Comprova fez esta verificação baseado em informações científicas e dados oficiais sobre o novo coronavírus e a covid-19 disponíveis no dia 29 de outubro de 2021”.

#### Quadro 14 - Órfãos

**Falso:** São falsas as afirmações compartilhadas por uma apresentadora brasileira que vive nos Estados Unidos sobre médicos poloneses terem denunciado a utilização de bebês órfãos em experimentos ilegais de “vacinas de engenharia genética” contra a covid-19, desenvolvidas pela Pfizer e Moderna. A partir de mentiras, a publicação nociva induz a população a evitar os imunizantes, ainda que os insumos sejam comprovadamente eficazes e seguros, de acordo com órgãos nacionais e internacionais de vigilância em saúde.

**Conteúdo verificado:** Texto que circula nas redes sociais diz que médicos poloneses denunciaram supostos “experimentos ilegais realizados com bebês órfãos na Polônia, Espanha, Finlândia e Estados Unidos”. Os experimentos, diz o texto, visam “testar suas novas vacinas de engenharia genética”. A autora da postagem é Karina Michelin, já verificada em checagens anteriores do Comprova, e na publicação verificada utiliza argumentos sem comprovação, desmentidos pelo Ministério da Saúde polonês e pela fabricante dos imunizantes.

Procurada pelo Comprova, a primeira conselheira de Missão da Embaixada da República da Polônia em Brasília, Renata Siuda-Ambroziak, afirmou que todos os estudos sobre o imunizante contra o coronavírus obtiveram autorização legal exigida pelas entidades de saúde e ética locais.

**Verificação:** A equipe do Comprova contactou o Ministério da Saúde da Polônia, e também a Embaixada da Polônia em Brasília. Nos dois casos, enviamos o link do post do político Grzegorz Braun sobre a pesquisa realizada no país com crianças, e também o da postagem de Karina Michelin. Em resposta, Renata Siuda-Ambroziak, primeira conselheira/vice-chefe da Missão da Embaixada da República da Polônia em Brasília confirmou que um ensaio clínico patrocinado pela BioNTech com a vacina Comirnaty está em andamento no país e que todos os protocolos legais foram cumpridos.

Quanto ao procedimento adotado para as pesquisas com crianças, a chefe da Missão explica que, os regulamentos poloneses preveem a necessidade de consentimento do representante legal da criança menor de 13 anos.

Fonte: É falso [...] (2021c).

Em todas as matérias publicadas pelo Projeto Comprova, além do destaque sobre a informação - se é enganosa, falsa ou comprovada, há o percurso da investigação detalhada. Mostrando quem foram as pessoas entrevistadas e quais informações podem ser relacionadas ao material que viralizou, seja para justificá-lo seja para mostrar que o material viral está errado ou que induz ao erro. Na matéria “Morte de adolescente não tem relação causal com vacina da Pfizer, ao contrário do que sugere tuíte”, o Projeto Comprova explica: “Em sua quarta fase, o Comprova verifica conteúdos suspeitos sobre pandemia, políticas públicas do governo federal e eleições. O tuíte verificado aqui teve mais de 8 mil interações. Conteúdos que tentam desacreditar as vacinas ou minimizar os riscos da pandemia são perigosos porque podem levar a população a colocar a saúde em risco”. No detalhamento da reportagem, há detalhes sobre as interações no post viralizado e como a informação sobre a morte relacionada à vacina prejudica a política de vacinação no País por levantar uma suposição falsa ao fato.

#### **Quadro 15 - Adolescente**

**Enganoso:** Tuíte engana ao sugerir que a vacina da Pfizer teria sido a causa da morte de uma adolescente de 16 anos. No dia em que o post foi publicado, o caso era considerado suspeito e estava sendo investigado, ou seja, não tinha nenhuma confirmação. Um dia depois, o governo de São Paulo afirmou que não há como atribuir relação causal entre a Púrpura Trombótica Trombocitopênica (PTT) – doença preexistente detectada na garota – e a vacina. Além disso, foi concluído que a

paciente não apresentou qualquer doença cardiológica, como dito na sequência do tuíte.

**Conteúdo verificado:** Tuíte fala sobre a morte de uma adolescente e traz imagens dela com o cartão de vacinação: “Essas fotos são da última semana de sua vida feliz”. Além disso, a mesma pessoa fez outros dois tuítes, com imagens de comentários feitos por uma página no Instagram, que sugerem que a vacina foi a causa da morte, mas ao mesmo tempo falam em infarto, anemia e choque cardiogênico. É enganoso um tuíte que sugere que a causa da morte de uma adolescente de 16 anos, de São Bernardo do Campo (SP), foi a vacina contra a covid-19 da farmacêutica Pfizer. Comentários no post, em sua maioria criticando os imunizantes, mostram que os usuários também interpretaram que a vacina foi a responsável pelo falecimento.

No dia da publicação, uma nota da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já dizia que os dados sobre a morte da garota ainda eram preliminares e necessitavam “de aprofundamento para confirmar ou descartar a relação causal com a vacina”. Dessa forma, o caso ainda estava sendo investigado. No dia seguinte, o governo de São Paulo descartou a possibilidade e concluiu que não havia como atribuir relação causal entre a Púrpura Trombótica Trombocitopênica (PTT) – doença preexistente detectada na garota – e a vacina. Além disso, um grupo de especialistas do governo concluiu que a paciente não apresentou qualquer doença cardiológica, como dito no tuíte. Procurada, a autora do post apenas disse, por mensagem, que “a família (da jovem) está tomando as providências necessárias para os fatos serem devidamente esclarecidos”.

**Verificação:** A autora do post verificado sugere que a causa da morte da adolescente foi a vacina. Na publicação, é possível notar inúmeros comentários negativos sobre os imunizantes, como: “Meu filho tem 6 anos, vai para igreja, supermercado e escola. Nunca perdeu um dia de aula e não será vacinado. Não matarei meu filho com uma picada”. No dia em que o post foi publicado, 16 de setembro, havia apenas a suspeita de que a morte poderia estar relacionada com a vacina da Pfizer, sem nenhuma comprovação. A Anvisa disse em nota, na mesma data, que “os dados recebidos ainda são preliminares e necessitam de aprofundamento para confirmar ou descartar a

relação causal com a vacina”. Dessa forma, o conteúdo aqui verificado já era enganoso por levar à interpretação de que a morte teria sido pela vacina quando, na verdade, nada estava confirmado.

Um dia depois, 17 de setembro, um comunicado divulgado pelo governo de São Paulo trazia a conclusão de que a morte da adolescente não foi causada pela vacina. O diagnóstico apontou que a causa do óbito, sete dias após a jovem ser imunizada, foi uma doença autoimune, grave e rara, conhecida como Púrpura Trombótica Trombocitopênica. Segundo o infectologista pediátrico André Ricardo Araújo da Silva, a PTT é uma condição que ocorre normalmente na infância, podendo se manifestar na adolescência, em que o organismo apresenta uma queda de plaquetas, um dos componentes do sangue envolvido na coagulação. De acordo com o especialista, a doença é a forma mais comum de queda de plaquetas e, na grande maioria dos casos, é um fenômeno benigno, permitindo que a pessoa se recupere bem. Mas existem alguns casos que, mesmo com tratamento, não evoluem de forma satisfatória.

Fonte: Morte [...] (2021).

As postagens virais em vídeo ainda são mais necessárias de serem explicadas, por causa da veracidade que o vídeo traz. Muitas vezes, não dá para notar que a fala de alguém está manipulada ou fora de contexto. Além disso, a exposição de um médico ou autoridade política ou da saúde em vídeo gera uma sensação maior de credibilidade. A partir de um vídeo de um médico falando sobre prejuízo no sistema imunológico das pessoas após a aplicação de vacinas, o Projeto Comprova detalhou cada fala do profissional e demonstrou que as suposições não tinham comprovação científica. A matéria, publicada em agosto de 2021, informou que o motivo de ter sido feita a checagem foi pela postagem verificada ter alcançado, até a data da investigação jornalística, mais de 10 mil visualizações no Twitter. Além disso, agências de checagem estrangeiras informaram que o mesmo discurso enganoso do médico Dan Stock chegou, à época, a atingir “milhões de usuários em outros países”.

#### **Quadro 16 – Sistema imunológico**

**Enganoso:** O discurso do médico Dan Stock, propagado em publicação viral no Twitter, é enganoso ao associar vacinas ao aumento nos números de casos de covid-19

nos Estados Unidos. Ele sugere que os imunizantes provocam uma exacerbação da doença, mas não há evidências de que as vacinas estejam associadas ao fenômeno citado pelo médico. Stock também engana ao citar que máscaras são ineficazes para o controle da pandemia e ao recomendar um tratamento sem benefícios comprovados pela ciência. Em um compilado de documentos usados como evidências para sustentar sua afirmação, o médico lista estudos retratados, inconclusivos ou com conclusões que não corroboram com o seu discurso.

**Conteúdo verificado:** O vídeo mostra um discurso do médico americano Dan Stock em audiência a um conselho escolar, em Fortville, Indiana, nos Estados Unidos. Ele afirma que vacinas de covid confundem o sistema imunológico e fazem o organismo combater o vírus de uma maneira inadequada. O médico sugere que a vacinação pode provocar um fenômeno que exacerba a doença e associa os imunizantes ao recente aumento no número de infecções diárias no país. Stock ainda sugere que máscaras são inúteis para controlar a pandemia e que a vacina não oferece benefícios a pacientes recuperados da covid. Uma postagem que divulga o discurso do médico foi compartilhada mais de 10 mil vezes no Twitter. A plataforma adicionou um aviso ao conteúdo para alertar que o material é enganoso.

No vídeo, Stock cita um fenômeno conhecido, em inglês, como Antibody-Dependent Enhancement (ADE) que, segundo ele, agravaria casos de covid entre vacinados e poderia estar relacionado ao surto recente de casos da doença nos Estados Unidos. O país aplica os imunizantes da Pfizer/BioNtech (Comirnaty), Moderna e Janssen. Não há evidências, entretanto, que essa condição esteja associada com a doença, tampouco com as vacinas. O médico ainda tira de contexto um estudo do Centro de Prevenção e Controle de Doenças Infecciosas (CDC) dos Estados Unidos que aponta a incidência de sintomas de covid em pessoas vacinadas em Barnstable, Massachusetts. O próprio estudo afirma que a pesquisa não deve sustentar conclusões sobre a efetividade das vacinas.

O vídeo também espalha desinformação ao sugerir que máscaras faciais são ineficazes para coibir a transmissão do novo coronavírus. As melhores evidências científicas indicam que a proteção é essencial para diminuir a exposição à doença. Por

fim, Stock faz propaganda de um tratamento sem comprovação científica. O Comprova considera enganosas as publicações cujos conteúdos confundem ou usam dados imprecisos, como faz Stock ao distorcer informações de estudos para atacar vacinas.

**Verificação:** Ao contrário do que sugere Stock, não há evidências de que vacinas de covid-19 favorecem uma exacerbação da doença mediada por anticorpos. Essa condição, mais conhecida na língua inglesa como Antibody-Dependent Enhancement, descreve um fenômeno em que anticorpos gerados anteriormente por uma infecção natural ou induzidos por vacinas não conseguem neutralizar o vírus em uma nova infecção, e podem facilitar o ataque do patógeno às células do hospedeiro.

Outra evidência que torna a hipótese improvável é que experimentos com tratamentos baseados em plasma convalescente (com anticorpos contra covid-19) não provocaram exacerbação da doença em voluntários. Até o momento, as evidências da vacinação no ‘mundo real’ mostram que os imunizantes são eficazes em prevenir formas graves da doença. Cerca de 99% das mortes e hospitalizações por covid-19, nos Estados Unidos, ocorrem em pessoas não imunizadas. Vale ressaltar que o compilado de evidências citado por Stock não contém nenhum estudo que prove a ocorrência de exacerbação de covid mediada por anticorpos. Uma das pesquisas analisou casos de covid em profissionais de saúde vacinados e apontou que a maioria teve sintomas leves ou quadros assintomáticos.

Fonte: Médico [...] (2021).

No âmbito das relações de poder da comunicação de que nos falou Foucault (1995), há também espaços para outras formas de conflitos que a mediação da informação é capaz de resolver. O “agir sobre os outros” de que a comunicação é capaz é visto também nas notícias e informações de natureza ideológica e/ou política. Como disse o autor, “a produção e circulação de elementos significantes” têm por consequência efeitos de poder”. É o que acontece quando – nos contextos de pós-verdade – informações fraudulentas, como as que aconteceram largamente no período da pandemia de COVID-19, legitimam posturas obscurantistas, negacionistas e afins a serviço de exercício de poder sobre segmentos de

peessoas afeitas a processos de desinformação. Assim acontecendo, entram as mediações, como as demonstradas nesta dissertação, nas checagens do Projeto Comprova.

Quando é uma autoridade de um país divulgando uma informação há ainda mais necessidade de se fazer uma checagem pela influência que tem em relação à população, principalmente quando o assunto é relacionado à saúde em uma pandemia. Em junho de 2021, o presidente Jair Bolsonaro divulgou que o Brasil era o quarto país do mundo em vacinação da população. A fala distorcia os fatos reais, já que o Brasil era, naquele momento, o sexto país mais populoso do mundo e a referência em vacinação teria de ser em porcentagem, para relacionar com a população. Na ocasião, o Brasil estava na 77<sup>a</sup> colocação em relação a aplicação da primeira dose e em 83<sup>o</sup> na aplicação da segunda dose da vacina. Situação muito diferente do quarto lugar que o presidente destacou.

A explicação do Projeto Comprova sobre a decisão de fazer a verificação sobre a informação divulgada pelo presidente é clara: “Não é a primeira vez que o presidente Jair Bolsonaro menciona a quantidade total de vacinas aplicadas sem um recorte da proporção da população que realmente foi vacinada”. Uma forma de mediação explícita. Além disso, a reportagem explica que a mensagem publicada pelo presidente no Twitter já contava com mais de 8,6 mil interações e, no Facebook, 117 mil, em junho de 2021. A reportagem conclui: “O contexto epidemiológico do país justifica que a situação vacinal seja devidamente explicada, já que mais de 4 milhões de brasileiros não retornaram aos postos de saúde para tomar a segunda dose da vacina e há registros de atrasos e lentidão nas filas”. Essa explicação detalha os motivos escolhidos para que fosse feita a checagem. Uma comunicação direta com o leitor. Mediação explícita e pedagógica da informação.

#### Quadro 17 - Bolsonaro

**Enganoso:** Jair Bolsonaro afirmou no Twitter que o país é o 4<sup>o</sup> que mais vacina no mundo. O ranking de vacinas usado pelo presidente desconsidera, no entanto, o tamanho da população. E se baseia apenas na quantidade total de doses aplicadas, sem diferenciar primeira e segunda doses, e não apresenta a proporção da população que foi imunizada.

**Conteúdo verificado:** Publicação do presidente Jair Bolsonaro nas redes sociais afirma de forma distorcida que o Brasil é o 4<sup>o</sup> país que mais vacina no mundo. O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) distorceu a posição do Brasil no ranking de

vacinação mundial ao dizer, em redes sociais, que o país é o 4º que mais imuniza no mundo. O dado utiliza um ranking do painel Our World In Data, da Universidade de Oxford, que apresenta a quantidade total de vacinas aplicadas, mas sem diferenciar primeira e segunda doses ou indicar qual a proporção da população que foi imunizada.

O critério de total de vacinas é problemático porque a maioria das vacinas necessita de duas doses para garantir a imunização. Além disso, o recorte percentual também é necessário, já que a maioria dos modelos epidemiológicos considera a imunidade coletiva após imunização de ao menos 70% da população. O Brasil é o sexto país mais populoso do mundo e apenas números brutos não indicam o alcance que a vacinação representa no território. Quando se trata da população vacinada em termos percentuais, o mesmo painel apontava, na sexta-feira (11/06/2021), o Brasil em 77º na aplicação da primeira dose e em 83º na aplicação da segunda. O presidente já utilizou os números absolutos de vacinação em outras ocasiões, conforme checagens feitas pelo Aos Fatos e pelo UOL Confere.

**Verificação:** Segundo o painel de vacinação do Ministério da Saúde, até a tarde de sexta-feira (11/06/2021) foram distribuídas 109.294.468 doses às unidades federativas, das quais 102.698.464 foram efetivamente entregues aos municípios. No entanto, foram aplicadas 75.890.097 doses (sendo 52.429.219 relativas à primeira dose e 23.460.878 à segunda dose). No Programa Nacional de Imunização (PNI), o governo federal encaminha as doses aos estados, que cuidam da distribuição às cidades. Cabe aos municípios gerenciar a aplicação das doses na população (mediação pedagógica).

O painel Our World In Data, abastecido pela Universidade de Oxford, da Inglaterra, aponta o Brasil como o 4º lugar no ranking de total de vacinas aplicadas, sem diferenciar primeira e segunda doses (75,8 milhões de doses). O país está atrás de China (845,3 milhões), EUA (305,6 milhões) e Índia (240,2 milhões) e à frente de Reino Unido (69,7 milhões), Alemanha (59 milhões) e França (42,5 milhões).

O cálculo não considera o tamanho das populações. Com mais de 212 milhões de habitantes, o Brasil é o sexto país mais populoso do mundo; à frente estão China (1,4 bilhão), Índia (1,3 bilhão), Estados Unidos (331 milhões), Indonésia (273,5 milhões) e Paquistão (220,8 milhões). Se observado o ranking que mostra a proporção da população que foi vacinada com pelo menos uma dose, contudo, o Brasil aparece apenas em 77º lugar, com 24,7%. Já no ranking que mostra o percentual da população que recebeu a segunda dose, o Brasil é o 83º, com 11%. As duas listas incluem países e territórios, mas não contemplam dados da China, que não divulga a diferença de aplicações entre primeira e segunda doses.

Os cálculos da proporção de doses aplicadas a cada 100 mil habitantes (sem diferenciar primeira e segunda doses) mostram o Brasil em 9º (com média de 35 mil) num levantamento feito entre os 30 países mais populosos do mundo, atrás de nações como Reino Unido (102 mil), EUA (92 mil), Alemanha (70 mil) e Espanha (67 mil). Em relação às primeiras doses aplicadas a cada 100 mil habitantes, o Brasil fica em 8º (24 mil) e, nas segundas doses, 9º (11 mil).

Fonte: Ranking [...] (2021).

Como se percebe nas checagens acima demonstradas, não havendo a mediação de que falamos sobre as checagens, permaneceria sem interlocução desejável a “ação de alguns sobre os outros”, como nos disse Foucault. No caso, uma ação que, no contexto democrático, onde as informações precisam ser éticas, não poderia figurar sem as mediações da informação de que vimos falando aqui em alguns dos contextos em que ela pode atuar e verdadeiramente mediar.

Para finalizar essa análise das reportagens feitas a partir de checagens de informação, trago uma das quatro matérias produzidas em 2021 e que foram comprovadas como verdadeiras. Publicada em maio de 2021, a matéria destaca que era verdadeiro o comboio que levava alimentos para a cidade paulista de Araraquara. O vídeo foi publicado por Bolsonaro na época. A justificativa para a realização da checagem foi que o projeto dá “prioridade a conteúdos que estejam sendo amplamente compartilhados ou que possam causar dano à saúde ou à vida das pessoas”. E reforça que o presidente tem forte presença nas redes sociais e amplo alcance em relação ao número de pessoas. “O vídeo do comboio com destino a Araraquara foi visto ao menos 169 mil vezes no YouTube. Já no Twitter recebeu 38,8 mil

reações até a publicação deste texto (em maio de 2021). Tanto no começo como no fim do texto, o Comprova explica que a etiqueta “comprovado” se refere a um “conteúdo original publicado sem edição e que mostre um fato ou evento que tenha sido confirmado”.

#### **Quadro 18** – Doação de alimentos

**Comprovado:** É verdadeiro o vídeo publicado nas redes sociais do presidente Jair Bolsonaro, que mostra um comboio levando alimentos para serem doados a populações carentes da cidade de Araraquara, no interior paulista. A ajuda foi enviada pela Ceagesp, cujo diretor-presidente foi nomeado por Bolsonaro. O prefeito da cidade, nas redes sociais, chamou a ação de “elogiável”, mas criticou o que considerou ser oportunismo político em sua realização.

**Conteúdo verificado:** Vídeo mostra um comboio de veículos da Polícia Militar de São Paulo e caminhões do Exército brasileiro. A legenda diz que se trata de comboio saindo da Ceagesp, na capital, levando alimentos para a cidade de Araraquara, no interior. É verdadeiro que um vídeo publicado nas redes sociais do presidente Jair Bolsonaro mostre um comboio levando alimentos para serem doados a populações carentes da cidade de Araraquara, no interior paulista. A cidade de Araraquara se destacou por ser a primeira cidade paulista com mais de 100 mil habitantes a proibir a circulação de veículos e pessoas ao longo do dia, a não ser em casos excepcionais. O lockdown rígido durou 10 dias e foi adotado após um aumento expressivo no número de mortes e casos causados pela circulação da variante de Manaus. Todos os estabelecimentos foram fechados, com exceção de unidades de saúde de urgência e emergência. Supermercados só podiam funcionar no modo delivery.

Na postagem checada pelo Comprova, o presidente Jair Bolsonaro escreveu que os alimentos iriam para “aqueles que perderam renda vitimados pela política do ‘fique em casa que a economia a gente vê depois’”, fazendo referência às medidas de fechamento da economia como forma de isolamento social. Bolsonaro é contra qualquer medida de restrição nesse sentido, embora seja comprovado que elas impedem que a pandemia saia de controle ao cortar a cadeia de transmissão do vírus.

Nas redes sociais, o prefeito de Araraquara, Edinho Silva (PT), chamou a ação de “elogiável”, mas criticou o que considerou ser oportunismo político em sua

realização. Ele disse que a prefeitura e as entidades da cidade já prestam o apoio necessário e que “isso é feito todos os dias, não só num dia para criar imagem, viralizar imagem”.

**Verificação:** Em nota publicada em seu site, a Ceagesp anuncia o comboio como uma “ação social” que visa ajudar cidades prejudicadas pela pandemia. No Twitter da companhia, é possível ver que ações semelhantes já destinaram mantimentos para as cidades de Potim e Roseira, no interior paulista, para dois hospitais da capital e para uma tribo indígena na região metropolitana de São Paulo. Esta última também foi elogiada por Bolsonaro no Twitter.

A ação para beneficiar Araraquara foi realizada em 29 de abril. Os alimentos foram doados pelos comerciantes do entreposto da capital e de unidades do interior, mas também por quaisquer pessoas físicas ou empresas que desejaram participar. Foram colhidas 100 toneladas de frutas, verduras, legumes e cestas básicas, de acordo com o próprio diretor-presidente Ricardo Mello Araújo. É possível ver fotos e vídeos do comboio de caminhões do Exército levando os alimentos no Twitter oficial do Comando Militar do Sudeste (CMSE). Ele saiu do entreposto na capital às 3h30min.

É possível ver imagens da ação nas redes sociais. Em um dos vídeos, uma mulher que seria uma das beneficiadas agradece e diz que “esse alimento vem em um momento de muita necessidade. É a hora mais certa do que nunca para ajudar a gente”. Embora a pandemia tenha atingido desproporcionalmente as populações mais vulneráveis e os trabalhadores informais, a região de Araraquara conhece os problemas da vulnerabilidade social há muito tempo antes da pandemia. O Comprova encontrou uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, de 1999, que dizia que 6,77% da população vivia em situação de indigência. Já o portal G1 noticiou que em 2013, 0,6% da população vivia em situação de miséria (mediação explícita).

Fonte: É Verdadeiro [...] (2021).

É crucial entender que a checagem funciona como a comprovação de uma informação ao leitor, seja informando o que é certo, seja detalhando porque é errada aquela informação. Neste contexto, entende-se que os estudos da Ciência da Informação nos trazem embasamento

para identificarmos as mudanças que as novas tecnologias trouxeram para o ambiente informacional. Isso porque a CI trabalha com o fluxo e não com algo estático. E é a partir dessa compreensão, que passamos a ver as mudanças nas ações dos sujeitos, que deixam de ser meros receptores de informação e passam a produzir conteúdo. E não só. Como explanado no capítulo 4, há uma transformação na construção da cultura. Araújo (2018a) destaca que a informação deve ser pensada como uma construção da realidade, um fluxo intenso entre as partes, algo que “produz efeitos” (Araújo, 2018a, p. 42).

Efeitos esses que podem ser identificados nos processos de checagem de notícias realizados pelo Projeto Comprova. Por isso, o desafio escolhido consiste em trazer a mediação como conceito basilar para a ação realizada atualmente nas checagens de notícias. Lembrando, como dito no capítulo 4, que mediação não é ponte entre as partes, mas sim um trânsito, um fluxo, um vai-e-vem intenso, um diálogo. Devemos, portanto, relacionar a mediação da informação realizada pelas checagens de notícias como uma forma de mudança, de construção cultural de uma nova realidade e não apenas um consumo de informações (Nunes; Cavalcante, 2017). E é justamente nesse sentido que a ação mediacional do Projeto Comprova estabelece novos procedimentos, incorrendo sobre as construções de sentido e na produção de informação e de conhecimento (Feitosa, 2016). Agora, com mais detalhes de transparência e deixando mais claro para o interlocutor todas as ações relacionadas com a apuração da notícia e cada percurso trilhado pela produção jornalística até a definição em relação a um fato: se verdadeiro, falso ou enganoso.

A partir desta análise dos posts publicados pelo Projeto Comprova em 2021 sobre assuntos relacionados à pandemia do novo coronavírus, é importante destacar que a produção jornalística é pautada em princípios como rigor, integridade e imparcialidade, independência, transparência e responsabilidade ética. O quadro de princípios do projeto (<https://projeto comprova.com.br/about>) é exposto na aba "sobre o Comprova" em destaque na página principal do site.

Toda a construção do texto das reportagens é baseada na transparência e na descrição detalhada de todas as etapas da apuração da checagem. Funcionam como uma mediação pedagógica e explícita da informação ao detalhar os caminhos percorridos para se chegar ao resultado final a partir de algo que já foi visto e compartilhado por milhares de pessoas (posts virais). Essa análise dos textos de checagem feita neste capítulo evidencia que a mediação da informação, conforme aferido pelas teorias, vêm contribuindo para a revisão mais apurada das notícias pelo jornalismo. Podemos dizer que é uma mediação também porque alerta o jornalista para uma nova prática jornalística. Uma nova forma de fazer jornalismo com o

intuito de evitar que uma notícia deixe dúvida. Ao observar as técnicas da mediação, essa ferramenta ajuda na apuração, aumentando o escopo da notícia, além de alertar que a objetividade pode trazer dúvida e a mediação pode ajudar nesse processo. Deixando sempre o texto mais claro, detalhado e sem espaço para teorias da conspiração ou suporte em crenças infundadas. A mediação informacional, identificada nessas análises podem ser definidas como culturais, que visam mudar a forma como o leitor identifica uma notícia e, a partir do detalhamento dela, a entende como verdadeira. E também vai além da notícia em si, fazendo com que o leitor busque textos mais detalhados e transparentes como os da checagem quando estiver em contato com notícias virais nas redes sociais. A mediação da informação realizada pelas checagens de notícias também tem um papel cultural de mudar a forma como o interlocutor recebe a informação, tendo uma visão mais crítica e questionadora sobre os assuntos.

A mediação, além de buscar mudar essa visão do interlocutor, o jornalismo também é alterado com essa nova ferramenta de checagem. Demonstra para o campo da comunicação e do jornalismo, mais especificamente, que há uma Ciência da Informação, onde a mediação da informação pode aguçar a visão dos profissionais que atuam na área. Nesse sentido, a mediação da informação se mostra importante tanto para o jornalista - produtor de conteúdo, quanto para a audiência - consumidor e produtor de conteúdo também, já que tanto lê e assiste o que viraliza, como compartilha posts e está diretamente relacionado com a viralização de uma informação.

Nessa perspectiva, é relevante demonstrar que a mediação da informação, tal qual abordada pelos autores da CI, é importante para o jornalismo, para o fio narrativo da notícia, para o leitor - já que cria uma nova cultura informacional pautada no cuidado, transparência e clareza que a mediação propõe. Porque mediar também é propor, negociar entendimentos, é dialogar, traduzir e ouvir o outro.

Toda a construção do texto das reportagens é baseada na transparência e na descrição detalhada de todas as etapas da apuração da checagem. Em tempos de pós-verdade e de desinformação, a transparência é uma das mais importantes ferramentas para que não reste dúvida em relação a um fato noticiado. O jornalismo cresce com essa nova postura e a sociedade ganha com a possibilidade de ter um instrumento para ser usado no combate às fake news. Portanto, é por isso que a escolha para essa dissertação de mestrado se norteou na mediação da informação, um instrumento importante da Ciência da Informação que está se mostrando crucial para a comunicação e, mais especificamente, para o jornalismo e o combate à desinformação em tempos de pós-verdade.



## 7 CONCLUSÕES

Minha vida profissional sempre foi atrelada ao jornalismo. Mesmo antes de me formar, no fim da década de 1990, já atuava como repórter no jornal O POVO, veículo mais antigo em atuação no mercado cearense com 95 anos de existência em 2023. Como repórter, participei do início da transformação do jornal impresso em veículo de comunicação na Internet, em 1997. E em toda a transformação vivenciada pelas redações com a chegada da Internet e, após a década de 2010, com as redes sociais também alterando a forma de distribuição das notícias. Em um momento, tínhamos apenas o papel, a rádio e a TV como plataformas de divulgação de notícias. Agora, temos as redes sociais como vitrines importantes dos veículos de comunicação e também concorrentes destes. Vivemos aquele clichê de ter de aprender a trocar o pneu do carro com o veículo andando.

É nesse cenário que eu me vi com mais de 20 anos de formada e com uma boa experiência em relação às transformações das empresas jornalísticas. Atuei como repórter e editora do impresso, editora e chefe de reportagem do portal O POVO Online, editora de convergência entre as mídias do Grupo de Comunicação O POVO - impresso, portal, rádio e TV. E, mais recentemente, como ombudsman do Grupo de Comunicação. Função que me deu um novo olhar sobre o jornalismo. Fazer crítica à produção jornalística e à mediação entre a audiência e os profissionais que desenvolviam todo o trabalho jornalístico, em 2021 e 2022, justamente no período de pandemia, me trouxe uma percepção diferente de tudo que eu já tinha visto no meu caminho como profissional da imprensa. Atualmente, sou editora da rádio O POVO CBN e participo dos programas da emissora, sempre com a missão de reverberar as mensagens dos ouvintes e pautar sugestões de matérias que eles nos enviam. Sempre com o pensamento de fluxo de informações entre audiência e Redação.

Voltar a estudar depois de 20 anos no mercado me fez pensar em como o meu dia a dia como profissional da comunicação precisa do aprofundamento que a academia nos traz e da pesquisa como motor das mudanças da realidade. Ser ombudsman exatamente no período do mestrado me fez ver que o jornalismo e a academia podem ser combinados para a construção de conhecimento para o mercado jornalístico e para a pesquisa acadêmica. Em tempos de pós-verdade, de indústria de desinformação e de redes sociais que são usadas para amplificar a mentira de forma bastante eficiente, é com o híbrido entre jornalismo, na prática, e pesquisa acadêmica, na Ciência da Informação, que consegui construir uma linha de pensamento e análise sobre esse tempo que estamos vivendo. Uma linha de pensamento que mostra como a mediação da informação feita pelos portais de checagem de notícias, ferramenta criada pelo

jornalismo, é uma forma de combatermos esse vírus, não o da COVID-19, que nos trouxe tantas reflexões sobre a vida e o modo de ser e de existir no mundo em um tempo de pandemia. Mas o da desinformação, que tem transformado a sociedade em um ambiente inóspito e perigoso.

Foi a partir deste caminhar, que essa dissertação foi desenvolvida. Uma confluência entre jornalismo e Ciência da Informação em tempos de pós-verdade. Uma conexão forte entre o conceito de mediação da informação, da CI, e as checagens de notícias, ferramentas construídas pelo jornalismo em tempos de pós-verdade. Uma relação que nos mostra que a interdisciplinaridade entre as áreas da Comunicação e da CI nos faz ir além. Nos faz construir conhecimento que beneficia toda a sociedade. E que deve incrementar também tanto o mercado da comunicação, quanto os estudos transdisciplinares da Ciência da Informação. E, em tempo de pós-verdade, quando as crenças são mais importantes que a verdade factual e a realidade, produzir conhecimento prático e teórico nunca é demais.

Nas análises feitas nas matérias selecionadas sobre a COVID-19 produzidas pelo Projeto Comprova em 2021, identificamos o fluxo de informação que começa a viralizar nas redes sociais e depois é investigado pela equipe de jornalistas. Nessa investigação, especialistas são entrevistados, muitas vezes até o autor do vídeo ou mesmo o personagem que aparece em vídeos ou áudios são contactados para explicar o pensamento divulgado. Esse fluxo também é detalhado para a audiência, que tem acesso a um vídeo completo e a informações detalhadas sobre um fato específico. Esse vai-e-vem de informação e apuração chega ao interlocutor - leitor ou espectador - de forma detalhada, exemplificada e transparente, para não ter espaço para dúvidas sobre que está sendo noticiado.

É justamente deste modo que percebemos o jornalismo de checagem utilizando o conceito de mediação da informação. Lembrando que a mediação da informação deve ir além do acesso à informação. É preciso ter um fluxo de informação entre as partes, um diálogo que, no jornalismo, é feito a partir do movimento da informação das redes sociais para os jornalistas que apuram os fatos e vice-versa, dos jornalistas para as fontes e os especialistas nos assuntos, dos jornalistas para os autores/personagens de áudios e vídeos e também para o poder público. Um fluxo intenso de informações até se chegar ao material final, publicado detalhando a forma como foi construída a informação inicial e como as mentiras (que podem ser edições de vídeo, falas retiradas de contexto etc...) são desmontadas a partir da apuração jornalística. O uso da mediação da informação na checagem de notícias para justamente superar essa questão tão grave que é a desinformação, uma informação construída com a intenção de enganar o interlocutor. Lembrando sempre que mediar é dialogar, ouvir o

interlocutor, discutir saídas e apresentar explicações. E, quando traz o resultado dessa apuração de forma clara e detalhada, própria do jornalismo de checagem, consegue aliar as funções da mediação da informação com o jornalismo para oferecer à sociedade a checagem de notícias como instrumento essencial para o combate às fake news.

No entanto, é crucial pensarmos que o caminho ainda é longo para ser percorrido nessa luta contra a desinformação. A produção de checagens de notícias tem cumprido um papel importante, mas ainda esbarramos na distribuição dessas notícias para o público. A indústria das notícias enganosas é muito mais eficiente em viralizar um conteúdo falso que os projetos de checagem são em distribuir as informações verdadeiras. A pós-verdade ainda faz as pessoas acreditarem mais no que desejam do que na realidade. E ainda temos um novo panorama cada vez mais real: a Inteligência Artificial (IA) construindo vídeos, áudios e informações falsas. É preciso apostar na educação midiática para escapar das armadilhas da desinformação.

Contudo, tanto a necessidade de uma distribuição eficiente das checagens de notícias, quanto os perigos das novas tecnologias da IA usadas para enganar as pessoas e a urgência de educação midiática ampla e irrestrita para o combate às fake news são assuntos caros para serem contemplados e expandidos em uma próxima pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAÚJO, C. A. A. Desafios para a compreensão do fenômeno e para o combate aos efeitos nocivos da desinformação. **Revista Justiça & Cidadania**, Rio de Janeiro, 17 out. 2022. Disponível em: <https://www.editorajc.com.br/desafios-para-a-compreensao-do-fenomeno-e-para-o-combate-aos-efeitos-nocivos-da-desinformacao/>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- ARAÚJO, C. A. A. Existe um pensamento informacional Ibero-Americano. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 4 n. 2, p. 31-55, mar./ago. 2018a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4212/3637>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- ARAÚJO, C. A. A; VALENTIM, M. L. P. A ciência da informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. Bibliotecas. **Anales de Investigación** (Cuba), v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/112206>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- ART of the lie. **The Economist**, 10 set. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BEZERRA, A. C.; CAPURRO, R.; SCHNEIDER, M. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4073>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- BOUGNOUX, D. **Sciences de l'information et de la communication**. Paris: Larousse, 1993.
- BOUGNOUX, D. **La communication contre l'information**. Paris: Hachette, 1995.
- BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod\\_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf). Acesso em: 18 jun. 2021.
- BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 19-30, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574/140220>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- BUITONI, D. H. S. **Jornalismo: Linguagens no tempo e no espaço**. Líbero: São Paulo: 2011.
- CAUNE, J. **As relações entre cultura e comunicação**: núcleo epistêmico e forma simbólica. São Paulo: Líbero, 2008.
- CAUNE, J. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. São

Paulo: UNESP, 2014.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de Informação. **Revista Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?lang=pt#>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CNN Novo dia. CNN Brasil. 10 fev. 2021. 1 vídeo (4h50min27s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=X2keDYuySA&list=PL8cUMXM\\_077eIE3o\\_UGm7HmkuU9fQaM](https://www.youtube.com/watch?v=X2keDYuySA&list=PL8cUMXM_077eIE3o_UGm7HmkuU9fQaM). Acesso em: 12 maio 2021.

DEPUTADO usa vídeo editado e fora de contexto para afirmar que governador admite uso da cloroquina no Ceará. Projeto Comprova Publicações. 17 maio 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputado-usa-video-editado-e-fora-de-contexto-para-afirmar-que-governador-admite-uso-da-cloroquina-no-ceara/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

É ENGANOSO que vacina contra covid-19 tenha provocado aumento de morte de crianças. Projeto Comprova Publicações. 10 dez. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-vacina-contracovid-19-tenha-provocado-aumento-de-morte-de-criancas/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

É FALSO que o diretor-geral da OMS tenha se posicionado contra o carnaval de 2022. Projeto Comprova Publicações. 23 nov. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-o-diretor-geral-da-oms-tenha-se-posicionado-contrao-carnaval-de-2022/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

É FALSO que pessoas imunizadas com a vacina da Pfizer se tornem rastreáveis. Projeto Comprova Publicações. 05 nov. 2021b. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-pessoas-imunizadas-com-a-vacina-da-pfizer-se-tornem-rastreaveis/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

É FALSO que órfãos da Polônia são usados em experimentos de vacina da Pfizer e Moderna. Projeto Comprova Publicações. 29 out. 2021c. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-orfaos-da-polonia-sao-usados-em-experimentos-de-vacina-da-pfizer-e-moderna/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

É VERDADEIRO vídeo publicado por Bolsonaro e que mostra comboio levando alimentos para Araraquara. Projeto Comprova Publicações. 06 maio 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-verdadeiro-video-publicado-por-bolsonaro-e-que-mostra-comboio-levando-alimentos-para-araraquara/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ENTENDA a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19: kit de ferramentas de transformação digital – ferramentas de conhecimento. **Organização Pan-americana da Saúde (OPAS); Organização Mundial de Saúde (OMS)**, (2020). Folheto informativo. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=)



HEPP, A.; HASEBRINK, U. Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiaticizadas. **Parágrafo**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 75-90, ago. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333>. Acesso em: 18 jun. 2021.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. *In*: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HITLER: propaganda da W/Brasil para a Folha de S. Paulo (1987). Poder 360. 26 out. 2020. 1 vídeo (1min20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aeweCXBU0g>. Acesso em: 12 maio 2021.

HJØRLAND, B. Theoretical development of information science: a brief history. **Journal of Information Science**, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262917289\\_Theoretical\\_development\\_of\\_information\\_science\\_A\\_brief\\_history](https://www.researchgate.net/publication/262917289_Theoretical_development_of_information_science_A_brief_history). Acesso em: 08 fev. 2022.

IRETON, C.; POSETTI, J. **Manual de jornalismo, fakenews e desinformação**. Série Unesco sobre Educação em Jornalismo. UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 17 abr. 2021.

LAGO, C., BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. S. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAFFESOLI, M. A Comunicação Sem Fim: Teoria pós-moderna da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 20, abr., 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3198/2463/0>. Acesso em: 30 set. 2021.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: ‘A pandemia é o sinal de uma crise civilizatória’. [Entrevista cedida a] Bolívar Torres. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/michel-maffesoli-pandemia-o-sinal-de-uma-crise-civilizatoria-a-1-24346714>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MARTINS, A. A. L. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, [S.l.], v. 33, n. 80, p. 133-155, jun. 2019. Disponível em: <http://revib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58036>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MÉDICO americano engana ao dizer que vacinas ‘enlouquecem’ sistema imunológico e agravam covid-19. Projeto Comprova Publicações. 19 ago. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-americano-engana-ao-dizer-que-vacinas-enlouquecem-sistema-imunologico-e-agravam-covid-19/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MORTE de adolescente não tem relação causal com vacina da Pfizer, ao contrário do que sugere tuíte. Projeto Comprova Publicações. 22 set. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/morte-de-adolescente-nao-tem->

relacao-causal-com-vacina-da-pfizer-ao-contrario-do-que-sugere-tuite/. Acesso em: 15 jul. 2022.

NEVES, D. A. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 39-44, abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/6sTJT9KspCKTJ8TD7L8sgwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2021.

NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E. Por uma episteme mediacional na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/413/412>. Acesso em: 17 abr. 2021.

PEREZ, C.; TRINDADE, E. (org.). **Mediações, perspectivas plurais**. Barueri, RP: Estação das Letras e Cores, 2020.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8068>. Acesso em: 17 abr. 2021.

POSETTI, J.; BONTCHEVA, K. **Desinfodemia**: decifrar a desinformação sobre a Covid-19. UNESCO, 2020. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por). Acesso em: 17 abr. 2021.

PROJETO COMPROVA. Comparar número de mortes por covid em 2020 e 2021 não indica ineficácia da vacinação. **O Povo**, 26 out. 2021b. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/checagemopovo/2021/10/26/comparar-numero-de-mortes-por-covid-em-2020-e-2021-nao-indica-ineficacia-da-vacinacao.html>. Acesso em: 02 abr. 2022.

PROJETO COMPROVA. São verdadeiros exemplos de países com protocolos para cloroquina e cannabis em tuíte de deputado. **O Povo**, 31 maio 2021a. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/checagemopovo/2021/05/31/sao-verdadeiros-exemplos-de-paises-com-protocolos-para-cloroquina-e-cannabis-em-tuite-de-deputado.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PROJETO COMPROVA. Vídeo manipulado deturpa entrevista de presidente da Anvisa para sugerir "risco sanitário grave" na vacinação. **O Povo**, 18 fev. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/checagemopovo/2021/02/18/video-manipulado-deturpa-entrevista-de-presidente-da-anvisa-para-sugerir-risco-sanitario-grave-na-vacinacao.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.

RANKING usado por Bolsonaro não representa a realidade da imunização no país. Projeto Comprova Publicações. 14 jun. 2021. Disponível em: <https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ranking-usado-por-bolsonaro-nao-representa-a-realidade-da-imunizacao-no-pais/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da

informação, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr. 2014. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/147/14730602004.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão.** 2009. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 23–32, 2008. Disponível em:  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229>. Acesso em: 2 out. 2021.

SANTAELLA, L. **De onde vem o poder da mentira?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paullus, 2007.

SANTAELLA, L. Signo é mediação. In: PEREZ, C.; TRINDADE, E. (org.). **Mediações, perspectivas plurais.** Barueri, RP: Estação das Letras e Cores. 2020.

SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. Mediação segundo Peirce e Latour. **Lumina**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 5–21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/31001>. Acesso em: 8 jul. 2023.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes Sociais Digitais: a Cognição Conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS NETO, J. A. **Mediação Implícita da Informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL).** 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Marília, 2014. Disponível em:  
[https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos\\_netto\\_jad\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos_netto_jad_me_mar.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

SANTOS NETO, J. A. **O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos.** 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Marília, 2019. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/11449/181525>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SCHNEIDER, M. *et al.* **iKRITIKA: estudos críticos em informação.** Rio de Janeiro: Garamond. 2019.

SECRETÁRIO de fomento à cultura engana ao dizer que vacinas contra a Covid são experimentais. Projeto Comprova Publicações. 22 nov. 2021. Disponível em:  
<https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/secretario-de-fomento-a-cultura-engana-ao-dizer-que-vacinas-contr-a-covid-sao-experimentais/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SGORLA, F. Discutindo o processo de midiaticização. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/285>. Acesso em: 8 jul. 2021.

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**, [S. l.], n. 2, p. 37-49, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SILVA, G. Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiaticização? In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação & midiaticização [online]**. Salvador: EDUFBA, 2012, 328p. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 2 out. 2021.

SOBRE o Projeto Comprova. Projeto Comprova Publicações. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/about/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

UNIVERSIDADE de Oxford não encontrou ‘fortes indícios’ da eficácia da ivermectina contra a Covid. Projeto Comprova Publicações. 05 nov. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/universidade-de-oxford-nao-encontrou-fortes-indicios-da-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

VACINA contra a Covid-19 é segura e não gera HIV, câncer ou HPV. **O Povo**, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/checagemopovo/2021/11/11/vacina-contra-a-covid-19-e-segura-e-nao-gera-hiv-cancer-ou-hpv.html>. Acesso em: 13 abr. 2022.

VACINA contra Covid não tem efeito magnético. Projeto Comprova Publicações. 05 nov. 2021a. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-contra-covid-nao-tem-efeito-magnetico/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

VACINAS contra covid-19 não provocam câncer, diferentemente do que afirma médico dos EUA. Projeto Comprova Publicações. 23 nov. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-contra-covid-19-nao-provocam-cancer-diferentemente-do-que-afirma-medico-dos-eua/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

VEGA-ALMEIDA, R. L.; FERNANDEZ-MOLINA, J. C.; LINHARES, R. Coordenadas paradigmáticas, históricas y epistemológicas de la Ciencia de la Información: una sistematización. **Revista Information Research**, jun. 2009.

VÍDEO manipulado deturpa entrevista de presidente da Anvisa para sugerir “risco sanitário grave” na vacinação. Projeto Comprova Publicações. 18 fev. 2021. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-manipulado-deturpa-entrevista-de-presidente-da-anvisa-para-sugerir-risco-sanitario-grave-na-vacinacao/>

evista-de-presidente-da-anvisa-para-sugerir-risco-sanitario-grave-na-vacinacao/. Acesso em: 14 mar. 2022.

WORD of the Year 2016. **Oxford Languages**, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

ZARACOSTAS, J. How to fight an infodemic. **The Lancet**, v. 395, n. 10225, p. 676, 29 fev. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext). Acesso em: 2 jul. 2022.

**APÊNDICE A - LISTA DE TODAS AS PUBLICAÇÕES SOBRE COVID-19 FEITAS  
NO PROJETO COMPROVA NO ANO DE 2021**

<b>2021</b>	
<b>DEZEMBRO (12 publicações)</b>	
Dia 17 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-recomendacao-para-fazer-exame-dimero-d-em-vacinados-contra-a-covid/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-recomendacao-para-fazer-exame-dimero-d-em-vacinados-contra-a-covid/</a>	Não há recomendação para fazer exame dímero-D em vacinados contra a covid – <b>Enganoso</b>
Dia 16 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/hospital-desmente-relato-de-medico-sobre-infarto-de-paciente-vacinada-em-campo-grande/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/hospital-desmente-relato-de-medico-sobre-infarto-de-paciente-vacinada-em-campo-grande/</a>	Hospital desmente relato de médico sobre infarto de paciente vacinada em Campo Grande – <b>Falso</b>
Dia 15 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-a-omicron-seja-uma-invencao-para-mascarar-as-reacoes-da-vacina-contra-a-covid-19/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-a-omicron-seja-uma-invencao-para-mascarar-as-reacoes-da-vacina-contra-a-covid-19/</a>	É falso que a ômicron seja uma invenção para mascarar as reações da vacina contra a covid-19 – <b>Falso</b>
Dia 14 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-vacina-contra-polio-causou-cancer-em-98-milhoes-nos-eua/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-vacina-contra-polio-causou-cancer-em-98-milhoes-nos-eua/</a>	É enganoso que vacina contra pólio causou câncer em 98 milhões nos EUA – <b>Enganoso</b>
Dia 13 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuites-enganam-ao-afirmar-que-vacina-da-pfizer-causou-muitas-mortes/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuites-enganam-ao-afirmar-que-vacina-da-pfizer-causou-muitas-mortes/</a>	Tuites enganam ao afirmar que vacina da Pfizer causou ‘muitas mortes’ – <b>Enganoso</b>
Dia 12 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-vacina-contra-covid-19-tenha-provocado-aumento-de-morte-de-criancas/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-vacina-contra-covid-19-tenha-provocado-aumento-de-morte-de-criancas/</a>	É enganoso que vacina contra covid-19 tenha provocado aumento de morte de crianças – <b>Enganoso</b>
Dia 8 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/mutacoes-da-covid-19-nao-descartam-eficacia-e-seguranca-das-vacinas/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/mutacoes-da-covid-19-nao-descartam-eficacia-e-seguranca-das-vacinas/</a>	Mutações da covid-19 não descartam eficácia e segurança das

	vacinas – <b>Enganoso</b>
Dia 7 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-post-novembro-que-cita-cancelamento-carnaval-rio/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-post-novembro-que-cita-cancelamento-carnaval-rio/</a>	É falso post de novembro que cita cancelamento do carnaval no Rio – <b>Falso</b>
Dia 7 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-pesquisador-americano-de-2016-nao-indica-que-chineses-provocaram-pandemia/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-pesquisador-americano-de-2016-nao-indica-que-chineses-provocaram-pandemia/</a>	Frase de pesquisador americano de 2016 não indica que chineses provocaram pandemia – <b>Enganoso</b>
Dia 3 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-a-africa-do-sul-tenha-questionado-a-existencia-da-variante-omicron/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-a-africa-do-sul-tenha-questionado-a-existencia-da-variante-omicron/</a>	É falso que a África do Sul tenha questionado a existência da variante Ômicron – <b>Falso</b>
Dia 3 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-distorce-estudo-para-atacar-vacinas-e-e-desmentida-pelo-autor/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-distorce-estudo-para-atacar-vacinas-e-e-desmentida-pelo-autor/</a>	Médica distorce estudo para atacar vacinas e é desmentida pelo autor – <b>Falso</b>

<b>NOVEMBRO (14 publicações)</b>	
Dia 30 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-espalha-tese-infundada-de-que-vacinados-sao-perigosos-e-devem-ser-isolados/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-espalha-tese-infundada-de-que-vacinados-sao-perigosos-e-devem-ser-isolados/</a>	Médico espalha tese infundada de que vacinados são perigosos e devem ser isolados – <b>Falso</b>
Dia 29 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinacao-em-massa-nao-ampliou-a-taxa-de-mortalidade-por-covid-diferentemente-do-que-afirma-medico/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinacao-em-massa-nao-ampliou-a-taxa-de-mortalidade-por-covid-diferentemente-do-que-afirma-medico/</a>	Vacinação em massa não ampliou a taxa de mortalidade por covid, diferentemente do que afirma médico – <b>Enganoso</b>
Dia 26 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ativista-antivacina-espalha-boatos-sobre-avc-em-pilotos-e-aborto-em-palestra/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ativista-antivacina-espalha-boatos-sobre-avc-em-pilotos-e-aborto-em-palestra/</a>	Ativista antivacina espalha boatos sobre AVC em pilotos e aborto

	em palestra – <b>Falso</b>
Dia 25 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/cdc-nao-coleta-dados-de-pessoas-reinfectadas-transmitindo-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/cdc-nao-coleta-dados-de-pessoas-reinfectadas-transmitindo-covid-19/</a>	CDC não coleta dados de pessoas reinfectadas transmitindo covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 23 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-o-diretor-geral-da-oms-tenha-se-posicionado-contra-o-carnaval-de-2022/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-o-diretor-geral-da-oms-tenha-se-posicionado-contra-o-carnaval-de-2022/</a>	É falso que o diretor-geral da OMS tenha se posicionado contra o carnaval de 2022 – <b>Falso</b>
Dia 22 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/secretario-de-fomento-a-cultura-engana-ao-dizer-que-vacinas-contra-a-covid-sao-experimentais/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/secretario-de-fomento-a-cultura-engana-ao-dizer-que-vacinas-contra-a-covid-sao-experimentais/</a>	Secretário de fomento à cultura engana ao dizer que vacinas contra a covid são experimentais – <b>Enganoso</b>
Dia 19 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/compra-de-mascaras-por-r-288-milhoes-na-pb-foi-erro-de-cadastro-valor-correto-e-r-96-mil/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/compra-de-mascaras-por-r-288-milhoes-na-pb-foi-erro-de-cadastro-valor-correto-e-r-96-mil/</a>	Compra de máscaras por R\$ 28,8 milhões na PB foi erro de cadastro; valor correto é R\$ 9,6 mil – <b>Enganoso</b>
Dia 19 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-relacao-entre-casos-de-mal-subito-em-atletas-e-vacinas-contra-covid/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-relacao-entre-casos-de-mal-subito-em-atletas-e-vacinas-contra-covid/</a>	Não há relação entre casos de mal súbito em atletas e vacinas contra covid – <b>Enganoso</b>
Dia 18 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-diz-video-lei-14-132-nao-e-para-prender-governadores-e-prefeitos-que-adoptam-medidas-restritivas/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-diz-video-lei-14-132-nao-e-para-prender-governadores-e-prefeitos-que-adoptam-medidas-restritivas/</a>	Ao contrário do que diz vídeo, lei 14.132 não é para prender governadores e prefeitos que adotam medidas restritivas – <b>Falso</b>
Dia 12 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/veto-a-carnaval-nao-esta-sujeito-apenas-a-vontade-de-bolsonaro/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/veto-a-carnaval-nao-esta-sujeito-apenas-a-vontade-de-bolsonaro/</a>	Veto a carnaval não está sujeito apenas à

	vontade de Bolsonaro – Enganoso
Dia 12 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-engana-ao-relacionar-eficacia-da-vacina-a-novo-remedio-da-pfizer/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-engana-ao-relacionar-eficacia-da-vacina-a-novo-remedio-da-pfizer/</a>	Médico engana ao relacionar eficácia da vacina a novo remédio da Pfizer – Enganoso
Dia 11 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-contr-a-covid-19-e-segura-e-nao-gera-hiv-cancer-ou-hpv/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-contr-a-covid-19-e-segura-e-nao-gera-hiv-cancer-ou-hpv/</a>	Vacina contra a covid-19 é segura e não gera HIV, câncer ou HPV – Falso
Dia 9 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/seguranca-de-vacina-da-pfizer-para-criancas-foi-atestada-pelo-cdc-monitoramento-de-longo-prazo-e-padrao/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/seguranca-de-vacina-da-pfizer-para-criancas-foi-atestada-pelo-cdc-monitoramento-de-longo-prazo-e-padrao/</a>	Segurança de vacina da Pfizer para crianças foi atestada pelo CDC; monitoramento de longo prazo é padrão – Enganoso
Dia 5 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu-e-pessoas-imunizadas-com-a-vacina-da-pfizer-se-tornem-rastreaveis/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu-e-pessoas-imunizadas-com-a-vacina-da-pfizer-se-tornem-rastreaveis/</a>	É falso que pessoas imunizadas com a vacina da Pfizer se tornem rastreáveis – Falso

**OUTUBRO (14 publicações)**

Dia 29 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/cdc-nao-disse-que-imunidade-natural-e-superior-a-das-vacinas-como-sugere-empresario-indiciado-pela-cpi/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/cdc-nao-disse-que-imunidade-natural-e-superior-a-das-vacinas-como-sugere-empresario-indiciado-pela-cpi/</a>	CDC não disse que imunidade natural é superior à das vacinas, como sugere empresário indiciado pela CPI – Falso
Dia 29 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu-e-orfaos-da-polonia-sao-usados-em-experimentos-de-vacina-da-pfizer-e-moderna/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu-e-orfaos-da-polonia-sao-usados-em-experimentos-de-vacina-da-pfizer-e-moderna/</a>	É falso que órfãos da Polônia são usados em experimentos de vacina da Pfizer

	e Moderna – <b>Falso</b>
Dia 27 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-nobel-de-medicina-de-2007-e-tirada-de-contexto-para-defender-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-nobel-de-medicina-de-2007-e-tirada-de-contexto-para-defender-tratamento-precoce/</a>	Frase de Nobel de Medicina, de 2007, é tirada de contexto para defender “tratamento precoce” – <b>Enganoso</b>
Dia 26 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/comparar-numero-de-mortes-por-covid-em-2020-e-2021-nao-indica-ineficacia-da-vacinacao/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/comparar-numero-de-mortes-por-covid-em-2020-e-2021-nao-indica-ineficacia-da-vacinacao/</a>	Comparar número de mortes por covid em 2020 e 2021 não indica ineficácia da vacinação – <b>Enganoso</b>
Dia 25 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/antiviral-em-teste-da-pfizer-nao-tem-ivermectina-na-formula/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/antiviral-em-teste-da-pfizer-nao-tem-ivermectina-na-formula/</a>	Antiviral em teste da Pfizer não tem ivermectina na fórmula – <b>Falso</b>
Dia 22 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/infectologista-engana-ao-comparar-imunidade-gerada-por-sarampo-febre-amarela-e-hepatite-b-com-a-gerada-por-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/infectologista-engana-ao-comparar-imunidade-gerada-por-sarampo-febre-amarela-e-hepatite-b-com-a-gerada-por-covid-19/</a>	Infectologista engana ao comparar imunidade gerada por sarampo, febre amarela e hepatite B com a gerada por covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 15 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/teste-de-anticorpos-nao-deve-substituir-vacina-contr-a-covid-como-sugere-deputado-do-pr/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/teste-de-anticorpos-nao-deve-substituir-vacina-contr-a-covid-como-sugere-deputado-do-pr/</a>	Teste de anticorpos não deve substituir vacina contra a covid, como sugere deputado do PR – <b>Falso</b>
Dia 15 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuite-engana-ao-dizer-que-vacina-da-pfizer-tem-particulas-contaminantes/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuite-engana-ao-dizer-que-vacina-da-pfizer-tem-particulas-contaminantes/</a>	Tuíte engana ao dizer que vacina da Pfizer tem partículas contaminantes – <b>Enganoso</b>
Dia 13 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu</a>	É falso que documento da Suprema Corte

e-documento-da-suprema-corte-dos-eua-afirme-que-vacinados-contr-a-covid-19-se-tornam-transhumanos/	dos EUA afirme que vacinados contra a covid-19 se tornam transumanos – <b>Falso</b>
Dia 11 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputada-distorce-entrevista-de-diretora-do-cdc-para-criticar-vacinas-e-passaporte-sanitario/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputada-distorce-entrevista-de-diretora-do-cdc-para-criticar-vacinas-e-passaporte-sanitario/</a>	Deputada distorce entrevista de diretora do CDC para criticar vacinas e ‘passaporte sanitário’ – <b>Enganoso</b>
Dia 7 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/numero-d-e-pessoas-infartadas-em-israel-nao-cresceu-apos-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/numero-d-e-pessoas-infartadas-em-israel-nao-cresceu-apos-vacina/</a>	Número de pessoas infartadas em Israel não cresceu após vacina – <b>Enganoso</b>
Dia 6 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/recomendacao-de-anticoagulantes-feita-pela-oms-nao-esta-ligada-a-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/recomendacao-de-anticoagulantes-feita-pela-oms-nao-esta-ligada-a-tratamento-precoce/</a>	Recomendação de anticoagulantes feita pela OMS não está ligada a ‘tratamento precoce’ – <b>Enganoso</b>
Dia 5 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/segunda-dose-da-pfizer-nao-reduz-imunidade-em-quem-ja-teve-covid-ao-contrario-do-que-diz-medica-em-post/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/segunda-dose-da-pfizer-nao-reduz-imunidade-em-quem-ja-teve-covid-ao-contrario-do-que-diz-medica-em-post/</a>	Segunda dose da Pfizer não reduz imunidade em quem já teve covid, ao contrário do que diz médica em post – <b>Enganoso</b>
Dia 1 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-comparar-presidente-austriaco-que-comeu-na-rua-em-ny-com-bolsonaro/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-comparar-presidente-austriaco-que-comeu-na-rua-em-ny-com-bolsonaro/</a>	Post engana ao comparar presidente austriaco que comeu na rua em NY com Bolsonaro – <b>Enganoso</b>

<b>SETEMBRO (11 publicações)</b>	
----------------------------------	--

<p>Dia 29 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-morte-de-jovem-no-rio-grande-do-sul-esteja-associada-a-vacina-contra-covid/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-morte-de-jovem-no-rio-grande-do-sul-esteja-associada-a-vacina-contra-covid/</a></p>	<p>É falso que morte de jovem no Rio Grande do Sul esteja associada à vacina contra covid – <b>Falso</b></p>
<p>Dia 28 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-de-rna-mensageiro-nao-geram-doencas-autoimunes/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-de-rna-mensageiro-nao-geram-doencas-autoimunes/</a></p>	<p>Vacinas de RNA mensageiro não geram doenças autoimunes – <b>Falso</b></p>
<p>Dia 24 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-conexao-entre-distribuicao-de-ivermectina-e-controle-da-pandemia-em-estado-da-india/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-conexao-entre-distribuicao-de-ivermectina-e-controle-da-pandemia-em-estado-da-india/</a></p>	<p>É enganosa conexão entre distribuição de ivermectina e controle da pandemia em estado da Índia – <b>Enganoso</b></p>
<p>Dia 24 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-usa-titulo-sensacionalista-sobre-morte-de-vacinados-contra-a-covid-e-engana-leitores/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-usa-titulo-sensacionalista-sobre-morte-de-vacinados-contra-a-covid-e-engana-leitores/</a></p>	<p>Site usa título sensacionalista sobre morte de vacinados contra a covid e engana leitores – <b>Enganoso</b></p>
<p>Dia 23 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-contra-covid-19-nao-provocam-cancer-diferentemente-do-que-afirma-medico-dos-eua/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-contra-covid-19-nao-provocam-cancer-diferentemente-do-que-afirma-medico-dos-eua/</a></p>	<p>Vacinas contra covid-19 não provocam câncer, diferentemente do que afirma médico dos EUA – <b>Enganoso</b></p>
<p>Dia 22 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/morte-de-adolescente-nao-tem-relacao-causal-com-vacina-da-pfizer-ao-contrario-do-que-sugere-tuite/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/morte-de-adolescente-nao-tem-relacao-causal-com-vacina-da-pfizer-ao-contrario-do-que-sugere-tuite/</a></p>	<p>Morte de adolescente não tem relação causal com vacina da Pfizer, ao contrário do que sugere tuíte – <b>Enganoso</b></p>
<p>Dia 15 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/maioria-dos-paises-europeus-com-taxa-de-vacinados-igual-ou-inferior-ao-brasil-recomenda-uso-de-mascara/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/maioria-dos-paises-europeus-com-taxa-de-vacinados-igual-ou-inferior-ao-brasil-recomenda-uso-de-mascara/</a> recomenda uso de máscara – <b>Enganoso</b></p>	<p>Maioria dos países europeus com taxa de vacinados igual ou inferior ao Brasil</p>
<p>Dia 13 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-comparar-acao-da-vacina-contra-febre-amarela-e-da-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-comparar-acao-da-vacina-contra-febre-amarela-e-da-covid-19/</a></p>	<p>Post engana ao comparar ação da vacina contra febre amarela e da</p>

	covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 9 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-insinuar-que-stf-nao-quis-agir-contradoria-sobre-doses-interditadas-de-coronavac/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-insinuar-que-stf-nao-quis-agir-contradoria-sobre-doses-interditadas-de-coronavac/</a>	Post engana ao insinuar que STF não quis agir contra Doria sobre doses interditadas de Coronavac – <b>Enganoso</b>
Dia 6 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-afirmar-que-empresas-nao-exigem-vacinacao-e-que-ceo-da-pfizer-nao-se-imunizou/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-afirmar-que-empresas-nao-exigem-vacinacao-e-que-ceo-da-pfizer-nao-se-imunizou/</a>	Post engana ao afirmar que empresas não exigem vacinação e que CEO da Pfizer não se imunizou – <b>Enganoso</b>
Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-recomendacao-do-uso-de-mascara-contracovid-siga-palavras-de-vidente-e-nao-estudos-cientificos/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-recomendacao-do-uso-de-mascara-contracovid-siga-palavras-de-vidente-e-nao-estudos-cientificos/</a>	É enganoso que recomendação do uso de máscara contra covid siga palavras de vidente e não estudos científicos – <b>Enganoso</b>

<b>AGOSTO (13 publicações)</b>	
Dia 31 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-nao-traz-evidencias-que-comprovem-eficacia-da-hidroxicloroquina-na-prevencao-a-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-nao-traz-evidencias-que-comprovem-eficacia-da-hidroxicloroquina-na-prevencao-a-covid-19/</a>	Estudo não traz evidências que comprovem eficácia da hidroxicloroquina na prevenção à covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 30 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputada-cita-medico-japones-para-defender-ivermectina-que-nao-tem-eficacia-comprovada-contracovid/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputada-cita-medico-japones-para-defender-ivermectina-que-nao-tem-eficacia-comprovada-contracovid/</a>	Deputada cita médico japonês para defender ivermectina, que não tem eficácia comprovada contra covid – <b>Enganoso</b>
Dia 27 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-sao-eficazes-contravariante-delta-ao-contrario-do-que-diz-medico/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-sao-eficazes-contravariante-delta-ao-contrario-do-que-diz-medico/</a>	Vacinas são eficazes contra variante delta, ao contrário do que diz médico – <b>Enganoso</b>

<p>Dia 24 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-engana-ao-dizer-que-vacinas-contracovid-sao-experimentais/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-engana-ao-dizer-que-vacinas-contracovid-sao-experimentais/</a></p>	<p>Médica engana ao dizer que vacinas contra covid são experimentais – Enganoso</p>
<p>Dia 24 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/taxa-de-mortalidade-por-covid-19-na-suecia-e-mais-do-que-o-dobro-da-media-mundial/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/taxa-de-mortalidade-por-covid-19-na-suecia-e-mais-do-que-o-dobro-da-media-mundial/</a></p>	<p>Taxa de mortalidade por covid-19 na Suécia é mais do que o dobro da média mundial – Enganoso</p>
<p>Dia 20 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-antivacina-inventa-dado-sobre-efeito-colateral-em-criancas-imunizadas-com-pfizer/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-antivacina-inventa-dado-sobre-efeito-colateral-em-criancas-imunizadas-com-pfizer/</a></p>	<p>Site antivacina inventa dado sobre efeito colateral em crianças imunizadas com Pfizer – Falso</p>
<p>Dia 19 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-americano-engana-ao-dizer-que-vacinas-enlouquecem-sistema-imunologico-e-agravam-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-americano-engana-ao-dizer-que-vacinas-enlouquecem-sistema-imunologico-e-agravam-covid-19/</a> e agravam covid-19 – Enganoso</p>	<p>Médico americano engana ao dizer que vacinas ‘enlouquecem’ sistema imunológico</p>
<p>Dia 18 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/internacao-de-silvio-santos-por-covid-19-nao-indica-ineficacia-da-coronavac/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/internacao-de-silvio-santos-por-covid-19-nao-indica-ineficacia-da-coronavac/</a></p>	<p>Internação de Silvio Santos por covid-19 não indica ineficácia da Coronavac – Enganoso</p>
<p>Dia 16 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-dizer-que-cdc-recomendou-suspensao-da-aplicacao-da-vacina-da-janssen-recentemente/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-dizer-que-cdc-recomendou-suspensao-da-aplicacao-da-vacina-da-janssen-recentemente/</a> vacina da Janssen recentemente – Enganoso</p>	<p>Post engana ao dizer que CDC recomendou suspensão da aplicação da</p>
<p>Dia 13 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-usa-dados-fora-de-contexto-de-hospital-de-israel-para-acusar-cdc-de-mentir-sobre-casos-de-covid-em-pessoas-nao-vacinadas/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medica-usa-dados-fora-de-contexto-de-hospital-de-israel-para-acusar-cdc-de-mentir-sobre-casos-de-covid-em-pessoas-nao-vacinadas/</a></p>	<p>Médica usa dados fora de contexto de hospital de Israel para acusar CDC de mentir sobre casos de covid em pessoas não vacinadas – Enganoso</p>

<p>Dia 10 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-afirmar-que-cdc-e-fauci-nao-acreditam-na-eficacia-das-vacinas/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-afirmar-que-cdc-e-fauci-nao-acreditam-na-eficacia-das-vacinas/</a></p>	<p>Post engana ao afirmar que CDC e Fauci não acreditam na eficácia das vacinas – Enganoso</p>
<p>Dia 6 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/boato-tira-de-contexto-estudo-com-adolescentes-nos-eua-para-atacar-vacina-da-pfizer/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/boato-tira-de-contexto-estudo-com-adolescentes-nos-eua-para-atacar-vacina-da-pfizer/</a></p>	<p>Boato tira de contexto estudo com adolescentes nos EUA para atacar vacina da Pfizer – Enganoso</p>
<p>Dia 5 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ministerio-da-saude-de-israel-nega-que-seus-dados-permitam-concluir-sobre-imunidade-de-infectados/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ministerio-da-saude-de-israel-nega-que-seus-dados-permitam-concluir-sobre-imunidade-de-infectados/</a></p>	<p>Ministério da Saúde de Israel nega que seus dados permitam concluir sobre imunidade de infectados – Enganoso</p>

<b>JULHO (13 publicações)</b>	
<p>Dia 29 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-engana-ao-afirmar-que-anvisa-confessa-ineficacia-de-mascaras-contr-a-covid/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-engana-ao-afirmar-que-anvisa-confessa-ineficacia-de-mascaras-contr-a-covid/</a></p>	<p>Site engana ao afirmar que Anvisa ‘confessa ineficácia de máscaras’ contra a covid – Enganoso</p>
<p>Dia 23 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-frances-em-hamsters-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contr-a-covid-19-em-humanos/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-frances-em-hamsters-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contr-a-covid-19-em-humanos/</a></p>	<p>Estudo francês em hamsters não prova eficácia da ivermectina contra a covid-19 em humanos – Enganoso</p>
<p>Dia 22 -  <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/exame-sorologico-nao-prova-que-vacinas-deixam-de-proteger/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/exame-sorologico-nao-prova-que-vacinas-deixam-de-proteger/</a></p>	<p>Exame sorológico não prova que vacinas deixam de proteger – Enganoso</p>
<p><a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-desacreditar-eficacia-das-vacinas-contr-a-covid-19/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-engana-ao-desacreditar-eficacia-das-vacinas-contr-a-covid-19/</a></p>	<p>Post engana ao desacreditar</p>

	eficácia das vacinas contra a covid-19 – Enganoso
<a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-com-partilhado-por-damare-nao-atribui-suicidios-de-criancas-a-isolamento-na-pandemia/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-com-partilhado-por-damare-nao-atribui-suicidios-de-criancas-a-isolamento-na-pandemia/</a>	Estudo compartilhado por Damare não atribui suicídios de crianças a isolamento na pandemia – Enganoso
Dia 19 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-policia-tenha-prendido-enfermeiro-impostor-em-hospital-onde-bolsonaro-foi-internado/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-policia-tenha-prendido-enfermeiro-impostor-em-hospital-onde-bolsonaro-foi-internado/</a>	É falso que polícia tenha prendido enfermeiro impostor em hospital onde Bolsonaro foi internado – Falso
Dia 16 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/diagnostico-positivo-de-doria-nao-indica-ineficacia-da-coronavac/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/diagnostico-positivo-de-doria-nao-indica-ineficacia-da-coronavac/</a>	Diagnóstico positivo de Doria não indica ineficácia da Coronavac – Falso
Dia 14 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-e-insuficiente-para-comprovar-eficacia-da-ivermectina-contra-covid-19/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-e-insuficiente-para-comprovar-eficacia-da-ivermectina-contra-covid-19/</a>	Estudo é insuficiente para comprovar eficácia da ivermectina contra covid-19 – Enganoso
Dia 9 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudos-nao-comprovam-que-a-curcuma-ajuda-a-combater-a-covid-19/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudos-nao-comprovam-que-a-curcuma-ajuda-a-combater-a-covid-19/</a>	Estudos não comprovam que a cúrcuma ajuda a combater a covid-19 – Enganoso
Dia 7 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/infeccao-de-rodrigo-faro-nao-prova-ineficacia-da-vacina-contra-a-covid-19/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/infeccao-de-rodrigo-faro-nao-prova-ineficacia-da-vacina-contra-a-covid-19/</a>	Infecção de Rodrigo Faro não prova ineficácia da vacina contra

	a covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 6 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/doses-da-janssen-doadas-pelos-eua-ao-brasil-estavam-aptas-para-uso-e-foram-aprovadas-pela-anvisa/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/doses-da-janssen-doadas-pelos-eua-ao-brasil-estavam-aptas-para-uso-e-foram-aprovadas-pela-anvisa/</a>	Doses da Janssen doadas pelos EUA ao Brasil estavam aptas para uso e foram aprovadas pela Anvisa – <b>Enganoso</b>
Dia 5 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sp-recebeu-r-57-bi-do-governo-federal-para-combater-pandemia-e-nao-r-135-bi/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sp-recebeu-r-57-bi-do-governo-federal-para-combater-pandemia-e-nao-r-135-bi/</a>	SP recebeu R\$ 5,7 bi do governo federal para combater pandemia, e não R\$ 135 bi – <b>Enganoso</b>
Dia 5 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-provas-que-renan-calheiros-soubesse-de-irregularidades-na-compra-da-covaxin/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-provas-que-renan-calheiros-soubesse-de-irregularidades-na-compra-da-covaxin/</a>	Não há provas que Renan Calheiros soubesse de irregularidades na compra da Covaxin – <b>Enganoso</b>

<b>JUNHO (22 publicações)</b>	
Dia 29 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-irmaos-miranda-forjaram-recibos-da-compra-da-covaxin-para-prejudicar-bolsonaro/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-irmaos-miranda-forjaram-recibos-da-compra-da-covaxin-para-prejudicar-bolsonaro/</a>	É falso que irmãos Miranda forjaram recibos da compra da Covaxin para prejudicar Bolsonaro – <b>Falso</b>
Dia 25 - <a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/universidade-de-oxford-nao-encontrou-fortes-indicios-da-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/universidade-de-oxford-nao-encontrou-fortes-indicios-da-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid/</a>	Universidade de Oxford não encontrou ‘fortes indícios’ da eficácia da ivermectina contra a covid – <b>Enganoso</b>
<a href="https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-e-mail-de-anthony-fauci-mostrado-no-fantastico-prove-origem-do-coronavirus-em-laboratorio/">https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-e-mail-de-anthony-fauci-mostrado-no-fantastico-prove-origem-do-coronavirus-em-laboratorio/</a>	É enganoso que e-mail de Anthony Fauci mostrado no

	Fantástico prove origem do coronavírus em laboratório – Enganoso
Dia 22 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudos-fr audados-nao-deslegitimam-artigos-que-comprovam-ineficacia-da-cloroq uina-contra-a-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudos-fr audados-nao-deslegitimam-artigos-que-comprovam-ineficacia-da-cloroq uina-contra-a-covid-19/</a>	Estudos fraudados não deslegitimam artigos que comprovam ineficácia da cloroquina contra a covid-19 – Enganoso
Dia 21 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu e-senadores-republicanos-tenham-descoberto-origem-da-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-qu e-senadores-republicanos-tenham-descoberto-origem-da-covid-19/</a>	É falso que senadores republicanos tenham descoberto origem da covid-19 – Falso
Dia 18 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-que -mostra-o-governador-da-bahia-dancando-forro-e-de-antes-da-pandemia /">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-que -mostra-o-governador-da-bahia-dancando-forro-e-de-antes-da-pandemia /</a>	Vídeo que mostra o governador da Bahia dançando forró é de antes da pandemia – Enganoso
Dia 17 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-c ontra-a-covid-19-usadas-no-brasil-passaram-por-testes-de-seguranca-ao-contrario-do-que-diz-deputado/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacinas-c ontra-a-covid-19-usadas-no-brasil-passaram-por-testes-de-seguranca-ao-contrario-do-que-diz-deputado/</a>	Vacinas contra a covid-19 usadas no Brasil passaram por testes de segurança, ao contrário do que diz deputado – Falso
<a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos o-post-que-compara-falas-de-biden-e-bolsonaro-sobre-dispensa-do-uso-de-mascara/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos o-post-que-compara-falas-de-biden-e-bolsonaro-sobre-dispensa-do-uso-de-mascara/</a>	É enganoso post que compara falas de Biden e Bolsonaro sobre dispensa do uso de máscara – Enganoso
Dia 16 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contra rio-do-que-afirma-post-ivermectina-em-altas-doses-pode-causar-ate-con vulsao/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contra rio-do-que-afirma-post-ivermectina-em-altas-doses-pode-causar-ate-con vulsao/</a>	Ao contrário do que afirma post, ivermectina em altas doses pode causar até

	convulsão – <b>Enganoso</b>
Dia 15 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-com-hidroxicloroquina-nao-comprova-eficacia-no-tratamento-precoce/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-com-hidroxicloroquina-nao-comprova-eficacia-no-tratamento-precoce/</a> <b>Enganoso</b>	Estudo com hidroxicloroquina não comprova eficácia no ‘tratamento precoce’ –
Dia 15 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-e-jogador-dinamarques-tenha-se-vacinado-antes-de-sofrer-mal-subito/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-e-jogador-dinamarques-tenha-se-vacinado-antes-de-sofrer-mal-subito/</a>	É falso que jogador dinamarquês tenha se vacinado antes de sofrer mal súbito – <b>Falso</b>
Dia 14 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-contracovid-nao-tem-efeito-magnetico/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-contracovid-nao-tem-efeito-magnetico/</a>	Vacina contra covid não tem efeito magnético – <b>Falso</b>
Dia 14 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ranking-usado-por-bolsonaro-nao-representa-a-realidade-da-imunizacao-no-pais/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ranking-usado-por-bolsonaro-nao-representa-a-realidade-da-imunizacao-no-pais/</a>	Ranking usado por Bolsonaro não representa a realidade da imunização no país – <b>Enganoso</b>
Dia 11 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-sem-revisao-tem-falhas-e-nao-prova-que-uso-de-mascaras-e-ineficaz-contracovid-19/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-sem-revisao-tem-falhas-e-nao-prova-que-uso-de-mascaras-e-ineficaz-contracovid-19/</a>	Estudo sem revisão tem falhas e não prova que uso de máscaras é ineficaz contra covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 11 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/agencias-reguladoras-descartam-risco-de-infertilidade-de-vacinados/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/agencias-reguladoras-descartam-risco-de-infertilidade-de-vacinados/</a>	Agências reguladoras negam risco de infertilidade de vacinados – <b>Falso</b>
Dia 10 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-postagem-que-afirma-que-brasil-vacinou-11-da-populacao-antes-da-alemanha/">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-postagem-que-afirma-que-brasil-vacinou-11-da-populacao-antes-da-alemanha/</a>	É enganosa postagem que afirma que Brasil vacinou 11% da população antes da Alemanha – <b>Enganoso</b>
Dia 8 - <a href="https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/indicacao">https://projetoacomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/indicacao</a>	Indicação de defensor da cloroquina ao

-de-defensor-da-cloroquina-ao-nobel-da-paz-nao-pode-ser-confirmada-e-nem-respalda-tratamento/ e nem respalda tratamento –Enganoso	Nobel da Paz não pode ser confirmada
Dia 8 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-daniel-alves-de-2019-e-tirada-de-contexto-para-defender-bolsonaro-e-atacar-tite-sobre-copa-america/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/frase-de-daniel-alves-de-2019-e-tirada-de-contexto-para-defender-bolsonaro-e-atacar-tite-sobre-copa-america/</a>	Frase de Daniel Alves de 2019 é tirada de contexto para defender Bolsonaro e atacar Tite sobre Copa América – Enganoso
Dia 8 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/posts-enganam-ao-comparar-spray-nasal-patenteado-com-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/posts-enganam-ao-comparar-spray-nasal-patenteado-com-tratamento-precoce/</a>	Posts enganam ao comparar spray nasal patenteado com tratamento precoce – Enganoso
Dia 7 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-tira-de-contexto-e-mails-de-anthony-fauci-sobre-mascaras-e-origem-do-coronavirus/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-tira-de-contexto-e-mails-de-anthony-fauci-sobre-mascaras-e-origem-do-coronavirus/</a>	Site tira de contexto e-mails de Anthony Fauci sobre máscaras e origem do coronavírus – Enganoso
Dia 4 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-uniao-repassou-r-420-bi-para-os-estados-combaterem-a-pandemia/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-que-uniao-repassou-r-420-bi-para-os-estados-combaterem-a-pandemia/</a>	É enganoso que União repassou R\$ 420 bi para os estados combaterem a pandemia – Enganoso
Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuites-tiram-live-de-contexto-para-insinuar-que-senador-defende-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuites-tiram-live-de-contexto-para-insinuar-que-senador-defende-tratamento-precoce/</a>	Tuites tiram live de contexto para insinuar que senador defende tratamento precoce – Enganoso
<b>MAIO (16 publicações)</b>	
Dia 31 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sao-verdadeiros-exemplos-de-paises-com-protocolos-para-cloroquina-e-cannabis-em-tuite-de-deputado/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sao-verdadeiros-exemplos-de-paises-com-protocolos-para-cloroquina-e-cannabis-em-tuite-de-deputado/</a>	São verdadeiros exemplos de países com protocolos para cloroquina e cannabis em tuíte de

	deputado – <b>Comprovado</b>
Dia 27 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-tuite-que-afirma-que-oms-recomendou-3a-dose-de-coronavac/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-tuite-que-afirma-que-oms-recomendou-3a-dose-de-coronavac/</a>	É falso tuíte que afirma que OMS recomendou 3ª dose de Coronavac – <b>Falso</b>
Dia 27 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-evidencias-de-que-morte-de-ator-indiano-esteja-associada-a-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-ha-evidencias-de-que-morte-de-ator-indiano-esteja-associada-a-vacina/</a> <b>Enganoso</b>	Não há evidências de que morte de ator indiano esteja associada à vacina –
Dia 25 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-engana-ao-afirmar-em-video-que-hidroxicloroquina-e-eficaz-contra-covid/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-engana-ao-afirmar-em-video-que-hidroxicloroquina-e-eficaz-contra-covid/</a>	Médico engana ao afirmar, em vídeo, que hidroxicloroquina é eficaz contra covid – <b>Enganoso</b>
Dia 21 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuite-engana-ao-sugerir-que-bolsonaro-recusou-oferta-anterior-da-pfizer-para-conseguir-mais-vacinas/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuite-engana-ao-sugerir-que-bolsonaro-recusou-oferta-anterior-da-pfizer-para-conseguir-mais-vacinas/</a>	Tuíte engana ao sugerir que Bolsonaro recusou oferta anterior da Pfizer para conseguir mais vacinas – <b>Enganoso</b>
Dia 20 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/pesquisa-na-cidade-do-mexico-nao-e-capaz-de-provar-reducao-de-internacoes-por-covid-19-com-ivermectina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/pesquisa-na-cidade-do-mexico-nao-e-capaz-de-provar-reducao-de-internacoes-por-covid-19-com-ivermectina/</a>	Pesquisa na Cidade do México não é capaz de provar redução de internações por covid-19 com ivermectina – <b>Enganoso</b>
Dia 19 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-afirma-deputado-estudo-de-vencedor-do-nobel-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-afirma-deputado-estudo-de-vencedor-do-nobel-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid/</a>	Ao contrário do que afirma deputado, estudo de vencedor do Nobel não prova eficácia da ivermectina contra a covid – <b>Enganoso</b>

<p>Dia 17 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputado-usa-video-editado-e-fora-de-contexto-para-afirmar-que-governador-admite-uso-da-cloroquina-no-ceara/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/deputado-usa-video-editado-e-fora-de-contexto-para-afirmar-que-governador-admite-uso-da-cloroquina-no-ceara/</a></p>	<p>Deputado usa vídeo editado e fora de contexto para afirmar que governador admite uso da cloroquina no Ceará –  Enganoso</p>
<p>Dia 14 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-distorce-noticia-de-tv-australiana-para-alegar-que-china-testou-o-coronavirus-como-arma-biologica/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/site-distorce-noticia-de-tv-australiana-para-alegar-que-china-testou-o-coronavirus-como-arma-biologica/</a></p>	<p>Site distorce notícia de TV australiana para alegar que China testou o coronavírus como arma biológica –  Enganoso</p>
<p>Dia 12 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-distorce-entrevista-para-sugerir-que-medico-roberto-kalil-filho-apoia-uso-amplo-da-cloroquina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/post-distorce-entrevista-para-sugerir-que-medico-roberto-kalil-filho-apoia-uso-amplo-da-cloroquina/</a></p>	<p>Post distorce entrevista para sugerir que médico Roberto Kalil Filho apoia uso amplo da cloroquina –  Enganoso</p>
<p>Dia 12 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-coronavac-foi-proibida-nos-eua-e-na-europa/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-coronavac-foi-proibida-nos-eua-e-na-europa/</a></p>	<p>É enganoso que Coronavac foi proibida nos EUA e na Europa  –Enganoso</p>
<p>Dia 11 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-tuitte-afirmando-que-pazuella-viajou-para-os-eua-com-passaporte-diplomatico/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-tuitte-afirmando-que-pazuella-viajou-para-os-eua-com-passaporte-diplomatico/</a></p>	<p>É falso tuíte afirmando que Pazuella viajou para os EUA com passaporte diplomático –  Falso</p>
<p>Dia 7 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-que-associa-doria-e-lulinha-na-compra-da-coronavac-e-falsa/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-que-associa-doria-e-lulinha-na-compra-da-coronavac-e-falsa/</a></p>	<p>Postagem que associa Doria e Lulinha na compra da Coronavac é falsa –Falso</p>
<p>Dia 6 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-verdadeiro-video-publicado-por-bolsonaro-e-que-mostra-comboio-levando-alimentos-para-araraquara/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-verdadeiro-video-publicado-por-bolsonaro-e-que-mostra-comboio-levando-alimentos-para-araraquara/</a></p>	<p>É verdadeiro vídeo publicado por Bolsonaro e que mostra comboio</p>

	levando alimentos para Araraquara – <b>Comprovado</b>
Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/posicionamento-da-oms-e-retirado-de-contexto-para-apoiar-falas-de-bolsonaro-contra-o-isolamento-social/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/posicionamento-da-oms-e-retirado-de-contexto-para-apoiar-falas-de-bolsonaro-contra-o-isolamento-social/</a> contra o isolamento social – <b>Enganoso</b>	Posicionamento da OMS é retirado de contexto para apoiar falas de Bolsonaro
Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-sugere-motivacao-politica-para-anvisa-recusar-vacina-sputnik-v-mas-especialistas-apontam-criterios-tecnicos/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-sugere-motivacao-politica-para-anvisa-recusar-vacina-sputnik-v-mas-especialistas-apontam-criterios-tecnicos/</a>	Postagem sugere motivação política para Anvisa recusar vacina Sputnik V, mas especialistas apontam critérios técnicos – <b>Enganoso</b>

<b>ABRIL (5 publicações)</b>	
Dia 30 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-post-de-carlos-bolsonaro-que-acusa-flavio-dino-de-defender-uso-da-cloroquina-contra-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganos-o-post-de-carlos-bolsonaro-que-acusa-flavio-dino-de-defender-uso-da-cloroquina-contra-covid-19/</a>	É enganoso post de Carlos Bolsonaro que acusa Flávio Dino de defender uso da cloroquina contra covid-19 – <b>Enganoso</b>
Dia 28 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/protocolo-italiano-para-atendimento-domiciliar-contra-covid-19-nao-tem-relacao-com-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/protocolo-italiano-para-atendimento-domiciliar-contra-covid-19-nao-tem-relacao-com-tratamento-precoce/</a>	Protocolo italiano para atendimento domiciliar contra covid-19 não tem relação com “tratamento precoce” – <b>Enganoso</b>
Dia 22 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/oms-nao-indica-ivermectina-para-tratamento-da-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/oms-nao-indica-ivermectina-para-tratamento-da-covid-19/</a>	OMS não indica ivermectina para tratamento da covid-19 – <b>Enganoso</b>

<p><a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-52-municipios-zeraram-o-numero-de-mortes-por-covid-19-ao-adotarem-o-chamado-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-52-municipios-zeraram-o-numero-de-mortes-por-covid-19-ao-adotarem-o-chamado-tratamento-precoce/</a></p>	<p>É falso que 52 municípios zeraram o número de mortes por covid-19 ao adotarem o chamado 'tratamento precoce' – Falso</p>
<p>Dia 19 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/media-de-mortes-em-2020-nao-foi-menor-que-em-2019/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/media-de-mortes-em-2020-nao-foi-menor-que-em-2019/</a></p>	<p>Média de mortes em 2020 não foi menor que em 2019 – Enganoso</p>

<b>MARÇO (1 publicação)</b>	
<p>Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-buzios-zerou-casos-de-covid-pos-carnaval-gracas-a-tratamento-precoce/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-buzios-zerou-casos-de-covid-pos-carnaval-gracas-a-tratamento-precoce/</a></p>	<p>É falso que Búzios zerou casos de covid pós-Carnaval graças a “tratamento precoce” – Falso</p>

<b>FEVEREIRO (9 publicações)</b>	
<p>Dia 18 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-manipulado-deturpa-entrevista-de-presidente-da-anvisa-para-sugerir-risco-sanitario-grave-na-vacinacao/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-manipulado-deturpa-entrevista-de-presidente-da-anvisa-para-sugerir-risco-sanitario-grave-na-vacinacao/</a></p>	<p>Vídeo manipulado deturpa entrevista de presidente da Anvisa para sugerir “risco sanitário grave” na vacinação – Falso</p>
<p>Dia 17 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-post-no-facebook-sobre-morte-de-medico-por-covid-19-apos-tomar-a-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-post-no-facebook-sobre-morte-de-medico-por-covid-19-apos-tomar-a-vacina/</a></p>	<p>É enganoso post no Facebook sobre morte de médico por covid-19 após tomar a vacina – Enganoso</p>
<p>Dia 15 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medidas-de-protecao-contra-a-covid-19-ainda-deverao-ser-mantidas-apos-o-recebimento-das-doses-da-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medidas-de-protecao-contra-a-covid-19-ainda-deverao-ser-mantidas-apos-o-recebimento-das-doses-da-vacina/</a></p>	<p>Medidas de proteção contra a covid-19 ainda deverão ser mantidas após o recebimento das doses da vacina – Comprovado</p>

Dia 12 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-post-que-atribui-morte-de-idoso-a-coronavac/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-post-que-atribui-morte-de-idoso-a-coronavac/</a>	É enganoso post que atribui morte de idoso à CoronaVac – Enganoso
Dia 9 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-eua-estejam-distribuindo-ivermectina-e-leite-condensado-a-vacinados/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-eua-estejam-distribuindo-ivermectina-e-leite-condensado-a-vacinados/</a>	É falso que EUA estejam distribuindo ivermectina e leite condensado a vacinados – Falso
Dia 9 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/facebook-restaurou-post-sobre-hidroxicloroquina-mas-mantem-politica-de-remocao-de-desinformacao-sobre-a-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/facebook-restaurou-post-sobre-hidroxicloroquina-mas-mantem-politica-de-remocao-de-desinformacao-sobre-a-covid-19/</a>	Facebook restaurou post sobre hidroxicloroquina, mas mantém política de remoção de desinformação sobre a covid-19 – Enganoso
Dia 5 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-afirma-deputado-doria-nao-recebeu-r19-bilhoes-da-uniao-para-o-combate-a-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/ao-contrario-do-que-afirma-deputado-doria-nao-recebeu-r19-bilhoes-da-uniao-para-o-combate-a-covid-19/</a>	Ao contrário do que afirma deputado, Doria não recebeu R\$19 bilhões da União para o combate à covid-19 – Enganoso
Dia 4 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-usa-video-de-2018-para-afirmar-que-idosa-morreu-apos-tomar-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/postagem-usa-video-de-2018-para-afirmar-que-idosa-morreu-apos-tomar-vacina/</a>	Postagem usa vídeo de 2018 para afirmar que idosa morreu após tomar vacina – Enganoso
Dia 3 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/jogador-de-beisebol-dos-eua-hank-aaron-morreu-de-causas-naturais-e-nao-por-conta-da-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/jogador-de-beisebol-dos-eua-hank-aaron-morreu-de-causas-naturais-e-nao-por-conta-da-vacina/</a>	Jogador de beisebol dos EUA, Hank Aaron morreu de causas naturais e não por conta da vacina – Falso

**JANEIRO (12 publicações)**

Dia 26 - <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/repasse-d">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/repasse-d</a>	Repasse de R\$ 8,9 bilhões do
---	-------------------------------

<p>e-r-89-bilhoes-do-governo-federal-ao-amazonas-nao-foi-exclusivo-para-combate-a-pandemia/</p>	<p>governo federal ao Amazonas não foi exclusivo para combate à pandemia – Enganoso</p>
<p>Dia 25 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/recem-no-meados-medicos-foram-vacinados-no-primeiro-dia-de-imunizacao-em-manau/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/recem-no-meados-medicos-foram-vacinados-no-primeiro-dia-de-imunizacao-em-manau/</a></p>	<p>Recém-nomeados, médicos foram vacinados no primeiro dia de imunização em Manaus – Comprovado</p>
<p>Dia 22 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-imunogenicidade-da-coronavac-ofereca-risco-anvisa-pediudados-complementares-e-nao-questionou-seguranca/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-imunogenicidade-da-coronavac-ofereca-risco-anvisa-pediudados-complementares-e-nao-questionou-seguranca/</a></p>	<p>É enganoso que imunogenicidade da CoronaVac ofereça risco; Anvisa pediu dados complementares e não questionou segurança – Enganoso</p>
<p>Dia 20 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-eficacia-da-coronavac-seja- apenas-038-superior-ao-placebo/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-eficacia-da-coronavac-seja- apenas-038-superior-ao-placebo/</a></p>	<p>É falso que eficácia da CoronaVac seja apenas 0,38% superior ao placebo – Falso</p>
<p>Dia 19 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/revisao-de-estudo-publicado-no-site-do-ms-nao-garante-eficacia-da-hidroxicloroquina-no-tratamento-preventivo- contra-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/revisao-de-estudo-publicado-no-site-do-ms-nao-garante-eficacia-da-hidroxicloroquina-no-tratamento-preventivo- contra-covid-19/</a></p>	<p>Revisão de estudo publicado no site do MS não garante eficácia da hidroxicloroquina no tratamento preventivo contra covid-19 – Enganoso</p>
<p>Dia 19 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-enfermeira-que-recebeu-a-primeira-dose-da-coronavac-ja-estivesse-imunizada/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-enfermeira-que-recebeu-a-primeira-dose-da-coronavac-ja-estivesse-imunizada/</a></p>	<p>É falso que enfermeira que recebeu a primeira dose da CoronaVac já estivesse imunizada – Falso</p>
<p>Dia 18 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sao-enga">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/sao-enga</a></p>	<p>São enganosas as postagens que dizem que os</p>

<p>nos-as-postagens-que-dizem-que-os-vacinados-pela-coronavac-estara-o-protegidos-pela-metade/</p>	<p>vacinados pela CoronaVac estarão protegidos pela metade – Enganoso</p>
<p>Dia 18 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/segunda-dose-da-coronavac-nao-esta-relacionada-a-taxa-de-eficacia-da-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/segunda-dose-da-coronavac-nao-esta-relacionada-a-taxa-de-eficacia-da-vacina/</a></p>	<p>Segundas doses servem de reforço e são comuns em programas de vacinação – Enganoso</p>
<p>Dia 15 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/distribuicao-em-massa-de-ivermectina-nao-esta-ligada-aos-numeros-da-covid-19-na-africa/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/distribuicao-em-massa-de-ivermectina-nao-esta-ligada-aos-numeros-da-covid-19-na-africa/</a></p>	<p>Distribuição em massa de ivermectina não está ligada aos números da covid-19 na África – Enganoso</p>
<p>Dia 12 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-descontextualiza-manual-da-pfizer-para-sugerir-alteracoes-geneticas-pela-vacina/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-descontextualiza-manual-da-pfizer-para-sugerir-alteracoes-geneticas-pela-vacina/</a></p>	<p>Médico descontextualiza manual da Pfizer para sugerir alterações genéticas pela vacina – Enganoso</p>
<p>Dia 11 -  <a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-sobre-plasma-equino-esta-em-fase-inicial-e-nao-prova-que-e-a-cura-para-covid-19/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-sobre-plasma-equino-esta-em-fase-inicial-e-nao-prova-que-e-a-cura-para-covid-19/</a></p>	<p>Estudo sobre plasma equino está em fase inicial e não prova que é a cura para covid-19 – Enganoso</p>
<p><a href="https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/reportagem-da-globo-que-indica-nao-usar-mascaras-e-de-marco-de-2020-recomendacao-mudou/">https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/reportagem-da-globo-que-indica-nao-usar-mascaras-e-de-marco-de-2020-recomendacao-mudou/</a></p>	<p>Reportagem da Globo que indica não usar máscaras é de março de 2020; recomendação mudou – Enganoso</p>